



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**



**CENTRO DE HUMANIDADES**

**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO**

**A NATUREZA EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ: VOOS DE LEITURAS E  
POUSO NA RECEPÇÃO EM SALA DE AULA**

LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA

Campina Grande-PB

2021

LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA

**A NATUREZA EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ: VOOS DE LEITURAS E  
POUSO NA RECEPÇÃO EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, na linha de pesquisa em Ensino de Literatura e Formação de Leitores, como requisito para obtenção do título de Mestre.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Naelza de Araújo Wanderley

Campina Grande-PB

2021

S586n Silva, Lucicláudia Alves da.  
A natureza em poemas de Patativa do Assaré: voos de leituras e pouso na recepção em sala de aula / Lucicláudia Alves da Silva. – Campina Grande, 2021.  
135 f. : il. : color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.  
"Orientação: Profª. Drª. Naelza de Araújo Wanderley".  
Referências.

1. Natureza. 2. Literatura Popular. 3. Patativa do Assaré (1909-2002). 4. Recepção. I. Wanderley, Naelza de Araújo. II. Título.

CDU 82-91(043)

LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA

**A NATUREZA EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ: VOOS DE LEITURAS E  
POUSO NA RECEPÇÃO EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, na linha de pesquisa em Ensino de Literatura e Formação de Leitores, como requisito para obtenção do título de Mestre.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Naelza de Araújo Wanderley  
(Orientadora UFCG/ PPGLE)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian de Oliveira Rodrigues  
(Examinadora externa/ UFRN)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. José Hélder Pinheiro Alves  
(Examinador interno/ UFCG)

Aprovada em 09/ 03/ 2021.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LINGUAGEM E ENSINO  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

## REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Ata da **293** Sessão Pública de defesa de Dissertação para conferir o Grau de Mestre em Linguagem e Ensino a **Lucicláudia Alves da Silva**.

1. Aos 09 dias do mês de março do ano de 2021, às 14:30 horas, através da sala virtual Google Meet em sessão pública, a Banca Examinadora presidida pelo(a) Prof(a). Dr(a). Naelza de Araújo Wanderley, UFCG, orientadora, e composta pelo(a) Prof(a). Dr(a). José Helder Pinheiro Alves, (UFCG/PPGLE), na qualidade de membro titular interno, pela Prof(a). Dr(a). Lílian de Oliveira Rodrigues, (UERN), na qualidade de membro titular externo, reuniu-se para julgamento da Dissertação de Mestrado do(a) discente Lucicláudia Alves da Silva, intitulada: **“A Natureza em Poemas de Patativa do Assaré: Voos de Leituras e Pousos na Recepção em Sala de Aula”**.
2. A sessão foi aberta pelo(a) presidente que apresentou os integrantes da Banca Examinadora e passou a palavra ao(à) mestrando(a). Este(a) fez a exposição do seu trabalho, sendo seguida das arguições dos examinadores(as).
3. Logo após, o(a) presidente da Banca Examinadora solicitou aos presentes que se retirassem da sala virtual e voltassem em 20 minutos para ouvir o parecer da banca sobre o trabalho apresentado.
4. Após análise do mérito da Dissertação, do desempenho do(a) candidato(a) durante a apresentação e arguição do trabalho e, em conformidade com o artigo 80 do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, a Banca Examinadora informou ao candidato que o trabalho obteve nota **8,5(oito vírgula cinco)** correspondente ao conceito APROVADO.
5. Nada mais havendo a tratar, Eu JOSÉ NOBERTO TAVARES JÚNIOR, SIAPE 2012524, Secretário do PPGLE, lavro e assino a presente Ata, lida e aprovada pela banca examinadora, que a assina conjuntamente.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE NOBERTO TAVARES JUNIOR, SECRETÁRIO (A)**, em 09/03/2021, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **NAELZA DE ARAUJO WANDERLEY, PROFESSOR 3 GRAU**, em 09/03/2021, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Luciclaúdia Alves da Silva, Usuário Externo**, em 09/03/2021, às 16:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Lilian de Oliveira Rodrigues, Usuário Externo**, em 16/03/2021, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **JOSE HELDER PINHEIRO ALVES, PROFESSOR 3 GRAU**, em 08/04/2021, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1282651** e o código CRC **6D3DD6EC**.

---

*Aos meus pais, Socorro e Zezito,  
meus filhos, Dáfne, Diana e Diógenes,  
e meu esposo, Genivaldo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Peço à você, leitor, o consentimento de agradecer as pessoas que me impulsionaram a alçar voos, mas também pousar, quando preciso, na literatura popular com o intuito de concluir essa pesquisa. Assim, agradeço:

A Deus, por estar sempre presente mesmo nos momentos em que me sentia sozinha e cansada.

À minha orientadora, Naelza Wanderley, por ter acolhido com carinho a pesquisa proposta, pela paciência em me ajudar a crescer academicamente, pelo incentivo e pela compreensão dos contratempos pelos quais passei, por dividir comigo os seus conhecimentos sobre a Literatura, sobretudo, a Popular.

Aos professores do PPGLE, pela contribuição na minha pesquisa direta ou indiretamente, Denise Lino, Marta Nóbrega, Edilson Amorim, Edmilson Rafael, Josirene. Ao professor, Hélder Pinheiro, pelas contribuições em minha pesquisa, pelo incentivo, por se tornar uma referência para mim, de empatia e de um pesquisador da literatura. A professora da banca avaliadora, Lilian Rodrigues (UFRN) pelas valiosas contribuições. A professora Márcia Tavares. Aos professores da graduação, José Mário, Aloísio Dantas, Sandra Sueli, Karine Viana. Ao professor e poeta Dudé das Aroeiras.

A equipe da escola da intervenção, principalmente, a professora Patrícia Germano, a diretora Joselma Caetano, a Vice-diretora Lourinete Tavares, e Gerlânia. Aos alunos colaboradores. A secretária de Educação, Elaine Arruda.

Aos meus pais, Maria do Socorro e José Inácio, por sempre acreditarem e apoiarem os meus objetivos acadêmicos. Minha mãe pela ajuda diária na educação dos meus três filhos, e meu pai por ter me apresentado a Literatura Popular através dos repentistas de viola que acordava ouvindo-os, todas as manhãs.

Aos meus filhos, Dáfne, Diana e Diógenes, a fonte que me deu forças para continuar a pesquisa. Ao meu esposo, Genivaldo Alves, pelo apoio moral e financeiro, principalmente, no primeiro ano em que estudei sem a bolsa da Capes. Aos Meus irmãos, Margareth, Luciana, Luciene, Lucinaldo e Lucimário pelo incentivo. Aos amigos Betânia Ataíde, Jéssica Soares, Albaneide, Lívia Marbelle, Claudenice, Alexandra, Janile, Hermínia, Ivonete, Angelina, Penha, Margareth, entre outros.

À Capes pela bolsa de estudo, e aos leitores da minha pesquisa e apreciadores da Literatura Popular.

“Eu nasci ouvindo os cantos  
Das aves di minha terra  
E vendo os lindos encantos  
Que a mata bonita encerra,  
Foi ali que eu fui crescendo,  
Fui lendo e fui aprendendo  
No livro da Natureza  
Onde Deus é mais visível,  
O coração mais sensível  
E a vida tem mais pureza.”

Patativa do Assaré  
(Eu e meu campina)

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma proposta de vivência com a leitura literária no âmbito da sala de aula, através dos poemas “Vaca Estrela e boi Fubá” e “O sabiá e o gavião”, de Patativa do Assaré, tendo como colaboradores alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. O trabalho tem como objetivo: Analisar a recepção de poemas de Patativa do Assaré que tematizam a natureza. Para alcançarmos isso, verificamos se/como a literatura popular é abordada em sala de aula e o horizonte de expectativas apresentado pelos alunos da turma sobredita, de uma escola municipal, da cidade de Aroeiras-PB. Assim, este estudo é dividido em duas fases que se complementam, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação. Como referenciais teóricos para embasar nossas reflexões, recorremos as ideias de Abreu (1999), que deram suporte com conteúdos que apresentam a literatura popular; Alves (2018) que discute a poesia em sala de aula; Marinho e Pinheiro (2012) que abordam o cordel e o ensino; Jauss (1994) e Zilberman (1989), com a Estética da Recepção; Bordini e Aguiar (1993), com o método recepcional; Ângelo (1999), Carvalho (2001, 2002), Andrade (2003), com os estudos críticos sobre a poesia de Patativa do Assaré; Gonçalves (2006) e Ribon (1991), com a temática da natureza, dentre outros. Os resultados da pesquisa revelaram que a partir da nossa intervenção com a leitura dos poemas em sala de aula houve uma interação dos alunos em relação a poesia popular. Verificamos através dos dados obtidos nas observações das aulas, nos questionários respondidos pelos alunos, na entrevista com a professora titular da turma, e nos livros didáticos que pesquisamos. Concluímos que, a poesia popular é um instrumento de mediação do texto poético que contribui na formação de leitores, principalmente porque os poemas escolhidos foram bem recepcionados pelos alunos, na medida em que eles se apropriaram do texto e conseguiram introduzir conhecimentos que fazem parte de suas tradições rurais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Natureza. Literatura Popular. Patativa do Assaré. Recepção.

## **ABSTRACT**

This research presents a proposal of living with reading in the classroom, through the poems “Star Cow and cornmeal ox” and “The thrush and the hawk”, by Patativa do Assaré, with students from the 9th grade of Elementary School as collaborators. The work aims to: Watch the reception of poems by Patativa do Assaré that focus on nature. To achieve this, we verified whether / how popular literature is approached in the classroom and the horizon of expectations presented by the students of the above class, from the Municipal School, from the city of Aroeiras-PB. Thus, this study is divided into two phases that complement each other, characterized as bibliographic research and action research. As theoretical references to support our reflections, we use the ideas of Abreu (1999), which supported content that presents popular literature; Alves (2018) who discusses poetry in the classroom; Marinho and Pinheiro (2012) who approach string and teaching; Jauss (1994) and Zilberman (1989), with the Aesthetics of Reception; Bordini and Aguiar (1993), with the reception method; Ângelo (1999), Carvalho (2001, 2002), Andrade (2003), with critical studies on the poetry of Patativa do Assaré; Gonçalves (2006) and Ribon (1991), with the theme of nature, among others. The results of the research revealed that, from our intervention with the reading of the poems in the classroom, there was an interaction of the students in relation to a popular poetry. We verify through the data obtained in the classes, in the questionnaires answered by the students, in the interview with a professor in charge of the class, and in the textbooks we researched. We conclude that a popular poetry is an instrument of mediation of the poetic text that contributes to the formation of readers, mainly because the chosen poems were well received by the students, insofar as they appropriate the text and managed to introduce knowledge that is part of their rural traditions.

**KEYWORDS:** Nature. Popular Literature. Assaré Patativa. Reception.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Serrote da Torre, em Aroeiras.....	70
Figura 2 – Lajes de seu Zuza Anastácio.....	70
Figura 3– Biblioteca Municipal de Aroeiras.....	70
Figura 4– Festival de Violeiros do ano de 2019.....	71
Figura 5 – Festival de Violeiros do ano de 2019.....	71
Figura 6– Sacada da escola em que realizamos a intervenção.....	72
Figura 7– Sacada da escola em que realizamos a intervenção.....	72
Figura 8– Biblioteca da escola.....	74
Figura 9– Leitura dos termos de consentimento e assentimento.....	78
Figura 10–Alunos colaboradores da pesquisa.....	79
Figura 11–Alunos colaboradores da pesquisa.....	79
Figura 12- Capa do livro “Patativa do Assaré: O poeta passarinho”.....	98

## LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de alunos participantes .....	79
Gráfico 2 – Região em que residem.....	79
Gráfico 3 – Idade dos alunos.....	80
Gráfico 4 – Leitura por vontade própria .....	81
Gráfico 5 – Texto escolhidos.....	82
Gráfico 6 – Livros sem ser os didáticos em casa.....	83
Gráfico 7 – Nome dos livros que possuem em casa.....	84
Gráfico 8 – Tipo de leitura que mais lhe agrada.....	84
Gráfico 9 – Não gostam de ler, mas gostam de alguns gêneros.....	85
Gráfico 10 – Lendo atualmente.....	87
Gráfico 11 – Costuma ir á biblioteca .....	88
Gráfico 12– Costuma levar livro para casa .....	89
Gráfico 13– Poema que mais chamou a atenção .....	101

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Texto que o marcou.....	85
Quadro 2 – Texto que está lendo.....	87
Quadro 3– Justificativa para gostar de ler em voz alta.....	102
Quadro 4– Justificativa para gostar da leitura silenciosa.....	102
Quadro 5 – Temas escolhidos.....	103

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 NATUREZA E LITERATURA NA ASPEREZA E LEVEZA DA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ</b> .....	14
1.1 O conceito de Natureza na Literatura.....	14
1.2 Dos frágeis passos do menino Antônio, na Literatura Popular, ao pouso do Doutor Honoris Causa, Patativa do Assaré.....	17
1.3 Do apanhar a poesia do chão bruto ao espalhar da leve poesia de Patativa....	20
1.4 " <i>Seu dotô me dê licença</i> " pra natureza situá no poema "Vaca Estrela e boi Fubá".....	24
1.5 " <i>Eu nunca falei à toa</i> ", mas eu peço a permissão pra natureza retratá n'O Sabiá e o Gavião" .....	30
<b>2 DOS LUGARES E RUMOS DA LITERATURA POPULAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CAMINHOS COM O MÉTODO RECEPCIONAL</b> .....	43
2.1 Rumo metodológico da pesquisa.....	43
2.2 A literatura popular nordestina e o ensino.....	48
2.5 Da literatura popular em livros didáticos do 9º ano do ensino fundamental.....	54
2.6 " <i>Minha casa é uma casa de leitores</i> ": Da entrevista com a professora titular e do encantamento pela literatura através da poesia popular.....	57
<b>3 O VOO DA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ NA SALA DE AULA</b> .....	69
3.1 Das raízes aos frutos da Cultura Popular: Aroeiras e sua poesia.....	69
3.2 Adentrando a escola da intervenção: Sondagens e observação das aulas.....	72
3.3 O pouso da poesia de Patativa do Assaré na sala de aula.....	77

3.4.1 “Ouvie a professora recita poemas”: Questionário I de sondagem.....	78
3.4.2 Tangendo a “Vaca Estrela e boi Fubá” na sala de aula.....	90
3.4.3 Do encontrar um ninho ao reencontro com as tradições rurais.....	93
3.4.4 Passarinho e menino na sala de aula.....	96
3.3.5 “Antes eu não lia, mas depois desse estudo, me interessei bastante”: Questionário II.....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>115</b>
APÊNDICE A.....	116
APÊNDICE B.....	119
APÊNDICE C.....	123
APÊNDICE D.....	126
<b>ANEXOS.....</b>	<b>128</b>
ANEXO A Atividade da professora titular.....	129
ANEXO B Primeiro livro didático analisado.....	131
ANEXO C Segundo livro didático analisado.....	132
ANEXO D Terceiro livro didático analisado.....	133

## INTRODUÇÃO

O nosso primeiro contato com a literatura popular aconteceu na infância, no ambiente informal, através dos repentistas de viola que nosso pai ouvia quase que religiosamente todas as madrugadas, quando sintonizava uma rádio da região.

As vozes dos repentistas não nos despertavam apenas para irmos à escola, mas, sobretudo, para o universo da poesia popular; eram elas de cantadores de viola consagrados como Ivanildo Vila Nova, João Paraibano, Valdir Teles, Geraldo Amâncio, Moacir Laurentino, Sebastião da Silva, entre outros. Recordamos como este último poeta mencionado nos emocionou com o poema intitulado “Criança Morta”, baseado em fatos reais. Nesta época, o memorizamos e tantos outros que ouvíamos diariamente.

Vale ressaltar que, os gêneros dessas cantorias iam do Galope à Beira-Mar ao Martelo. Dessas cantorias ou "versos" que mais recordamos são esses abaixo:

Eu quero o boi amarrado  
no pé da cajarana.  
Me amarre o boi  
no pé da cajarana.

Coqueiro da Bahia  
Quero ver meu bem agora.  
Quer ir mais eu vamos!  
Quer ir mais eu vam'bora!

Não sabíamos de quem era a autoria desses versos que servem de refrão nas apresentações improvisadas e que são, frequentemente, utilizados nas cantorias, no entanto, a atenção em ouvi-los não era menor por esse detalhe.

Posteriormente, na graduação em Letras – Português, conhecemos mais detidamente a Literatura Popular, através da disciplina optativa intitulada "Literatura Popular" oferecida pela Universidade Federal de Campina Grande, no período de 2012.2, ministrada pelo professor Doutor José Hélder Pinheiro Alves. Tal disciplina nos permitiu refletir sobre a literatura que crescemos tendo contato e ouvindo, através do nosso pai (que sempre gostou das cantorias e folhetos), conforme já foi dito. Dessa maneira, concluímos que poderíamos estudar uma literatura que nos havia sido apresentada, antes mesmo de sermos alfabetizados e que nos encantava com a sua riqueza de detalhes, ritmos e narrações de acontecimentos que fazem parte da nossa vivência nordestina.

Conseqüentemente, desenvolvemos no ano de 2015, o TCC intitulado *O sertão nordestino em poemas de Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré*. Mais adiante, no ano de 2017, na Especialização em Educação para as Relações Étnico-

Raciais (UFCG), elaboramos o trabalho intitulado *As identidades do sertanejo na poesia de Patativa do Assaré*, em que comentamos alguns versos da poesia patativana que revelam as identidades dos sertanejos, e que vão muito além do estereótipo que é, muitas vezes, impregnado sobre o homem do sertão.

No ano de 2017, e primeiro semestre de 2018, trabalhamos em uma escola municipal na cidade de Aroeiras em turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, e em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA); nas turmas do 6º ao 9º ano. Nesta ocasião, percebemos o interesse dos alunos nas leituras dos folhetos e da poesia popular que apresentamos a essas turmas. Discutíamos folhetos com diversas temáticas que vão desde o humor, como "*As proezas do João Grilo*", de João Martins do Athaíde, os fantasiosos como "*Viagem a São Saruê*", de José Camelo dos Santos, os que retratam o nordeste na estiagem "*A seca do Ceará*", de Leandro Gomes de Barros, os de denúncias sociais como "*A morte de Nanã*", de Patativa do Assaré.

Nessas experiências com a leitura da poesia popular em sala de aula verificamos que poderíamos desenvolver uma pesquisa com tal literatura, uma vez que ela fora bem recepcionada pelos alunos, tanto da zona rural quanto da urbana, com idades variadas. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p.49), "Em sua história, os folhetos não se destinam a nenhum tipo de público em especial. Isto é, não havia cordel para mulheres, para crianças, para adolescentes."

Ainda de acordo com os autores supracitados, a literatura não era direcionada a um público exclusivo, no entanto, averiguamos que muitos folhetos ao serem apresentados no formato de livros coloridos agradam mais o público infantil. Verificamos enquanto lecionávamos em duas turmas do 6º ano, que possuíam cerca da metade dos alunos semianalfabetos, que estes foram alfabetizados, principalmente, através da leitura da poesia popular que inserimos em nossas aulas.

Apesar dos livros didáticos, em sua maioria, apresentarem poucas menções à poesia popular, nos últimos anos percebemos um destaque maior a esse tipo de literatura. Mais adiante, nos aprofundaremos nesse assunto com alguns dados obtidos em livros didáticos encontrados na escola em que realizamos a nossa intervenção. Portanto, acreditamos que os professores devem adaptar as suas aulas voltadas para o ensino do texto literário de acordo com as condições que a escola oferece. Avulta-se que a ausência da poesia popular na biblioteca da escola não impediu o trabalho realizado. Por serem de um baixo custo, os folhetos são acessíveis aos leitores.

Muitas vezes, distribuímos os folhetos aos alunos e os recolhemos para serem lidos em outras turmas.

Para sequenciarmos os estudos sobre a literatura popular e, especificamente, um de seus principais representantes, Patativa do Assaré, nos detemos na representação da temática da natureza em sua poesia. Além disso, a recepção de alguns poemas desse poeta por uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal na cidade de Aroeiras-PB.

Portanto, tivemos como objetivo geral: Observar a recepção de poemas de Patativa do Assaré que tematizam a natureza. Como objetivos específicos, foram: 1. Analisar a concepção de natureza presente nos poemas “Vaca Estrela e boi Fubá” e “O sabiá e o gavião”, de Patativa do Assaré; 2. Investigar a poesia de Patativa do Assaré enquanto instrumento de mediação do texto poético em sala de aula; 3. Observar a recepção dos poemas a partir do método recepcional.

Em se tratando da organização estrutural do texto este trabalho foi dividido em três capítulos: No primeiro capítulo intitulado, *Da natureza na literatura e da sua brutalidade e leveza na poesia de Patativa do Assaré*, trouxemos discussões acerca do conceito de natureza que adotamos em nossa pesquisa e como ele se dá na poesia desse poeta. Além de o localizarmos na literatura popular e apresentarmos o seu percurso até tornar-se um dos principais representantes; trazemos ainda como a natureza se apresenta nos poemas “Vaca estrela e boi Fubá” e “O sabiá e o gavião”, ambos de autoria do poeta cearense.

No segundo capítulo, nomeado *Dos lugares e rumos da Literatura Popular e seu ensino no Fundamental II: caminhos com o método recepcional*, trazemos a metodologia utilizada em nossa pesquisa, além de, discussões em torno dessa literatura na sala de aula, o ensino de poesia, sobretudo a popular. Conseqüentemente, apresentamos como os livros didáticos do 9 ano do Ensino Fundamental que fazem parte do acervo da escola em que realizamos a intervenção abordaram a literatura popular. Finalizamos com a entrevista da professora titular da turma.

Quanto ao terceiro capítulo, *O voo da poesia de Patativa do Assaré na sala de aula*, foi dedicado as reflexões sobre a experiência e exposição dos dados. Nele, descrevemos a relação da poesia popular na cidade de Aroeiras-PB. Obtivemos

também a observação das aulas, e por fim, a recepção dos poemas “Vaca Estrela e boi Fubá” e “O sabiá e o gavião”, de Patativa do Assaré na sala de aula.

Nas considerações finais, nos detivemos a refletir em torno da experiência da pesquisa, através dos dados obtidos. Constatamos a presença da literatura popular, tanto em livros didáticos do 9º ano do Ensino Fundamental quanto nas aulas de leitura literária. Discutimos sobre as práticas escolhidas pelos mediadores das aulas de leitura, principalmente, a que envolve a poesia popular. Concluímos, com as referências e os apêndices.

## 1 NATUREZA E LITERATURA NA ASPEREZA E LEVEZA DA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

*A essa poesia não cabe rótulos, nem dicotomias, porque ele sempre pensou maior. Da sua aldeia ele cantou o mundo. E o fez com a leveza de um pássaro. (CARVALHO, 2002).*

O presente capítulo organiza-se em cinco seções: a primeira expõe alguns conceitos de natureza que são adotados nessa pesquisa; a segunda traz a poesia de Patativa do Assaré no contexto da literatura popular, de acordo com a biografia; a terceira abrange o posicionamento da crítica literária vigente acerca de sua obra; a quarta e quinta analisam a concepção de natureza presente nos poemas “Vaca Estela e boi Fubá” e “O sabiá e o gavião”, de autoria do poeta cearense.

### 1.1 O conceito de natureza na literatura

A representação da natureza está associada aos mais diversos temas e é uma constante na literatura desde sempre. Coutinho (1997), ao comentar sobre essa abordagem, evidencia a natureza e os seus diferentes nuances, enquanto temática associada aos mais variados aspectos a serem apresentados pelo poeta/escritor. Segundo o autor, durante o Romantismo, “[...] a Natureza era um lugar de refúgio, puro, não contaminado pela sociedade, lugar de cura física e espiritual. A natureza era a fonte de inspiração, guia, proteção amiga.” (COUTINHO, 1997, p. 9).

Ribon (1991, p.18-19) apresenta um panorama do conceito de natureza e suas sutilezas ao longo do tempo:

Na Grécia antiga, a natureza é concebida tanto como habitada pelos deuses, para lhes oferecer uma segunda morada, quanto como conjunto das realidades sensíveis que participam do mundo inteligível; na época clássica, a natureza é a polida, a racional e a bela harmoniosa; mais tarde, é a grande mãe provedora, a selvagem, a apaixonada e a veemente, com suas sublimes tempestades românticas; enfim, ela se torna o conjunto das singularidades, bizarrices e convulsões que celebram os simbolistas e surrealistas. Nós apreendemos a natureza apenas através da ideia que dela formamos: uma ideia cultural, ligada à verdade do homem e do mundo,

que a história humana, por meio tanto da arte quanto da filosofia e da ciência, não cessa de elaborar e questionar.

A natureza é conceituada de acordo com o olhar do homem que a define. Nesse caso, o homem é capaz de transferir a sua percepção ao ter contato com os elementos naturais. Ribon (1991, p.31) afirma que “(...) na natureza, nem tudo é puramente belo ou de uma beleza livre, como é o caso, vimo-lo, quando digo que uma flor é bela. Há belezas aderentes, e o juízo que faço delas implica sempre um conceito do que deve ser seu objeto. “

Gonçalves (2006, p.11) pontua que a filosofia da natureza apresenta duas tendências opostas, uma que concebe a natureza como divina, animada ou como um imenso organismo vivo e a outra que a concebe como uma grande máquina, secularizada e desprovida de alma. Segundo a autora,

A natureza é ao mesmo tempo aquela que gera a vida e aquela que a extingue; a mãe generosa que fornece nosso meio de subsistência e o poder capaz de destruir qualquer pretensão humana de superioridade. É essa ambiguidade, que será abordada, essa contradição que, aliás, se reflete em nós, em nossa natureza humana, também inegavelmente contraditória. É possível, assim, encontrarmos ao longo da história da filosofia formas de pensamento sobre a natureza que cada vez mais se permitem internalizar esse tipo de contradição, tornando-a tema de reflexão filosófica.

A natureza, muitas vezes, influencia significativamente na vida do homem. Há uma associação dessa com as atitudes do ser humano, em virtude de causar conflitos entre o bem e o mal. Em consideração ao ponto de vista de Gonçalves (2006, p.36-37) vejamos a seguir:

A grande ousadia da filosofia da natureza de Schelling está exatamente em submeter a clássica ideia de natureza apenas enquanto objeto e, mas especificadamente, a separação cartesiana entre a *res extensa* e a *res cogitan ou seja*, entre a natureza e o sujeito. Schelling concebe a natureza também como sujeito, isto é, como atividade que produz seu próprio movimento. O fato de essa subjetividade imanente à natureza constitui-se como um princípio imaterial meramente formal, como era o caso da geometria no contexto da concepção cartesiana de matéria extensa.

A relação de dependência entre a natureza e o homem é desfeita por Schelling e ela não é apenas passiva. Em Patativa do Assaré constatamos que a natureza não

remete unicamente ao contexto regional em que o poeta está inserido. Dito isso, Gonçalves (2006, p.37), afirma:

Schelling concebe a natureza como um todo cujo desenvolvimento se dá segundo uma dinâmica também histórica, de modo que, ao contrário, do que possa imediatamente parecer, ela percorre um caminho próprio de autoformação no espaço e no tempo. E nós, seres humanos, livres e autoconscientes, somos não apenas para fim último dessa sua história, mas o meio pelo qual ela finalmente é revelada. Nesse sentido, há para Schelling uma continuidade e mesmo uma relação necessária entre o mundo real da natureza e o mundo ideal do conhecimento. Ambos são como duas dimensões de um mesmo e único todo absoluto, com a diferença de que, no início, a ideia se encontra – como já havia afirmado Leibniz – em uma espécie de "estado de sono da matéria" ou, como dirá propriamente Schelling, na forma de "natureza inconsciente".

Nessa perspectiva, o conceito de natureza é formado no espaço, no tempo e revelado através do homem, ou seja, da capacidade do ser humano de perceber os elementos que compõem a natureza, assim também com suas peculiaridades. Segundo Gonçalves (2006), a intenção desse filósofo era superar a visão mecanicista predominante nas ciências, a partir da idade moderna promover a unificação do espírito e da natureza.

A concepção de natureza que desenvolvemos em nossa pesquisa aproxima-se da defendida por Schelling, isto é, na poesia de Patativa do Assaré, apesar de existir uma relação muito íntima entre o homem e a natureza a ponto deles fundirem-se em um só, a natureza patativana é autossuficiente. O ato de criação dessa poesia é descrito por ele em alguns versos e surge "como a semente/ que nasce inriba do chão". Essa poesia espontânea e rude como a semente que brota da terra, frágil, leve e, sobretudo, resistente ao se renovar através da transformação de semente à planta. Entendemos que há na percepção de Patativa a natureza descrita com a propriedade de um homem que nunca distanciou-se dela. Dessa maneira, a compreensão patativana da natureza faz com que os elementos naturais e sua poesia se complementem.

Essa poesia apesar de ser bruta, por surgir de um homem bruto (do campo), é espalhada de uma maneira leve, tendo em vista que, é feita pelo povo e apreciada, principalmente, por ele. A leveza está na linguagem rude e nos temas do cotidiano do nordeste que revelam detalhes que passam despercebidos aos olhos de muitos que vivem essa realidade. Ressaltamos que a brutalidade não é aqui atribuída como um adjetivo com significado negativo à poesia patativana, mas no sentido de ser rústica.

Ribon (1991, p.95) ao tratar a relação do homem com a natureza afirma que há um “misto de atração e repulsa”:

Ambígua, a atitude do homem em face da natureza, é muitas vezes, desde a pré-história, um misto de atração e repulsa: a questão do feio natural não pode ser aqui esquecida.

Portanto, o belo da natureza causa deslumbramento, enquanto que, o feio causa repulsa. Para entendermos a representação da natureza na poesia patativana devemos, primeiramente, conhecer o homem cearense que a produzia.

## 1.2 Dos frágeis passos do menino Antônio, na Literatura Popular, ao pouso do Doutor Honoris Causa, Patativa do Assaré

O ninho aconchegante do poeta, Patativa do Assaré, pseudônimo de Antônio Gonçalves da Silva, localiza-se no sítio chamado Serra de Santana, na cidade de Assaré, no Ceará. O segundo, de uma família de cinco filhos, do pobre casal de agricultores, Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, nasceu no ano de 1909. Trabalhou a vida inteira na agricultura. Teve catorze filhos com Belarmina Paes Cidrão, carinhosamente chamada por ele de Belinha, com quem viveu por 53 anos até enfiar. Faleceu com 93 anos de idade na cidade em que nasceu.

Quando menino, o pequeno Antônio, teve duas perdas significativas: aos quatro anos de idade, teve sarampo e, sem atendimento médico, ficou cego do olho direito. Mais tarde, aos oito anos, ficou órfão de pai. Nessa fase, iniciou-se a sua lida no campo como agricultor para ajudar a sua mãe e ao seu irmão mais velho no sustento dos demais.

Sobre os primeiros contatos com a Literatura Popular, em sua autobiografia, publicada no livro intitulado *Cante lá que eu canto cá*, Assaré (1978, p.15) pontua que:

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De 13 a 14 anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça aos serranos, pois os sentidos de tais versos eram o seguinte: brincadeiras de noite de São João, testamento do Juba, ataque aos preguiçosos que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc.

No contexto sertanejo em que o poeta nasceu, é recorrente a riquíssima tradição oral representada pelos repentistas de violas, e sobretudo, pela literatura de cordel que foi tida por muito tempo como principal instrumento para alfabetizar nas residências. Muitas pessoas aprenderam a ler através dos folhetos. O que contribuiu para a alfabetização foi o baixo custo e a facilidade de acesso, pois vários eram vendidos em feiras livres onde os populares frequentavam semanalmente.

Aos 16 anos, Antônio vendeu uma ovelha, comprou uma viola e passou a cantar de improviso com outros repentistas em eventos da região da Serra de Santana, contudo, não quis fazer profissão de "sua Musa" como ele chamava a sua poesia. Em seguida, o poeta, constatou que os seus poemas poderiam ser declamados sem o acompanhamento de instrumentos musicais, assim o fez até os seus últimos dias de vida. Andrade (2003, p.48) cita uma entrevista publicada no Jornal do Povo, em 13/01/1978, em que Patativa ao mencionar sobre essa época de cantorias, não o faz com entusiasmo:

Eu deixei de ser violeiro, porque eu nunca tive prazer em cantar ao som de viola. Eu cantava para satisfazer amigos e também porque eu improviso com qualquer cantador. Sempre fui tímido e me acanhava ao cantar ao som de viola. Eu logo vi que minha ideia de versejar estava muito acima dessa nossa poesia de viola, que podemos dizer é uma poesia mais ou menos corriqueira. Além disso, eu nunca fiz profissão, vivi do meu roçado. Agora, sempre gostei de escrever meus versos, a atualidade, a marcha da vida.

É importante frisarmos que há uma peleja antiga entre os poetas repentistas e os poetas de bancada. Sendo que os primeiros costumam defender a ideia de que eles são superiores aos outros, por terem mais tempo para aperfeiçoarem os versos. Nesta entrevista, o poeta contraria, pois ao afirmar que a poesia de viola é "mais ou menos corriqueira" quando relacionada à sua ideia de poesia que "estava muito acima dessa nossa poesia de viola".

A transformação completa do menino Antônio para o poeta com nome de ave, Patativa, aconteceu quando ele tinha 20 anos de idade e, nessa época, José Alexandre Montoril, parente de sua mãe, o levou para o estado do Pará, onde ele fez dupla com outros repentistas locais e conheceu José Carvalho, que escrevia o livro *O matuto cearense e o caboclo do Ceará*. Na ocasião, o mesmo dedicou um de seus capítulos à história e poesia do jovem que acabara de conhecer.

Ao retornar à sua terra natal, Patativa trouxe uma carta de recomendação escrita por José Carvalho, endereçada a Dr<sup>a</sup> Henriqueta Galeno, filha do poeta e

folclorista Juvenal Galeno da Costa e Silva. Na ocasião, Patativa conheceu Juvenal Galeno que já estava nos últimos dias de vida e conta que ficou o admirando com uma veste branca em uma rede de mesma cor. Foi organizado um evento, em seu salão, em que Patativa foi recebido, com honras dignas de um poeta erudito.

Voltou a Assaré e, apesar de ter frequentado a escola apenas de quatro a seis meses, o poeta conheceu obras de escritores eruditos como: Castro Alves, Graciliano Ramos, Carlos Drummond, Machado de Assis, Camões, entre outros. No livro *Digo e não peço segredo*, Patativa conta que conheceu pessoalmente Raquel de Queiroz. Sobre o contato dele com as obras de escritores consagrados, Brito (2010, p.66) esclarece que:

Patativa não nasceu poeta feito, nem sua poesia nascia do nada. Atrás de si tem uma fila de escritores e poetas com os quais entrou em contato, leu-os, imitou-os. Em poemas ele reverencia Juvenal Galeno, Catulo da Paixão Cearense, Castro Alves, Camões, entre outros.

Esse poeta foi e continua sendo estudado em universidades, tanto nacionais quanto internacionais. Seus poemas, inicialmente, eram armazenados na memória e vieram a ser publicados por estudiosos de sua poesia, como Debs (2000, p.19). Sobre o poeta, o autor afirma que:

Patativa do Assaré, como mestre da poesia oral, nunca tentou publicar um texto com seus próprios meios, mas foi sempre publicado por seus admiradores de sua obra. Da mesma forma, ele continua a ser solicitado tanto pelos amadores como pelos especialistas da cultura popular, não somente brasileiros, mas também estrangeiros, que se interessam ao mesmo tempo pelo processo de criação e pela transmissão dessa tradição nordestina.

Em virtude de sua produção literária foi nomeado Doutor Honoris Causas no ano de 1989, na Universidade Regional do Cariri, como afirma Ângelo (1999). Sobre esse título Arruda (2009) acrescenta que "Os diplomas de doutor "Honoris Causa", oferecidos por quatro universidades, entre elas a Universidade Regional do Cariri, só comprovam a genialidade de Patativa". No *site Recanto das Letras* temos a informação que esse título surgiu de cinco universidades brasileiras: Universidade regional do Cariri (1989), Universidade Estadual do Ceará (1999), Universidade Federal do Ceará (1999), Universidade de Tiradentes, de Sergipe (2000), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005).

Sobre essa homenagem através desses títulos, em seu livro intitulado *Digo e não peço segredo*, Patativa esclarece que os outros poetas "são doutores do meio

urbano" e ele "doutor do mato, lá da chapada." Nesta fala, o cearense exalta a sua intimidade com a natureza representada pelo substantivo "mato". Os poetas populares utilizam essa dicotomia (Campo x Cidade). Como exemplo temos o poema "Cante lá que eu canto cá", de Patativa do Assaré nos versos "Poeta cantô de rua/ Que na cidade nasceu/ cante a cidade que é sua/ Que eu canto o sertão que é meu." Patativa, nos versos abaixo, faz referência a influência que a poesia patativana deixa de herança aos outros poetas populares:

Aos poetas do nordeste  
Ofereço meus louvores  
Aos que são meus seguidores  
E já passaram no teste  
Com a proteção celeste  
E inspiração soberana  
Cantando da raça humana  
Prazeres, dores e mágoas  
Porque beberam das águas  
Das fontes Patativanas  
(ASSARÉ, 2001. p. 92)

Constatamos que, a poesia patativana é atual em suas temáticas e críticas que denunciam os problemas sociais através da linguagem falada pelo povo, por isso, continua influenciando inúmeros poetas populares.

### 1.3 Do apanhar a poesia do chão bruto ao espalhar da leve poesia de Patativa

A temática da natureza em Patativa do Assaré apresenta algumas particularidades quando relacionada a sua abordagem em outros poetas populares. Sobre o surgimento da poesia patativana, Portella (2006) aponta que:

Patativa do Assaré faz as serestas silentes daquelas noites, apanhando a poesia bruta do chão, como ela nasce, sem jaça nem máscara. Sua voz rouca e exausta de quem já viveu tudo, mas está preparado para viver mais, surge acompanhada do latido inclemente e diante de algum cão insone e do mugido dolente do gado à espera da cantiga e da ordenha de todas as manhãs. Quando a chuva chega vem com ela o cântico monocórdio, mas abençoado, da saparia na lagoa e o pio lúgubre e trêmulo de frio de alguma tresmalhada coruja molhada. (PORTELLA, 2006)

Aliás, a representação da natureza nos poemas patativanos é vista como uma junção com a poesia desse poeta. Os seus versos se misturam aos sons da natureza que o cerca e que fazem parte do seu cotidiano. Por certo, os elementos da natureza

nordestina complementam sua poesia. Sem eles, os versos não representariam tão fielmente o sertão e o nordeste brasileiro.

Ademais, na poesia popular, especificamente, de Patativa do Assaré, evidenciamos uma descrição da natureza que diverge dos românticos, na medida em que, esse tema não é considerado um lugar puramente de refúgio, ao contrário, faz parte dos personagens e até mesmo influencia, significativamente, suas vidas. A inspiração tida pelos românticos também diverge, visto que a obra de Patativa do Assaré "nasce inriba do chão", ou seja, ela própria surge da natureza chegando a fundir-se.

Assaré (2011, p.13) ao retratar a importância da poesia patativana nos estudos humanos afirma que:

A figura legendária do poeta popular nordestino, Patativa do Assaré, através da sua obra poética, oferece incomparável contribuição ao estudo de problemas humanos que pretenda uma abordagem compreensiva da realidade do sertão nordestino. (ASSARÉ, 2011, p.13)

Só para ilustrar, a literatura popular representa a cultura do povo nordestino e a poesia patativana não é uma exceção, em razão de que o poeta foi agricultor a vida toda, além disso, descreve o seu contexto com a propriedade de quem nunca se afastou dele. Segundo Carvalho (2002, p. 53), Patativa do Assaré ao representar a natureza, o faz de uma maneira peculiar. Vejamos:

Em Antônio Gonçalves da Silva, natureza não é apenas um jardim ou a ordem do que está ao nosso redor e onde nos inserimos. Nesse sentido seu discurso é antecipadamente ecológico, ao propor a fusão do homem com a natureza, a integração de duas ordens que poderiam parecer complementares e que, em sua poética, se soltam na constituição de uma liga.

Dessa forma, a poesia patativana integra-se à sua realidade de maneira que é possível confundir vida e obra, tendo em vista que os seus versos retratam o cotidiano dos homens do campo, assim como ele. Carvalho (2001, p.77), ao referir-se à relação do poeta com os elementos naturais, afirma que "Ele se sente parte da natureza, como se brotasse do chão, como as árvores de raízes sólidas".

Ao retratar a biografia desse poeta, Andrade (2003), evidencia que ele transitou de matador a imitador de passarinhos. Nesta metáfora, identificamos mais um indício

de que a natureza e o poeta estabelecem uma relação muito íntima transmitida pelo seu pseudônimo à sua produção poética.

Vale ressaltar que, uma das pioneiras no Brasil, responsável por estudar o viés sociológico na poesia patativana foi Maria Ferreira dos Santos. Em 1994, sua pesquisa teve a contribuição do próprio poeta, todavia só foi publicada no ano de 2012. Segundo o que a autora nos afirmou em uma conversa informal, isso aconteceu por falta de recursos.

Santos (2012, p.27), pontua que o Pe. Vieira (contemporâneo de Patativa e não deve ser confundido com o da época do Barroco) considerava a poesia desse cearense como "telúrica, colhida da terra, dos roçados, como o próprio fruto que ele colhe da terra." A partir da natureza, o agricultor-poeta retira o seu sustento, mas também os seus versos que, na maioria das vezes, foram criados enquanto ele trabalhava na lavoura e ficavam armazenados em sua invejável memória.

Sobre a linguagem utilizada na poesia patativana, Andrade (2003, p. 14) ressalta a maneira como Patativa a utiliza:

Entre seus "estratagemas" um dos mais interessantes é o seu modo de usar a linguagem. Patativa é um verdadeiro poliglota do português; ao contrário de alguns representantes da nossa intelectualidade e de muitos dos produtores de nossa Indústria Cultural, que pensam conhecer a cultura, e, portanto, a língua popular, mas que de fato só conhecem caricaturas destas, ele realmente conhece a língua portuguesa erudita e a popular. E conhecendo as duas, podendo, portanto, usá-las conforme seus interesses, opta com uma frequência muito maior pela popular, fazendo com isto uma valorização simbólica desta língua e desta cultura.

O fato de utilizar, predominantemente, a linguagem popular não significa que o autor não reconhece a linguagem erudita. Patativa representa o nordeste através dessa linguagem cabocla. Além disso, encontramos poemas eruditos como "O inferno, o purgatório" e o "paraíso", *Luís de Camões*, entre outros. Neste último, o eu lírico, admite que não domina a linguagem erudita, no entanto, a utiliza para se expressar conforme a estrofe a seguir:

Eu sou o poeta selvagem,  
 Não recebi instruções,  
 É rude a minha linguagem  
 E fracas as expressões  
 Para render homenagem  
 Ao grande poeta Camões.  
 (ASSARÉ, 2011, p. 250)

Nesta estrofe, há uma referência já que a linguagem acompanha à lírica camoniana. Ao mesmo tempo em que afirma que não sabe fazer versos como Camões, ele os produz. Segundo Carvalho (2001, p.72), "Quem compõe sonetos na medida exata, dentro desses quatorze versos, o poeta tem que dizer aquilo que ele quer, aquilo que ele pensa, aquilo que ele viu". Esse poeta está longe de ser um ingênuo iletrado.

Segundo Arruda (2009, p.111), a poesia patativana possui algumas características dos elementos da natureza presentes no sertão:

Sua poesia possui o cheiro da terra molhada, o som do aboio do vaqueiro e é livre como as aves de arribação que voam pelo mundo afora, mas retornam sempre para o sertão, onde está a sua morada e sua inspiração para voar sempre mais. Das duras lidas do dia a dia, a poesia de Patativa nasce como um juazeiro, verde na monotonia cinzenta da paisagem, como nos descreve a igualmente notável Rachel de Queiroz na magistral obra *O Quinze*.

Desse modo, as características apontadas por Arruda (2009), pertencentes aos poemas de Patativa, são percebidas por três dos cinco sentidos do corpo humano, "**Cheiro** de terra molhada" (olfato), "**Som** do aboio" (audição), "**verde** como o juazeiro na monotonia **cinzenta** da paisagem" (visão). Nesse sentido, reforça o elo entre a poesia, a natureza e a maneira como esta é captada e representada pelo poeta.

Sobre a contribuição da poesia de Patativa do Assaré na Literatura Popular, Santos (2012 p.71) em suas conclusões pontua que:

A criação poética de Patativa do Assaré é a continuação desta literatura, pois ele iniciou a sua carreira literária fazendo cantorias e escrevendo cordéis. Hoje, a sua poesia está voltada para a temática social, revelando o mundo dos oprimidos e suas lutas, principalmente o sofrimento atroz do caboclo sertanejo na sua lida diária com a terra.

Nessa percepção, a poesia patativana representa o seu povo e o seu convívio com a "terra", que deve ser entendida em um sentido mais amplo, ou seja, englobando todos os elementos da natureza. Portanto, a representação da natureza é aliada à vida dos personagens nos poemas *Vaca Estrela e boi Fubá* e *O Sabiá e o Gavião*, isso ocorre, na forma como, muitas vezes, a natureza determina algumas atitudes das pessoas, já que ela interfere significativamente no contexto descrito nos poemas.

#### 1.4 "Seu dotô me dê licença" pra natureza situá, no poema *Vaca Estrela e boi Fubá*

Acima de tudo, alguns poemas de autoria de Patativa do Assaré foram musicalizados e eternizados na voz de cantores consagrados como Luís Gonzaga, o rei do Baião e por vários repentistas de viola.

Antes de mais nada, o poema "Vaca Estrela e boi Fubá" foi gravado em um disco de vinil, na voz de Raimundo Fagner e do saudoso Luís Gonzaga. Existe até mesmo, uma apresentação do cantor Fagner, na cidade de Assaré, em que Patativa, na ocasião, fez dupla ao cantar esse poema.

Em síntese, o poema é narrado em primeira pessoa por um retirante que "tangido" pela seca vai viver nas terras do sul. O tom saudosista percorre todas as estrofes em que a lembrança vem dos animais domésticos, sua "bela vaca Estrela" e o seu "lindo boi fubá", dos afazeres de homem do campo e do sertão. Este passado entra em contraste com o presente, por isso, é "bem triste o seu pená". Quanto à sua estrutura, o poema possui quatro estrofes de doze versos cada. Suas rimas são misturadas e não seguem o mesmo padrão.

Com base na divisão dos ciclos temáticos da literatura de cordel, adotada por Diégues Júnior (2012), e no título do poema, poderíamos inseri-lo no ciclo das estórias de animais, ou ciclo do boi, no entanto, a principal temática abordada no poema está voltada também para o ciclo dos fatos circunstanciais ou acontecidos. Sobre a temática da seca e as chuvas no nordeste nos folhetos, Diégues Júnior (2012, p.109) aponta que:

As secas periódicas no Nordeste, com toda a consequência social, econômica e, sobretudo, humana que delas decorre, constituem temas para os poetas populares. As infelicidades surgidas, as mortes, a falta de gêneros são narradas, fixando os folhetos o doloroso quadro que as secas provocam. E há ainda o inverso: as consequências não menos lamentáveis das enchentes ou cheias.

No que diz respeito às temáticas da seca e da chuva no nordeste constatamos que são recorrentes em várias manifestações artísticas. Vale ressaltar, os romances de 30 e os diversos folhetos que vem desde Leandro Gomes de Barros com poemas como "A seca no Ceará" aos mais contemporâneos com Patativa do Assaré, com "A triste partida". O retirante que sofre em terra distantes é encontrado em muitas dessas obras.

Sobre a divisão das temáticas abordadas na literatura popular Nogueira (2016, p. 131) sugere a inserção de mais um ciclo, o da “natureza e ambiente” ou “ecologia”:

Os folhetos de Patativa do Assaré seriam suficientes, em número e qualidade para que pudéssemos falar de um ciclo que até hoje não foi proposto nas classificações da literatura de cordel brasileira: “natureza e ambiente” ou “ecologia”. Mas a partir de finais da década de 1970 do século passado, da consciência ecológica a escala mundial, surgiram folhetos que nos permitem dizer, ainda com mais propriedade, que devemos acrescentar o ciclo " natureza e ambiente "ou "ecologia" as classificações de autores como Leonardo Mota, Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa ou Ariano Suassuna (Júnior 52 -54).

Logo, o título do poema "Vaca Estrela e boi Fubá" traz dois animais domésticos comuns nas casas rurais nordestinas. A vaca proporciona o leite que serve de alimento para a família, e o boi que, muitas vezes, é domesticado para arar a terra e auxiliar ao agricultor no plantio da lavoura. O nome que cada animal recebe tem uma representatividade para o homem do nordeste. A vaca Estrela remete ao céu do sertão, esse céu estrelado é um dos espetáculos mais bonitos de se ver nessa região. Além disso, o homem lê os sinais que o céu produz e que podem indicar a proximidade do inverno tão esperado trazendo a fartura.

Quanto ao boi Fubá é relacionado a um dos alimentos mais típicos no nordeste produzido e consumido pelo agricultor e sua família. O fubá e o leite da vaca são alimentos mais consumidos pelas famílias que habitam a zona rural.

Na primeira estrofe, o eu lírico começa a contar a sua história como retirante:

Seu dotô, me dê licença  
 Pra minha história eu contá.  
 Se hoje eu tô na terra estranha  
 E é bem triste o meu pená  
 Mas já fui muito feliz  
 Vivendo no meu lugá.  
 Eu tinha cavalo bom,  
 Gostava de campeá  
 E todo dia aboiava  
 Na portêra do currá.  
 Ê ê ê, vaca Estrela,  
 Ô ô ô, boi Fubá.  
 (PORTELLA, 2006. p.141)

Podemos verificar que, o eu lírico se direciona a um leitor/ouvinte que tem um status social elevado por ser um "dôto". Esse recurso de aproximar-se do outro é constante na literatura popular, assim como encontrarmos logo nos primeiros versos

o anúncio de que uma história será contada. Os poetas utilizam alguns recursos para atribuir uma "verdade" aos fatos narrados. No poema analisado, esse aspecto é identificado nos dois primeiros versos quando o eu lírico pede, humildemente, licença para a sua história contar.

Portanto, a atribuição de uma verdade incontestável aparece, juntamente, com o pronome possessivo "minha". Logo, essa história é tida como verdadeira, pois é contada por quem a vivenciou. Atrelada à essa ideia, temos a imagem que o público contemplava do poeta popular. Ele sendo considerado um ser incomum que recebe uma inspiração para compor seus versos.

Nesse sentido, ao pedir licença para sua "história contá", o eu lírico busca uma lembrança do passado, contudo, no verso seguinte, retorna ao presente "Se hoje eu tou na terra estranha". Ele relembra saudosamente a vida feliz que levava no "seu lugar", antes da mudança decorrente da seca prolongada no nordeste que o fez partir para uma "terra estranha", onde é "bem triste o seu pená". Temos uma antítese entre a felicidade vivida em sua terra natal e a tristeza em lugar estrangeiro.

No poema, o eu lírico apresenta o ambiente em que se encontra no presente, que segundo ele, é uma "terra estranha". Esse adjetivo "estranha" que o substantivo "terra" recebe intensifica a diferença que há entre a vida de outrora e a atual, a causa do seu "bem triste pená".

Inicialmente, temos uma imagem de fartura em que todos os elementos da natureza são qualificados e enaltecem a sua beleza. Os animais domésticos que aparecem desde o título modificam-se e apontam para duas fases distintas, uma de fartura e outra de escassez.

O primeiro animal citado é o cavalo que é adjetivado de "bom". Os equinos já foram muito utilizados no transporte de pessoas e mercadorias no nordeste, eles ainda assumem essa função, porém com menos frequência. Portanto, um "cavalo bom" teria como principais características ser jovem, forte e manso para auxiliar o dono em sua lida. Em seguida, surgem mais dois animais domésticos "minha *bela* vaca Estrela" e "meu *lindo* boi Fubá". Os dois adjetivos abstratos empregados reforçam a formosura dos bichos. Já os nomes "Estrela" e "Fubá" têm algumas relações com o ambiente nordestino.

Das atividades que estão relacionadas com os afazeres do homem do campo, campear é uma delas. O matuto "campia" diariamente para cuidar do seu gado, ou para percorrer a terra e verificar como estão as plantações e os animais.

As rimas existentes formam a musicalidade e a repetição no final de todas as estrofes, tornando-se um refrão em que o eu lírico afirma que "todo dia aboiava na porteira do currá" o "Ê êêê Vaca Estrela, / Ô ôôô Boi Fubá", representa os aboios dos vaqueiros ao guiarem o gado. Sobre essa prática de aboiar, Medina (2007, p.52) esclarece que não é feita apenas para lidar com o gado, pois revela muito sobre os sentimentos do aboiador e ainda, o contexto em que ele vive:

O aboio, considerado pelo vaqueiro apenas como atividade prática de conduzir rebanhos, é também uma forma de manifestação de sentimentos profundos e originais a respeito do próprio aboiador, da sua história e do mundo que o cerca. O ato de aboiar como arte é uma expressão estética intuitiva ao nascer de forma espontânea pela necessidade do trato com o gado que é, nesse sentido, o principal "interlocutor". É também primitiva quanto ao caráter original marcado pela individualidade e até certa ingenuidade na execução do aboiador que utiliza o aboio, extremamente ritmado, como parte do trabalho rotineiro. Mas funciona, sem o vaqueiro compreender, como uma ferramenta artística por meio da qual ele lida, também, com seus rebanhos interiores em momentos de saudade, tristeza, desafios e de conflitos, enquanto executa ritmos firmes e nostálgicos atrás do gado.

Esse refrão imprime um tom melancólico que persiste em todas as estrofes, portanto, é através da saudade que o eu lírico tem de sua terra e dos seus animais. Assim, o aboio é produzido na "portêra do currá", esse local é cantado em várias músicas e poemas que retratam a vida no campo. Dentre as canções temos "O menino da porteira"

Mais adiante, na segunda estrofe do poema, verificamos uma exaltação ao nordeste e ao orgulho de pertencer a essa região "Eu sou fio do nordeste/ Não nego o meu naturá". Neste último verso, temos uma demonstração de resistência do eu lírico em não negar a sua origem nordestina.

Eu sou fio do nordeste,  
 Não nego o meu naturá  
 Mas uma seca medonha  
 Me tangeu de lá pra cá.  
 Lá eu tinha meu gadinho  
 Não é bom nem maginá,  
 Minha bela Vaca Estrela  
 E o meu lindo Boi Fubá,

Quando era de tardezinha  
 Eu começava a aboiá.  
 Ê ê ê, vaca Estrela,  
 Ô ô ô, boi Fubá.  
 (PORTELLA, 2006. p.141)

Vale salientar que, a seca aparece nessa estrofe quando o eu lírico afirma a existência de "uma seca medonha" que o "tangeu de lá pra cá". Esse fenômeno é intensificado pelo adjetivo "medonha", ou seja, uma seca enorme. Já o verbo tanger, equivale a expulsar, empurrar. Essa expressão é muito utilizada quando os homens retiram os animais em grupos, bruscamente, de um lugar para outro. Isso corrobora com a ideia de que o eu lírico foi forçado pelas consequências da seca a sair de sua terra como um animal em rebanho. Os retirantes saíam do nordeste em grandes quantidades, sem dignidade, longe de sua cultura, de suas tradições e com um futuro incerto em busca de suas sobrevivências.

Em decorrência da seca, o cenário todo se transforma. Sofre a vegetação, os animais e o homem. Vejamos a terceira estrofe:

Não nasceu capim no campo  
 Para o gado sustentá  
 O sertão esturricou  
 Fez os açude secá  
 Morreu minha Vaca Estrela  
 Se acabou meu Boi Fubá,  
 Perdi tudo quanto tinha  
 Nunca mais pude aboiá.  
 Ê ê ê Vaca Estrela  
 Ô ô ô Boi Fubá  
 (PORTELLA, 2006, p.142)

Nessa estrofe, a vegetação, representada pelo capim que serve de alimento ao gado não nasce, devido a seca. A água que é armazenada em açudes, também não resiste, assim como a vaca Estrela e o boi Fubá. O verso "O sertão esturricou" descreve um cenário em que o nordeste está cinzento com o chão rachado pelo sol, as árvores com seus galhos secos, tudo isso compõe o sertão esturricado. Posteriormente, o aboio do eu lírico cessa quando ele perde tudo o que possuía. Do mesmo modo, Medina (2007) esclarece sobre a relação entre o aboio e os sentimentos do aboiador. A principal perda do eu lírico não é apenas material, uma vez que, ele não possuía bens com valores materiais elevados, mas afetivos. Assim,

perdendo o contato com sua terra, sua cultura, e seus costumes ao ser tangido por uma seca medonha.

Na quarta e última estrofes, o eu lírico afirma que apesar de estar "nas terra do sú" não esquece o seu nordeste:

Quando eu vejo em minha frente  
 Uma boiada passá  
 As água corre dos óio,  
 Começo logo a chorá,  
 Me lembro da Vaca Estrela  
 Me lembro do Boi Fubá  
 Com sodade do nordeste  
 Dá vontade de aboiá  
 Ê ê ê Vaca Estrela  
 Ô ô ô Boi Fubá  
 (PORTELLA, 2006, p. 142)

Conseqüentemente, a comoção do eu lírico ao ver uma boiada traduz sua paixão pelo nordeste e o ápice dessa emoção é quando "As água corre dos óio". Sabemos que inúmeros nordestinos, assim como o eu lírico, foram tangidos devido a seca para as terras do sul, e compartilham saudades de sua terra e dos animais que possuíam. A abordagem dos retirantes aparece em várias obras literárias, em especial na produção da chamada Geração de 30. Quanto ao tempo e ao espaço que aparecem no poema dividem momentos bons e ruins. Temos o passado (no nordeste) e o presente (no Sul).

1.5 "*Eu nunca falei à toa*", mas eu peço a permissão para a natureza retratar n'O Sabiá e o Gavião"

Em suma, o poema intitulado "O Sabiá e o Gavião" é narrado em primeira pessoa e conta a estória de um "cabôco rocêro" que na infância encontrou um ninho com dois filhotes de sabiás. O menino, diariamente, ia vê-los. Houve um dia, em que ele descobriu que o gavião havia devorado os dois filhotes. A partir do título o poema já aponta para os contrastes da vida e dos elementos naturais. Quanto à estrutura, o poema possui vinte e quatro estrofes de dez versos cada. Suas rimas são misturadas e seguem o mesmo padrão em todas as estrofes, ABABCCDEED.

O título do poema supracitado traz duas aves distintas em cores da plumagem, tamanho, alimentação, abrigo, entre outros aspectos. O sabiá é uma ave canora, considerada por muitos a do canto mais belo de todas espécies. Suas cores chamam

a atenção por terem tonalidades fortes. Mede de 23 a 28 cm e pesa cerca de 100 g. Já o gavião é um aniquilador de pássaros menores, dentre eles o sabiá. Mede cerca de 45 a 65 cm. Naturalmente, na cadeia alimentar ambas as aves são predador e caça.

Em seguida, no primeiro verso, o eu lírico ao anunciar que irá contar uma história insere uma verdade:

Eu nunca falei à toa  
Sou um cabôco rocêro,  
Que sempre das coisa boa  
Eu tive um certo tempero.  
Não falo mal de ninguém,  
Mas vejo o mundo que tem  
Gente que não sabe amá,  
Não sabe o que é carinho,  
Não qué bem a passarinho,  
Não gosta dos animá.  
(ASSARÉ, 2011, p.226)

O primeiro verso do poema impõe uma "verdade" ao fato que será narrado. O eu lírico ao afirmar que nunca falou à toa exige do leitor/ouvinte respeito ao que irá dizer. A palavra para o homem está relacionada à honra. O homem de palavra nunca fala em vão. Nesse sentido, na oitava estrofe, surge a afirmação de que ele vivenciou os episódios "Vou contá a grande arruaça/ Que um gavião já **me** fez." Logo, ele retratará uma história verdadeira, já que não fala à toa e vivenciou o fato que será narrado.

Nesta primeira estrofe, surgem algumas características do eu lírico que se descreve como um "cabôco rocêro", um agricultor que não fala mal de ninguém, mas que percebe que existe pessoas que não gostam dos animais. Apesar de ser um homem simples da Serra de Santana, Patativa, em sua poesia criticava fatos que aconteciam muito além da pequena Assaré.

O fato de algumas pessoas não gostarem dos animais e maltratá-los é encontrado desde a primeira estrofe. Aparece primeiro "Não qué bem a passarinho" seguido por "Não gosta dos animá". São citados os "passarinho", ou seja, uma espécie, a das aves. Adiante, o termo "animais", representa todas as espécies de bichos. Desse modo, traz uma espécie em particular e depois amplia.

O eu lírico estabelece uma relação de proximidade e afetividade com a natureza desde a segunda estrofe e permanece nas posteriores, ele demonstra que tem apreço pela natureza. As plantas e animais que compõe a paisagem nordestina surgem, como ocorre com o juazeiro:

Já eu sou bem deferente.  
 A coisa mió que eu acho  
 É num dia munto quento  
 Eu i me sentá debaxo  
 De um copado juazêro,  
 Pra escutá prazentêro  
 Os passarinho cantá,  
 Pois aquela poesia  
 Tem a mesma melodia  
 Dos anjo celestiá.  
 (ASSARÉ, 2011. p.226)

O ato do homem e dos animais buscarem regozijo à sombra fresca de um juazeiro é comum no calor causticante do nordeste. Essa planta é símbolo de resistência já que suas folhas se mantêm verdes no período da seca e contrastam com a paisagem cinzenta que cobre essa região sem chuva. Vale ressaltar que, faz parte da cultura rural nordestina ler alguns sinais que os elementos da natureza apresentam ao anunciar a chegada do inverno. O juazeiro é um desses elementos, haja vista que, quando o pé de juá está carregado de frutos a chuva está por vir, pois, segundo essa crença do homem do campo, esses frutos só caem na lama do inverno.

O canto dos passarinhos que procuram alento sob à sombra do juazeiro é definido como uma poesia. Nesse verso, temos a metalinguagem já que a poesia retrata a si mesmo. Nesta estrofe e em outras que se seguem, as comparações que o eu lírico faz com os filhotes de sabiá revelam uma devoção aos dois passarinhos.

Ao afirmar que eles "Tem a mesma melodia/ Dos anjo celestiá", há uma santificação. Ao comparar o canto dos pássaros ao dos anjos celestes aproxima-se os pássaros do divino. Mais adiante, temos a definição de que são, "Dois santo Antõi pequenino", estabelecendo uma relação com um dos santos da igreja católica, "Dois mimoso fiote" o adjetivo mimoso, ou seja, de beleza suave e delicada, traz uma leveza as avezinhas. E ainda, o termo "Passarinho", usado no diminutivo como uma forma de demonstrar carinho.

O canto dos pássaros, principalmente, do sabiá é descrito com exaltação chegando a aproximar-se do divino:

Não há frauta nem piston  
 Das banda rica e granfina  
 Pra sê sonoro e bom  
 Como o galo de campina,  
 Quando começa a cantá  
 Com sua voz naturá,  
 Onde a inocença se incerra,  
 Cantando na mesma hora  
 Que apareceu a linda orora  
 Bejando o rosto da terra.

O sofreu e a patativa  
 Com o canaro e o campina  
 Tem canto que me cativa,  
 Tem musga que me domina,  
 E inda mais o sabiá,  
 Que tem premêro lugá,  
 É o chefe dos serestêro,  
 Passo nenhum lhe condena,  
 Ele é dos musgo da pena  
 O maió do mundo intêro.  
 (ASSARÉ, 2011. p.226-227)

Ao comparar a melodia dos instrumentos musicais, representados pela "frauta" e o "piston" ao canto dos pássaros, temos um contraste, já que os primeiros são apreciados, principalmente, pela elite culta "das banda rica e granfina", já o segundo é apreciado pelo homem do campo debaixo de um pé de juazeiro. Há uma exaltação à cantiga dessas aves. Haja vista que, não há um instrumento "sonoro e bom" como o galo de campina, nem um canto que cativa o eu lírico como o do sabiá "chefe dos serestêro", "dos musgo da pena/O maió do mundo intêro".

Da quinta a oitava estrofe, o gavião é descrito com características físicas e morais.

Eu escuto aquilo tudo,  
 Com grande amô, com carinho,  
 Mas, ás vez, fico sisudo,  
 Pruquê cronta os passarinho  
 Tem o gavião maldito,  
 Que, além de munto esquisito,  
 Como iguá eu nunca vi,  
 Esse monstro miserave  
 É o assarsino das ave  
 Que canta pra gente uví.

Muntas vez, jogando o bote,  
 Mais pió de que a serpente,

Leva dos ninhos os fiote  
 Tão lindo e tão inocente.  
 Eu comparo o gavião  
 Com esses farso cristão  
 Do instinto crué e feio,  
 Que sem ligá gente pobre  
 Qué fazê papé de nobre  
 Chupando o suóalêio.

As Escritura não diz,  
 Mas diz o coração meu:  
 Deus, o maió dos juiz,  
 No dia que resorveu  
 A fazê o sabiá  
 Do mió materiá  
 Que havia inriba do chão,  
 O Diabo, munto inxirido,  
 Lá num cantinho, escondido,  
 Também fez o gavião.

De todos que se conhece  
 Aquele é o passo mais ruim  
 É tanto que, se eu pudesse,  
 Já tinha lhe dado fim.  
 Aquele bicho devia  
 Vivê preso, noite e dia,  
 No mais escuro xadrez.  
 Já que tô de mão na massa,  
 Vou contá a grande arruaça  
 Que um gavião já me fez.  
 (ASSARÉ, 2011, p.227-228)

A natureza que causa repúdio, mencionada por Ribon (1991) surge nessa estrofe através do gavião que recebe qualidades que o caracterizam como "maldito", "munto esquisito", "monstro miserave", "assarsino das ave", "o passo mais ruim". Há uma descrição da natureza feia, que é repudiada pelo homem. Sabemos que o gavião por ser um predador na cadeia alimentar, ele mata para sobreviver. As suas caças são para sua alimentação. Temos duas comparações para as atitudes desse gavião. A primeira delas é com o bote da serpente, que é sempre ágil e certo. Quanto à segunda, trata-se de uma crítica aos "farso cristão" que enriquecem "chupando o suô alêio", que seria uma metáfora para os que exploram os mais pobres através das igrejas.

Cantar as histórias das escrituras sagradas é uma modalidade constantemente utilizada no repente de viola. Na estrofe em que os primeiros versos são "As escritura não diz/ Mas diz o coração meu", há uma intertextualidade com a bíblia e com o livro

de gênese e a criação dos animais, contudo, há um acréscimo de informações, já que no livro sagrado não consta que o Diabo ao ver Deus dar vida ao sabiá, tem a ideia de criar o gavião. Há uma dualidade que perpassa a maioria das estrofes do poema, entre o bem (Deus e sua criação, o sabiá) e o mal (o Diabo e sua invenção, o gavião). O eu lírico demonstra a sua vontade de acabar com a criação do Diabo "É tanto que, se eu pudesse/ já tinha lhe dado fim". O desejo de interferir na criação divina.

A partir da nona estrofe, o acontecimento já anunciado começa a ser contado:

Quando eu era pequenino,  
Saí um dia a vagá  
Pelos mato sem destino,  
Cheio de vida a iscutá  
A mais subprime beleza  
Das musga da natureza  
E bem no pé de um serrote  
Achei num pé de juá  
Um ninho de sabiá  
Com dois mimoso fiote.  
(ASSARÉ, 2011, p.228)

Ao recordar a estória vivida na infância, notamos um dos costumes das crianças na zona rural de se direcionarem ao campo em busca de diversão e é comum encontrarem ninhos de variadas espécies. Há uma construção de imagem riquíssima nos versos "Cheio de vida a iscutá,/ A mais subprime beleza/ das músicas da natureza".

Dos ambientes comuns nordestinos, o serrote é um dos locais onde os animais se abrigam para fugir da quentura no período do verão e da chuva no período do inverno. O pé de juá além de servir como sombra, é utilizado como abrigo para os ninhos de passarinhos.

Nas próximas quatro estrofes, o eu lírico demonstra o quanto estava alegre por ter encontrado os dois filhotes no ninho:

Eu senti grande alegria,  
Vendo os fiote bonito.  
Pra mim eles parecia  
Dois anjinho do Infinito.  
Eu falo sero, não minto.  
Achando que aqueles pinto  
Era santo, era divino.  
Fiz do juazêro igreja  
E bejei, como quem bêja  
Dois Santo Antõi pequenino.

Eu fiquei tão prazentêro  
 Que me esqueci de armoçá,  
 Passei quage o dia intêro  
 Naquele pé de juá.  
 Pois quem ama os passarinho,  
 No dia que acha um ninho,  
 Somente nele magina.  
 Tão grande a demora foi,  
 Que mamãe (Deus lhe perdoi)  
 Foi comigo à disciplina.

Meia légua, mais ou meno,  
 Se medisse, eu sei que dava,  
 Dali, daquele terreno  
 Pra paioça onde eu morava.  
 Porém, eu não tinha medo,  
 Ia lá sempre em segredo,  
 Sempre iscondido, sozinho,  
 Temendo que argúmminino,  
 Desses perverso e malino  
 Mexesse nos passarinho.

Eu mesmo não sei dizê  
 O quanto eu tava contente  
 Não me cansava de vê  
 Aqueles dois inocente.  
 Quanto mais dia passava,  
 Mais bonito eles ficava,  
 Mais maió e mais sabido,  
 Pois não tava mais pelado,  
 Os seus corpinho rosado  
 Já tava tudo vestido.  
 (ASSARÉ, 2011.p. 228-229)

Para expressar sua alegria temos versos como "Eu senti grande alegria" e "Eu fiquei tão prazentêro". Os filhotes são santificados e recebem qualidades como "santo" e "divino" e ainda, são comparados com "Dois Santo Antôin Pequenino", e "Dois anjinho do infinito". Há uma personificação em versos como "Dois **inocente**" e "Mais maior e mais **sabido**" como se os filhotes tivessem a capacidade de raciocinar. O pé de juá torna-se uma igreja, ou seja, é um local de respeito, de devoção que aproxima o homem de Deus. A natureza é intermediária entre o homem e o divino.

Outro poema de Patativa em que a natureza (representada pela cajazeira) aparece personificada é o intitulado *A menina e a cajazêra*:

Sentindo a sombra vazia  
 Aquela pobre infeliz  
 Foi ficando deferente,

Acabrunhado as raiz.  
 E com a marcha dos anos  
 E o choque dos desengano  
 Que o mau destino lhe deu,  
 A Cajazêra franzina,  
 Com sodade da menina  
 Murchou a copa e morreu.

Morreu a pobre, sem curpa,  
 Sem devê nada a ninguém.  
 Inté as arve do campo  
 Tem suas mágoas tombém.  
 Ficou entonce em memora  
 O dia e da cruel hora  
 Daquele amargoso adeus,  
 Seca no sítio deserto,  
 Com os seus braços abertos,  
 Pedindo o socorro a Deus.  
 (ASSARÉ, 2011. p. 199)

Com a plumagem dos dois filhotes quando "os corpinhos rosado/ já tava tudo vestido" a mudança dos elementos da natureza inicia-se:

Mas, tudo na vida passa.  
 Amanheceu certo dia  
 O mundo todo sem graça,  
 Sem graça e sem poesia.  
 Quarqué pessoa que visse  
 E um momento refritisse  
 Nessa sombra de tristeza,  
 Dava pra ficá pensando  
 Que arguém tavamalinando  
 Nas coisa da Natureza.  
 (ASSARÉ, 2011. p. 229)

A efemeridade da vida e das situações é exposta no primeiro verso "Mas, tudo na vida passa.". Já no verso, em que o mundo ao amanhecer, surge "Sem graça e sem poesia", traz referência a poesia através do próprio gênero literário. Enfatizamos ainda, o fato de que o eu lírico através de sua percepção, descreve elementos da natureza que prenunciam um acontecimento ruim e isso persiste nas próximas três estrofes:

Na copa dos arvoredos,  
 Passarinho não cantava.  
 Naquele dia, bem cedo,  
 Somente a coã mandava  
 Sua cantiga medonha.

A menhã tava tristonha  
 Como a casa de viúva,  
 Sem prazê, sem alegria  
 E de quando em vez, caía  
 Um sereninho de chuva.

Eu oiava pensativo  
 Pra o lado do Nascente  
 E não sei por quá motivo  
 O Só nasceu diferente.  
 Parece que arrependido,  
 Detrás da nuve, escondido.  
 E como o cabra zanôio,  
 Botava bem treichoêro,  
 Por detrás dos nevoêro,  
 Só um pedaço do ôio.

Uns nevoêro cinzento  
 la no espaço correndo.  
 Tudo naquele momento  
 Eu oiava e tava vendo,  
 Sem alegria e sem jeito,  
 Mas, porém, eu satisfeito,  
 Sem com nada me importá,  
 Saí correndo, aos pinote,  
 E fui repará os fiote  
 No ninho de sabiá.  
 (ASSARÉ, 2011, p. 229-230)

O homem nordestino no convívio no campo aprende a decifrar os sinais que a natureza apresenta para anunciar algum acontecimento ou mudança. Um dos exemplos é o prenúncio de que o inverno se aproxima. Dentre esses sinais podemos citar, nos **animais**: a formiga e o cupim criam assas, cerca de quinze dias antes da chegada da chuva; O João-de-barro, o marimbondo, o aripuá e a abelha fazem a porta das casinhas viradas para o poente do sol, para a água da chuva não invadir; O sapo canta e constrói buracos para se abrigar; A rã canta incessantemente; O cavalo escramuça; A lesma é vista se deslocando de um lugar para outro. Das **plantas**: O pau-santo, o umbuzeiro e o juazeiro caem os frutos maduros na lama do inverno; A braúna e a barriguda florescem; As folhas quando amanhecem sem o orvalho é indício de inverno próximo; As ramagens quando saem nos meses de dezembro e janeiro o ano é bom de inverno, já no mês de novembro é ruim. Nos livros intitulados “Pássaros e bichos na voz de poetas populares” e “Outros pássaros e bichos na voz de poetas populares”, ambos organizados por Hélder

Pinheiro e Marcelo Soares, a natureza é descrita em versos belíssimos com imagens de diversos animais.

Nessas estrofes, o homem percebe na natureza o prenúncio que algo de ruim irá acontecer através de vários indícios. Os passarinhos que outrora cantavam alegres, cessaram o canto, com exceção da coã que é tida como sinônimo de agouro, acredita-se que o seu canto anuncia a morte de alguém. Outra ave que também tem essa "função" é a rasga-mortalha, uma coruja que se acredita que, ao cantar próximo de uma residência, um dos moradores falece.

A "menhã" é personificada com o adjetivo "tristonha". Essa tristeza é comparada a casa de viúva, ou seja, como a dor de um luto que é acompanhado vez ou outra por um sereninho de chuva que é a comprovação da morte de um justo. Quando um justo morre o céu chora.

O "Só" também recebe termos como **"nasceu"**, **"arrependido"**, **"escondido"** e **"treiçãoêro"**. Os adjetivos empregados ao substantivo são relacionados a moral e não aos traços físicos. O sol se comporta como soubesse o que havia acontecido e fica arrependido de ter nascido, por isso, se esconde traiçoeiramente.

O "nevoêro" cinzento que "lá no espaço **correndo**", contribui com o prenúncio e mostra aquilo que o saber do povo aponta como um agouro, já que tudo estava "Sem alegria e sem jeito". Segundo a sabedoria popular, o nevoeiro indica também a chegada do inverno quando a serra fica coberta por uma névoa, é o que os homens do campo dizem "A serra está cachimbando". O homem do campo lê esses sinais que o céu apresenta. Além desse "nevoêro", não podemos esquecer de citar a barra do inverno que se forma no primeiro dia do ano novo e é esperada com animação pelo nordestino. As nuvens são observadas nas primeiras horas da manhã e são azuis bem carregadas de chuva. Vale ressaltar ainda, a prática do nordestino em apreciar, a imagem do céu coberto de nuvens carregadas que indicam a chegada da chuva. Por isso, a expressão "Está bonito para chover" tão comum no nordeste não é encontrada em outras regiões em que as chuvas não são aguardadas com o mesmo entusiasmo.

Na literatura popular é recorrente o anúncio de que algo ruim irá acontecer. Apesar de todos os avisos da natureza, o eu lírico ignora-os e "sem com nada se importar", ou seja, ele percebeu o recado da natureza, mas saiu "correndo aos pinotes" para "repara os fiote/no ninho de sabiá":

Cheguei com munto carinho,  
 Mas, meu Deus! Que grande agôro!  
 Os dois veio passarinho  
 Cantava num som de choro.  
 Uvindo aquele grogeio,  
 Logo no meu corpo veio  
 Certo chamego de frio  
 E subindo bem ligêro  
 Pr'as gaia do juazêro,  
 Achei o ninho vazio.  
 (ASSARÉ, 2011. p.230)

Dos poemas de Patativa do Assaré em que o homem percebe através da natureza que algo ruim irá acontecer, podemos citar *A morte de Nanã* em várias de suas estrofes, sendo a mais emocionante a que descreve a reação dos passarinhos:

E, numa noite de agosto,  
 Noite escura e sem luá,  
 Eu vi crescê meu desgosto,  
 Eu vi cresce meu pená.  
 Naquela noite a criança  
 Se achava sem esperança.  
 (...)

Enquanto finalizava  
 Seu momento derradêro,  
 Lá fora os passo cantava,  
 Na copa do cajuêro.  
 Em vez de gemido e chôro,  
 As ave cantava em coro.  
 Era o bendito prefeito  
 Da morte de meu anjinho.  
 Nunca mais os passarinho  
 Cantaro daquele jeito.  
 (Assaré, 2011, p.41-42)

Os mesmos passarinhos que cantam alegremente passam a cantar em coro o bendito perfeito da morte da menina. Faz parte da cultura da religião católica cantar benditos em casas de moribundos e falecidos. Nesse poema, com a ausência e abandono das pessoas a natureza assume esse papel.

Ao chegar ao ninho, o menino o encontra vazio e sente "Um certo chamego de frio", até agora a melancolia da natureza não havia afetado o sentimento de alegria que ele

sentia, no entanto, ao ver que "Os dois véio passarinho/ Cantava num som de **choro**." teve a certeza que a natureza o alertara desde o instante em que saíra de casa.

Quage que eu dava um desmaio,  
 Naquele pé de juá  
 E lá da ponta de um gaio,  
 Os dois veio sabiá  
 Mostrava no triste canto  
 Uma mistura de pranto,  
 Num tom penoso e funéro,  
 Parecendo mãe e pai,  
 Na hora que o fio vai  
 Se interrá no cimitéro.  
 (ASSARÉ, 2011, p. 230)

Um tom nostálgico e de tristeza é descrito através do desespero dos passarinhos. A comparação da dor "dois veio sábia" com a dos pais quando perdem um filho funciona como um intensificador desse penar que persiste nas estrofes seguintes:

Assistindo àquela cena,  
 Eu juro pelo Evangeio  
 Como soluzei com pena  
 Dos dois passarinho veio  
 E ajudando aquelas ave,  
 Nesse ato desagradáve,  
 Chorei fora do comum:  
 Tão grande desgosto tive,  
 Que o meu coração sensitive  
 Omentou seus baticum.

Os dois passarinho amado  
 Tivero sorte infeliz,  
 Pois o gavião marvado  
 Chegou lá, fez o que quis.  
 Os dois fiote tragou,  
 O ninho desmantelou  
 E lá pas bandas do céu,  
 Depois de devorá tudo,  
 Sortava o seu grito agudo  
 Aquele assarsino incréu.  
 (ASSARÉ, 2011, p. 231)

O eu lírico se solidariza com a dor do casal de pássaros e chora "fora do comum". Vale salientar que há um sentimento de religiosidade ao jurar pelo "Evangeio". Temos ainda, uma onomatopeia quando a expressão batimentos do coração é substituída por "batcum". Já quando o gavião ingere os filhotes o verbo

utilizado é "tragar", mas um intensificador da ação, haja vista que, ele não os comeu, mas os tragou.

A religiosidade ressurgue ainda nas três últimas estrofes com metáforas que utilizam alguns elementos da natureza. Vejamos:

E eu com o maió respeito  
 E com a suspiração perra  
 As mãos posta sobre o peito  
 E os dois juêio na terra,  
 Com uma dô que consome,  
 Pedi logo em santo nome  
 Do nosso Deus Verdadêro,  
 Que tudo ajuda e castiga:  
 Espingarda te preciga,  
 Gavião arruacêro!

Sei que o povo da cidade  
 Uma ideia inda não fez  
 Do amô e da caridade  
 De um coração camponês.  
 Eu sinto um desgosto imenso  
 Todo momento que penso  
 No que fez o gavião.  
 E em tudo o que mais me espanta  
 É que era Semana Santa!  
 Sexta-fêra da Paixão.

Com triste recordação  
 Fico pra morrê de pena,  
 Pensando na ingratidão  
 Naquela menhã serena  
 Daquele dia azalado,  
 Quando eu saí animado  
 E andei bem meia légua  
 Pra bejá meus passarinho  
 E incrontei vazio o ninho!  
 Gavião fí duma égua!  
 (ASSARÉ, 2011, p.231-232)

O eu lírico prostra-se como uma maneira de aproximar-se do divino e apela ao Deus verdadeiro "que tudo ajuda e castiga" para que o gavião também fosse morto. A ideia que a divindade ajuda o bom e castiga o mal, já que esse fez arruaça numa sexta-feira da Semana Santa, em que tradicionalmente, muitos católicos não comem carne ou consomem bebidas alcoólicas e que ainda, os caçadores não caçam, os agricultores não trabalham na roça, em respeito a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

As vivências do homem do campo são distintas das experiências do que vive na zona urbana. O homem do campo afirma que o da cidade não saberá o quanto a lembrança desse episódio ainda é muito dolorosa. O homem da cidade teria dificuldades para observar e interpretar tão detalhadamente o prenúncio que os elementos da natureza estavam apresentando para anunciar a tragédia ocorrida com os filhotes de sabiás.

A linguagem informal que perpassa quase toda a poesia patativana apresenta muitas frases ditas pelo povo, no último verso, ao insultar o gavião, surge uma delas, "Gavião fí duma égua!". Essa expressão é utilizada constantemente no meio popular para ofender alguém. Isso torna o gavião mais próximo dos aspectos humanos.

Diante da beleza de imagens e variedade temática que há nos poemas populares que representam a cultura nordestina passada de geração em geração (como veremos na fala de um aluno ao transmitir o que aprendeu com o pai e o avô para que os animais não comam os ovos de passarinhos de um ninho) não podemos descartar essa poesia de nossas aulas de leitura.

## 2 DOS LUGARES E RUMOS DA LITERATURA POPULAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II: CAMINHOS COM O MÉTODO RECEPCIONAL

Esse capítulo apresenta os percursos metodológicos que utilizamos, tendo em vista o alcance dos objetivos traçados para a pesquisa. Além de uma breve introdução sobre a literatura popular e sua relação com o ensino e, em seguida, buscaremos entender como/se essa literatura aparece em livros didáticos do 9º ano que fazem parte do acervo da escola em que realizamos nossa intervenção. Após, trazemos a entrevista com a professora titular da turma com o intuito de entendermos se/como a literatura popular é trabalhada em sala de aula.

### 2.1 Rumo metodológico da pesquisa

*O envolvimento e a valorização da experiência do outro são fundamentais nesse processo. O pesquisador deve evitar atitude meramente documentarista e “distanciada” da cultura do outro. Também é fundamental aqui a compreensão de que a cultura popular é algo que muda, que assume diferentes formas e que não é apenas doce lembrança de um tempo passado. (Pinheiro, 2011, p. 12).*

A partir dos objetivos traçados inicialmente, nossa pesquisa foi dividida em dois planos: um teórico de reflexão crítica (feita nos dois primeiros capítulos) e outro de aplicação metodológica (que descrevemos nesse tópico e no capítulo seguinte).

A pesquisa presente do ponto de vista de seus objetivos é descritiva e também explicativa. Descrevemos a temática da natureza na literatura e na poesia de Patativa do Assaré, a relação do poeta com a natureza e o ambiente em que viveu até ser estudado internacional, entre outros. Buscamos explicar as práticas relacionadas ao ensino de leitura, sobretudo a poesia popular.

Para obtermos os dados necessários para a elaboração da pesquisa, ou seja, os procedimentos técnicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação.

Quanto as pesquisas bibliográficas Bastos (2016, p. 74) afirma que “São pesquisas desenvolvidas com base em material já elaborado, sistematizado, tais como livros, artigos científicos, pesquisas já elaboradas e publicadas.”. Nos pautamos

em livros que abordam a literatura popular, o poeta Patativa do Assaré, além dos didáticos.

Sobre a pesquisa-ação Basto (2016. p.75), define-a como “Pesquisas que exigem o envolvimento do pesquisador e do grupo envolvido no problema investigado, com vistas à resolução de um problema coletivo.”

Essa pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa já que não priorizamos a quantidade. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para a sequência básica (Apêndice A) utilizada nas aulas, nos baseamos de na proposta de Rildo Cosson (2006) no livro intitulado *Letramento literário: teoria e prática*.

Entendemos que há aproximações significativas entre o método recepcional de Bordini e Aguiar (1993) e a teoria apresentada por Cosson (2006). Já que os momentos são construídos visando o leitor (Motivação, introdução, leitura e interpretação). Passamos a descrever de forma sucinta cada um desses momentos.

O primeiro momento explora a memorização dos alunos, trata-se da “motivação” corresponde em preparar o aluno para receber o texto. O momento seguinte é a “Introdução” responsável pela apresentação do autor e da obra. Em seguida, temos a “leitura” o leitor tem acesso ao texto, ou poema e pode ter uma experiência individual. Por último, temos a “interpretação” é o momento o leitor se encontra com a obra. A construção do sentido surge a partir do diálogo envolvendo o autor, o leitor e a comunidade.

Sobre a metodologia selecionada para ser trabalhada em nossas aulas de acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 126) deve sempre levar em consideração o aluno:

Os métodos de ensino têm que considerar em seus determinantes não só a realidade vital da escola (representada principalmente pelas figuras do educador e do educando) mas também a realidade sociocultural em que está inserida.

Ao planejarmos nossas aulas devemos considerar o contexto em que a escola está inserida, sondar o gosto dos alunos, para instigarmos a leitura literária.

Um dos âmbitos de pesquisa em literatura que tem crescido bastante é o da recepção das obras pelos leitores. Apoiados na Estética da Recepção, que colocou o leitor como eixo da experiência literária, muitas pesquisas buscam compreender como os leitores leem, se as leituras que fazem estão ligadas ao seu "horizonte de expectativas", se de algum modo elas inquietam, se ajudam a compreender e a recuperar determinados conflitos, entre outras questões. Para conhecer melhor a leitura na escola, o denominado "método recepcional" pode trazer uma contribuição importante. Entre nós, o trabalho da professora Euda Cordeiro é um exemplo de pesquisa em que se procura saber o modo como o estudante está convivendo com a literatura no âmbito da sala de aula. (PINHEIRO, 2011, p. 38- 39)

No início da década de 70 surgiu a Estética da Recepção através da escola de Constança, contudo, em 1975 é que ela atingiu o seu auge com a exposição de Hans Robert Jauss em um congresso bienal dos romanistas alemães.

Segundo Jauss (1994), o significado de uma obra não se constrói de maneira isolada, como se fosse autossuficiente. Este seria o diferencial dessa nova teoria que enfatiza o leitor. Em sua primeira dimensão identificamos “a intersecção entre autor, texto e leitor” no processo de significação de um texto com os seus horizontes de expectativas. Segundo Zilberman (1989, p. 65), a segunda dimensão engloba o “efeito”, que é “condicionada pela obra que transmite orientações prévias”. Surge uma espécie de “fusão de horizontes” que auxiliam o leitor no processo de construção dos sentidos.

Mais recentemente, as autoras Bordini e Aguiar (1993), em seu livro intitulado *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas*, descrevem a leitura através da Estética da Recepção, como uma atividade que desafia a compreensão do leitor e que o leva a uma nova consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais. Portanto, essa leitura, dirige o aluno a sair de sua zona de conforto para refletir sobre a literatura e a sua vida.

O método recepcional busca basear-se na atitude participativa do estudante em contato com diferentes textos, sejam eles em prosa ou em versos.

A leitura é vista com fruição. O leitor sente prazer durante a leitura. E fazer com que o aluno sinta esse prazer é um dos grandes desafios do professor de literatura.

O autor oferece índices para que o leitor possa desenvolver bem o seu papel, mas não apresenta nenhuma resposta pronta. Já o leitor é ativo e há uma relação

dialógica entre o leitor e o texto. Dessa relação surgem várias interpretações e não apenas uma.

O Método Recepcional é constituído por cinco fases que interagem entre si. São elas: Determinação do horizonte de expectativas, atendimento do horizonte de expectativas, ruptura do horizonte de expectativas, questionamento do horizonte de expectativas e ampliação do horizonte de expectativas. A primeira fase é a **determinação do horizonte de expectativas** que consiste em diagnosticar a realidade sociocultural do aluno, preferências, seus interesses e nível de leitura, quanto a gênero e temas, mediante observações, conversas, questionários, debates, entre outros.

A segunda fase é o **atendimento do horizonte de expectativas** quando o professor deve levar para a sala textos que satisfaçam as expectativas dos alunos em relação aos temas e/ou gêneros escolhidos.

A terceira fase é a **ruptura do horizonte de expectativas** pressupõe que o professor deva trabalhar com obras que abalem as certezas e costumes dos alunos, seja em termos de literatura ou de vivência cultural. O professor deve trabalhar com obras que, partindo da vivência dos alunos, aprofundem seus conhecimentos, propiciando o distanciamento do senso comum e a conseqüente ampliação do horizonte de expectativas.

A quarta fase é o **questionamento do horizonte de expectativas** é o momento de comparação e discussão a partir das leituras realizadas na segunda e na terceira etapas, levando o aluno a perceber quais textos lidos na etapa da ruptura exigiram-lhe um nível mais alto de reflexão, proporcionando-lhe mais conhecimento e ampliando seu horizonte de expectativas.

A quinta fase é referente à **ampliação do horizonte de expectativas** é a última fase do processo, os alunos tomam consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a literatura. O final dessa etapa é o início de uma nova aplicação do método, que evolui em espiral, sempre permitindo aos alunos uma relação mais consciente com a literatura e com a vida.

Todas essas fases corroboram para valorizar o papel do leitor como parte do processo de construção da obra. Por isso, teremos mais de uma interpretação para o mesmo texto.

Todo leitor possui, mesmo antes de entrar em contato com uma obra, traz consigo um horizonte de vida, de mundo, um horizonte de valores, decorrente de suas experiências. Esse horizonte, diante da obra literária, sofrerá alterações ou ficará inalterado. Segundo Bordini e Aguiar (1993, p.87) os leitores diante dos textos confirmam ou perturbam os seus horizontes.

O texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. Se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel.

No decorrer de nossa pesquisa não seguimos todas essas etapas rigorosamente, já que adaptamos de acordo com a realidade da sala de aula. Para isso, sondamos o contexto em que aplicamos a intervenção.

Segundo Alves (2018) temos algumas condições indispensáveis para trabalhar com a poesia. A primeira delas é a experiência do professor com a leitura de maneira significativa.

É prudente essa condição já que o professor pretende formar leitores, mas antes precisa tornar-se um. A segunda condição é oferecer uma pesquisa que desperte o interesse dos alunos.

Para Freire (1996. p.85), "Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino."

O aluno aprende ao desenvolver a curiosidade sobre o assunto, portanto cabe aos mediadores a função de despertar esse desejo de pesquisar, de buscar por conta própria.

As estratégias que são utilizadas após a leitura, devem permitir a retomada e a reflexão sobre as relações estabelecidas durante todo o processo do ato de ler e atribuir significado. Esse procedimento visa auxiliar o aluno a desenvolver vários tipos de atividades cognitivas que permitam: criticar, elaborar opiniões, fazer comparações, fazer conexões pessoais com outras obras, estabelecer a causa e o efeito presente no enredo do texto, considerar intenções e pontos de vista do autor, e aplicar informações novas adquiridas com a leitura. (SOUZA E FEBA, 2011, p.61)

É um desafio para nós professores formar leitores críticos e curiosos capazes de desenvolver as suas próprias interpretações. Um dos instrumentos de mediação do texto poético que apresenta resultados satisfatórios nas aulas são os poemas populares. Por ter uma vasta diversidade temática e agradar a públicos de diversas idades e classes sociais.

## 2.2 A literatura popular nordestina e o ensino

Para apresentarmos a literatura popular, trazemos algumas estrofes do cordel intitulado “O que é literatura de cordel?”, de autoria de José João dos Santos (Azulão). Antes de iniciarmos a nossa discussão, convém citarmos que a literatura popular e o cordel não são sinônimos, já que, todo cordel é literatura popular e nem toda literatura popular é cordel. O poeta Patativa do Assaré era consciente dessa diferença e não reconhecia que sua poesia fosse considerada cordel, como Carvalho (2010) afirma:

Patativa discordava da ideia de que sua poesia era cordel. Compreendia cordel como o folheto, misturando continente e conteúdo. Dizia ser o cordel uma poesia menor. Levava o folheto para o campo do comércio rápido e fácil, moeda de troca nas feiras, álibi para pregões, folhetos espalhados pelo chão- que alguns juram ser dependurados em cordões.

Dito isso, passamos as estrofes em que o poeta traz movimentos feitos não apenas pela literatura de cordel, mas pela poesia popular como um todo.

Esta cultura abrangente  
Criada pelo poeta  
Aonde informa e educa  
A quem lê e interpreta  
Qualquer setor da Cultura  
Sem esta literatura  
A cultura é incompleta.

Esta cultura tem dado  
Informações e ensino,  
As escolas do nordeste  
Para adultos e meninos  
Servindo como jornais  
Que levam das capitais  
Para os sertões nordestinos.

(...)

Confiam mais nos poetas,  
 Porque são muito fiéis  
 Desconfiam dos jornais  
 Que mentem nos seus papéis  
 Dizem em praças e feiras  
 Que notícias verdadeiras  
 São aquelas dos cordéis.  
 (...)

O nordeste é o celeiro  
 Do cordel e do repente  
 Tem humorista e poeta  
 Do velho ao adolescente  
 O humor, a poesia  
 É a célula que se cria  
 No sangue daquela gente.  
 (...)

Depois de bastante estudo  
 E uma análise fiel  
 Observando o formato  
 Em estilo de painel  
 Chamavam esta Cultura  
 De nome literatura  
 Popular e de cordel.  
 (...)

A verdade é contundente  
 Mas precisando se diz  
 Já pensou, o brasileiro  
 Sair do próprio país  
 Para pesquisar cordel  
 No acervo do Cantel  
 Ou na Sorbone em Paris.  
 (AZULÃO, 2012, p.1-8)

Na primeira e segunda estrofes, o poeta traz a importância do cordel para todos os setores da cultura, já que ele representa o povo nordestino e suas peculiaridades. O poeta se coloca como criador de uma “cultura abrangente” capaz de promover paralelamente a informação e a educação a quem se dispõe a ler e interpretá-la. Além de, “informar” e “educar”. Temos uma referência as inúmeras pessoas que foram alfabetizadas através da leitura dos folhetos.

O folheto tinha entre outras a função de informar sobre os fatos do cotidiano. Esse aspecto está ligado a um contexto em que os meios de comunicação eram precários e de difícil acesso para o povo, enquanto que, os cordéis eram adquiridos nas feiras livres, frequentadas semanalmente pelos apreciadores da literatura popular.

Por muito tempo, os folhetos tinham a função de informar a população e assumiam o papel dos jornais, já que os leitores “desconfiam dos jornais” e acreditam nos folhetos. Esta poesia era ainda um divertido lazer em que o homem do campo ria de acontecimentos que faziam parte de sua vivência nordestina, ou seja, há uma identificação por parte dos apreciadores com os ambientes, situações, vocabulários, entre outros aspectos.

Na terceira estrofe, o eu lírico traz a confiança depositada nas notícias abordadas pelos poetas, enquanto que os jornais causam desconfiança. A quarta estrofe, mostra o nordeste como o celeiro do cordel e do repente, ou seja, da literatura popular. Sobre o dom de se produzir versos é apresentado pelo simples fato de ser nordestino. No poema “Cante lá que eu canto cá”, Patativa faz uma referência ao poeta que canta o sertão sem ter nascido ou morado nele. “Pra gente Cantá o sertão, / Precisa nele morá/ Tê armoço de feijão/ E a janta de mucunzá”. Dessa forma, para produzir versos bons é preciso vivenciar aquilo que é cantado.

Na quinta estrofe o poeta apresenta os termos “literatura popular” e literatura de cordel” como sendo sinônimos, contudo, não designam o mesmo objeto, como já foi dito. Já na sexta estrofe, o poeta cita o nome de um estudioso que realizou estudos com a literatura popular Raimund Cantel (professor e pesquisador francês) e a Universidade de Sorbonne, ambos reconhecidos pelos estudos em torno da literatura popular.

O nordeste é o celeiro das inúmeras manifestações artísticas que representam a sua cultura. Uma delas é a literatura popular que na escrita destacamos os folhetos e na oralidade as embolas de coco, os repentes de viola, as glosas, entre outras.

A literatura popular divide-se em três segmentos e sobre esse assunto, Sobrinho (2003. p.21) afirma que:

A poesia popular, conforme o folclorista Câmara Cascudo, divide-se em três segmentos: O tradicional, o Oral e o Escrito. O tradicional é aquele que veio pelas mãos dos colonizadores: xácaras e narrativas populares em versos. Estas entre nós, vestiram as vestes do nosso povo e deram origem às nossas cantigas e narrativas do chamado ciclo heróico: o do gado e dos vaqueiros e, mais adiante, o dos cangaceiros.

No nordeste, a poesia popular se distancia da literatura vinda de Portugal e de outros países. Abreu (1999.p.136), ao estudar a parte escrita da poesia popular, os

folhetos, em seu estudo afirma que não há vínculos significativos entre as produções do nordeste e as vindas de Portugal:

Da mesma maneira, compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e construída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos.

Ainda segundo a autora as produções do nordeste surgem do homem nordestino que é caracterizado priorizando aspectos distintos, como sendo "pobre", relacionado ao seu contexto em que vive e "talentoso", relacionado a seu intelecto. Apesar de ser pobre é antes de tudo um talentoso na poesia popular. Temos aqui a esperteza do pobre. Um dos personagens mais conhecidos da literatura popular é o João Grilo que foi reproduzido no filme "O auto da compadecida", de Ariano Suassuna.

O poeta estudado em nossa pesquisa, Patativa do Assaré, carrega essas duas características (pobre e talentoso). Nunca se distanciou de sua pequena cidade por longos períodos e sempre viveu da agricultura, contudo, sua habilidade e sensibilidade em produzir versos o tornou um dos principais representantes da literatura popular.

Sobre a parte escrita da literatura popular nordestina, Sobrinho (2003, p.18) afirma que em 1921, dos primeiros livros que tratavam os cantadores e poetas populares são *Ao som da viola*, de Gustavo Barroso e ainda *Cantadores e Violeiros do Norte*, de Leonardo Mota.

Já os principais responsáveis pela publicação e edição sistemática dos folhetos escritos foram Leandro Gomes de Barros e João Martins do Athaíde. Das regiões que mais se vendiam e vendem folhetos podemos citar as cidades de Pombal, Patos e Guarabira, na Paraíba.

No que diz respeito a parte oral da poesia popular, Ayala (1997) afirma que as cantorias de viola resgatam a identidade do nordestino que estão distantes. Trata-se de um processo de resistência às formas de cultura e às condições de vida oferecidas pela região em que estes nordestinos se encontram.

Vale ressaltar que quando as cantorias de viola transitam da oralidade para a forma escrita, continua com fortes traços orais que são característicos desse tipo de literatura. Na escola a prática de usar poemas populares para confrontá-los com as regras gramaticais consiste em um desrespeito pela tradição que eles representam.

Curran (1978, p.27) enfatiza o valor que os poetas populares tem para a literatura:

Nenhum cronista, poeta, historiador, ensaísta conseguiu esta simpatia popular através do tempo. Nenhum resistiu tanto e se manteve na predileção exclusivamente popular, negado pelo letrado, esquecido professor, ironizado pelo viajante que encontrava nessa leitura um índice pejorativo de gosto e de atraso cultural.

Apesar de ser rejeitada pelo letrado e esquecida nas aulas de leituras nas escolhas dos textos a serem trabalhados em sala de aula, a literatura popular continua por muito tempo sendo predileta na camada populares.

Diégues Júnior (2012, p.34) afirma que nas cantorias temos dois tipos de poesias:

Nas cantorias da literatura oral no Nordeste, encontramos dois tipos de poesia; um, tradicional que está sempre na memória dos cantadores, e que serve justamente para encher o tempo, e é chamado de "obra feita"; outro é o improvisado, é o repente, verso do momento, dito à face de um fato momentâneo, ou a propósito de uma pessoa presente; este último é o autêntico improviso, muito comum sobretudo no desafio.

Nas cantorias são comuns esses dois tipos de poesia, no entanto, o improviso é, na maioria das vezes, feito através de uma temática que alguém solicita ao repentista para desenvolvê-lo.

Na academia os estudos sobre a literatura popular tiveram um aumento significativo as pesquisas acadêmicas de instituições tanto nacionais como internacionais que se debruçam sobre esse tipo de poesia e nas suas diversas temáticas. Evidencia-se o interesse por essa produção literária no desenvolvimento de pesquisas como as que ocorrem no PPGLE voltadas para diferentes formas de abordagem sobre o assunto. Sobre o fato dela estar sendo estudada na academia, Santos (2012, p.15), afirma que:

A literatura popular, por longo tempo, sofreu críticas relegada a segundo plano. Hoje é parte integrante da pesquisa de muitos estudiosos, desde sociólogos, linguistas e estudantes universitários, ocupando assim, lugar de destaque na vida cultural brasileira.

Os estudos sobre a literatura popular estão cada vez mais evidentes na academia, isso ocorre tanto no Brasil quanto em outros países. Sobre essas pesquisas na academia Ayala (2011, p.111) esclarece que:

A Literatura Popular é objeto de estudo em várias instituições de diferentes países. Na universidade muitos insistem em achar que não é arte, que não é cultura, que não é literatura aquilo que iletrados e

semi-letrados fazem. Só aceitam quando encontram alguma vinculação com algum momento passado da cultura europeia, por exemplo.

A literatura popular nordestina é riquíssima pela sua variedade de temáticas e ainda, pela representação das tradições culturais do nordeste. Através da poesia popular conseguimos identificar inúmeros elementos que compõe a realidade do nordestino como: o seu modo de viver, de pensar, suas crenças, as dificuldades enfrentadas por quem vive nessa região, as soluções encontradas para sua sobrevivência, entre outros aspectos.

Essa diversidade de temas proporciona ao professor/mediador um material completo que não é inferior em nenhum aspecto aos textos considerados pertencentes a literatura erudita.

Sobre os temas que os folhetos tratam são diversos, como Marinho e Pinheiro, 2012. p.129) afirmam:

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundo às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates importantes em sala de aula.

A diversidade de temas contribui para que os folhetos sejam abordados em sala de aula, já que podem agradar a um público diversificado e gerar debates enriquecedores nas turmas de anos distintos.

Segundo Curran (1978, p.38-39) existem várias classificações para os folhetos, no entanto, destaca-se a de Ariano Suassuna em que se divide os temas nos ciclos: Heróico; Maravilhoso; Religioso e de Moralidade; Cômico, Satírico e Picaresco; Histórico e Circunstancial; de Amor e Fidelidade. Ayala (1997, p.168) sobre a literatura popular esclarece que não há limites para essa poesia.

A literatura popular não conhece delimitações e é isso que torna difícil seu estudo. Impossível compartimentá-la em gêneros, espécies, tipos rígidos, tampouco é possível quando e onde se encontra a literatura popular. Isso vale para as narrativas, para a poesia, para as representações dramáticas. Existe, mas não é visível para todos. Em sua existência mantém-se de difícil definição e classificação.

O diálogo existente entre a poesia erudita e a popular apresenta-se de forma relevante e significativo. Uma inspira-se na outra constantemente. Um dos exemplos de escritores eruditos que beberam na fonte da cultura popular está no Movimento

Regionalista com os escritores da Geração de 30, como ocorre com José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, entre outros.

É válido lembrarmos que, no ensino informal, era comum nas casas, muitas pessoas serem alfabetizadas através dos folhetos que eram comprados nas feiras por alguém que sabia ler e que apesar de não ter nenhuma formação acadêmica direcionada ao trabalho com a alfabetização em si, conseguia ensinar os outros a lerem.

Com o surgimento de estudos direcionados as variações linguísticas, como o livro intitulado *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, de Bagno (1999), o universo da poesia popular adentra à sala de aula e embora ainda timidamente, a encontramos nos livros didáticos e apesar de se apresentar fragmentada (raramente o poema aparece integralmente) e utilizada, na maioria das vezes, com o intuito de demonstrar a diferença entre a linguagem formal e informal, proporciona o contato do aluno com essa poesia.

Cabe ao professor mediar a relação entre esse leitor em formação e o texto literário. Valendo-se dos instrumentos que estão disponíveis. Nesse sentido, um excelente suporte para o professor trata-se dos livros didáticos.

### 2.3 Da literatura popular em livros didáticos do 9º ano do Ensino Fundamental

Ao pesquisarmos na biblioteca da escola em que realizamos a nossa intervenção, encontramos quatro livros didáticos de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental e verificamos se/como a literatura popular se apresentava em cada um deles.

O primeiro livro que observamos é o adotado pela turma em que realizamos a nossa intervenção, trata-se do intitulado *Português Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2015). No manual do aluno, não encontramos nenhuma aparição da literatura popular nos capítulos, contudo, no manual do professor, na seção nomeada *Semântica e discurso* encontramos três estrofes do cordel "As proezas de João Grilo", de João Ferreira de Lima. A autoria desse folheto é atribuída também a João Martins

do Athaíde, contudo, isso não é citado. Não há nenhuma orientação de como trabalhar essa poesia em sala de aula. (Anexo B)

No livro nomeado *Universo: Língua Portuguesa*, de Ramos (2012), só tivemos acesso ao manual do aluno em que constatamos que a literatura popular não é mencionada em momento algum

Já no livro chamado *Para viver juntos: Português*, de Marchetti (2005) a literatura popular surge em dois momentos. O primeiro deles é na seção *Reflexão linguística na prática*, no conteúdo *Concordância nominal e expressividade*, na página 169 (Anexo C), a primeira atividade apresenta três estrofes incompletas do poema “Ispinho e fulô”, de *Patativa do Assaré*. Em seguida, temos quatro perguntas a respeito desse poema, no entanto, apenas uma exige do aluno a interpretação “Que ideia a respeito da vida está presente na primeira estrofe do poema?”. Quanto às demais perguntas contemplam apenas os desvios da norma-padrão e a sintaxe que são identificados no poema, vejamos:

b A escrita do poema é marcada por traços da linguagem oral. Observe como são grafadas as palavras do título. Agora, verifique como esses substantivos estão grafados no dicionário.

c Além das peculiaridades ortográficas, qual aspecto sintático se pode observar nos dois primeiros versos? Copie outros dois versos nos quais se observa essa mesma ocorrência.

d De acordo com a norma-padrão, a concordância nominal se dá em gênero e número. Nos exemplos analisados, qual desses tipos de concordância recebe o tratamento diferente da norma? (MARCHETTI 2005, p.169)

Na seção do manual dedicado ao professor, ao comentar essa atividade, a orientação é que seja solicitada aos alunos a leitura em voz alta do poema buscando identificar as características da linguagem oral utilizada no texto. Em seguida, pede-se para que o docente comente sobre a heterogeneidade linguística no Brasil, em que se cita o linguísta Marcos Bagno. Além de esclarecer que há uma certa regularidade nas ocorrências que caracterizam o português de certos grupos de falantes, por isso, não se trata de um erro, mas de uma variedade. Apresenta também uma discussão sobre o preconceito linguístico. Por fim, é sugerido a leitura do livro *Nada na língua é por acaso*, de Marcos Bagno (2007) e conclui com um breve resumo de como esse estudioso entende o uso da linguagem.

Para Marcos Bagno, o reconhecimento das possibilidades de uso da língua é importante para o ensino. O conhecimento das variações linguísticas possibilita ao aluno escolher o uso que fará de sua fala em cada situação comunicativa. (MARCHETTI, 2015, p. 362)

Dos livros pesquisados, a nosso ver, esse é o que mais evidencia a literatura popular. A abordagem nas atividades é focada nos aspectos formais da língua, no entanto, podemos ampliar os nossos conhecimentos através da leitura sugerida e já iniciarmos com a leitura do resumo: da obra de Bagno.

Quanto ao livro intitulado *Tecendo linguagens: Língua portuguesa*, de Oliveira (2015), observamos que no manual do aluno não encontramos a literatura popular. Já na seção do manual do professor na p.341, aparecem estrofes do livro "Cordel adolescente, Ó xente!", de Sylvia Orthof (1996). (Anexo D) Não há nenhuma sugestão de como trabalhar esse poema em sala de aula, no entanto, temos alguns pontos positivos nessa escolha que merecem destaque, o primeiro deles é o fato da autoria ser feminina, já que sabemos que possuem um número inferior se compararmos aos de autoria masculina. Apesar de aparentar estar solto, sem nenhuma ligação com o capítulo a que é sugerido a sua leitura, o vínculo está na temática do amor que todos os textos apresentam.

Concluimos que, dos quatro livros observados, apenas um não apresenta a literatura popular e trata-se daquele que não tivemos acesso ao manual do professor. Já dos outros três livros pesquisados todos trazem a literatura popular mesmo que de maneira fragmentada e apenas para focar os aspectos das variações linguísticas. Desses livros apenas um contempla a literatura popular tanto no manual do aluno quanto na parte direcionada ao docente.

Percebemos que a literatura popular surge nos livros didáticos dos diferentes anos do Ensino Fundamental I e II. Tivemos a curiosidade de identificar a presença dela em livros do 5º ano do Ensino Fundamental I e também da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com poemas e até mesmo a autobiografia na íntegra de Patativa do Assaré publicada no livro *Cante lá que eu canto cá*, em 1978.

Para darmos continuidade a primeira fase do método recepcional (determinação do horizonte de expectativas), é relevante darmos voz a professora titular da turma em que realizamos a intervenção.

#### 2.4 "*Minha casa é uma casa de leitores*": Da entrevista com a professora titular e do encantamento pela literatura através da poesia popular

A entrevista com a professora titular da turma teve como objetivo principal conhecer se /como a literatura popular é abordada em suas aulas e sondar suas experiências com a literatura popular. Nas fases propostas pelo método recepcional este momento, aliado ao Questionário I, respondido pelos alunos) consiste na determinação do horizonte de expectativas, já que através da fala da professora temos acesso ao contexto que envolve os alunos e o seus contatos com a poesia popular.

A professora tem 45 anos de idade e leciona do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro do Ensino Médio, é doutora em Literatura e Interculturalidade (UEPB), é Mestra em Literatura e Interculturalidade, possui Especialização em Linguística e Literatura e Licenciatura Plena em Letras pela mesma instituição.

Ao sabermos da formação da professora voltada à literatura e também com base na entrevista, constatamos que ela é uma leitora assídua e que transmite as suas experiências literárias para os seus alunos durante as suas aulas (como iremos perceber mais adiante nas observações durante a intervenção e as respostas dos alunos no primeiro questionário aplicado). Tal formação favoreceu nossa aproximação e acolhimento da nossa pesquisa. Além disso, nos deparamos com aulas bem elaboradas por parte da docente.

Em uma conversa informal, a docente afirmou que utiliza duas aulas semanais dedicadas exclusivamente à leitura. Detalhou que os alunos escolhem o livro que gostariam de ler e, caso não finalizem a leitura, eles a retomam na semana seguinte. Esta é a maneira encontrada por ela para que os alunos leiam obras na íntegra, além dos textos literários que são oferecidos no livro didático.

A professora apontou que apesar da falta de exemplares da mesma obra o suficiente para a turma, ela conseguiu ler e discutir algumas na íntegra em sala de aula. No primeiro questionário feito com a turma, verificamos a citação dessas obras. Quanto à literatura popular, perguntamos se/como ela havia trabalhado em sala de aula e ela afirmou que sim. Mencionou que, inclusive, havia trabalhado com *Patativa do Assaré*.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA TITULAR DA TURMA**

***Essa entrevista foi realizada no dia 10 de maio de 2019 na cidade de Aroeiras, na Paraíba.***

Em torno das 16h chegamos na residência da professora, no município de Aroeiras, na Paraíba. Como sempre, fomos bem recepcionados pela docente que nos direcionou a sala. Agradei a sua disposição para auxiliar na coleta de dados de nossa pesquisa, mesmo estando em repouso pós cirúrgico. E iniciamos...

*Pesquisadora — A primeira questão que quero fazer é sobre se você já teve, enquanto leitora, uma vivência pessoal com a literatura popular?*

*ENTREVISTADA — Bastante! Eu acho que foi pela literatura popular que eu me encantei com a literatura. O contado com os cordéis na minha casa, na minha família, as histórias, né? Que meu pai contava, normalmente, vinham desses cordéis, vinham dessa vivência que ele teve e isso me fez despertar muito cedo pra literatura. Minha casa é uma casa de leitores. Muitas coisas que depois, minha mãe também vinha com as poesias de Olavo Bilac, ela me ensinava na infância, Cecília Meireles, sem lógico saber o nome, eu memorizava as poesias e depois quando cheguei à universidade eu tive a surpresa de reencontrar o que eu ouvia da minha mãe e até já memorizava como sendo parte de clássicos da literatura e pelo viés do meu pai a literatura popular. Tipo o cordel “Cachorro dos mortos”, a gente tinha um cachorro que se chamava “Calar” que era uma homenagem ao cachorro da história de Leandro Gomes de Barros.*

Nessa resposta, a professora afirma que teve e tem contato com a literatura popular e que através dela que se encantou com a literatura. O encantamento que se dá pela leitura através da poesia que era cultivada pelos seus pais, influencia em sua prática docente. Ela cita alguns escritores canônicos como Olavo Bilac e Cecília Meireles e ainda, um dos pioneiros na publicação sistemática dos folhetos, Leandro Gomes de Barros. De acordo com Alves (2018, p.22) para formar leitores temos que ser antes de tudo bons leitores. “A primeira condição indispensável é que o professor seja realmente um leitor com experiência significativa de leitura.”. Essa docente transmite com propriedade os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. Percebemos isso através das aulas observadas, em que ela cita autores e obras

diversas e também pelos questionários em que os alunos recordam de obras que ela os direcionou a lerem.

*Pesquisadora — Você teve contato com as cantorias de viola?*

*ENTREVISTADA — Ouvia os repentistas, a gente ouvia em um programa no finalzinho da tarde, mas naquela época quando eu era...quando eu iniciei a leitura, não...não gostava e não achava interessante. Olha, me dava sono e hoje eu me vejo escrevendo muito próximo ao repente, (risos). Houve esse processo, então, eu não compreendia bem acho até a sonoridade e o crepúsculo sempre no finalzinho da tarde me dava aquela melancolia dentro de casa, meu pai escutando na rádio, eu não gostava muito daquele momento, mas depois eu me vi apaixonada pelos repentistas (risos) a ponto de produzir algumas coisas que a gente tem produzido e que vai nessa, nessa... naquele sistema de décimas do... do tamanho, a métrica observando o galope, tudo isso eu consigo fazer, não sei como (risos), mas eu consigo.*

A professora ouvia os repentes através de seu pai que tinha o hábito de ouvir um programa de rádio que era direcionado aos repentes de viola. Nós também tivemos os primeiros contatos com essa poesia através de nossa figura paterna, como já foi dito. Ela confessa que naquela época não apreciava as cantorias, mas que se tornou escritora de uma poesia que é muito próxima desses repentes. Muitos de nossos alunos afirmam que as cantorias são coisas de velhos. Nos dados obtidos no questionário I percebemos o desinteresse dos alunos por essas cantorias. Ao serem indagados sobre se conhecem as cantorias de viola, 11 dos 28 alunos que responderam, afirmam que não conheciam as cantorias. Devemos pensar sobre o motivo pelo qual os alunos afirmarem não conhecer as cantorias, mesmo residindo em uma cidade com costumes rurais que promove um evento anual de violeiros e que mantém as cantorias em casas particulares, apesar de uma quantidade bastante reduzida se comparada há tempos remotos. Recordamos que havia uma timidez de nossa parte em assumir que gostávamos da poesia popular, justamente, pelo fato dos colegas de nossa idade não ouvirem e criticarem (certamente sem conhecer a beleza que existe nesse tipo de poesia).

*Pesquisadora — Tem algum livro publicado de poesia?*

*ENTREVISTADA — Isso ainda não, mas já... Eu estou com dois volumes, já, a gente tem umas poesias em verso livre que já coloquei pra apresentação de alguns colegas*

da Academia Paraibana de Letras. “Ô, Patrícia, já está no tempo de publicar!”. E tenho esse outro trabalho que estou fazendo com o professor Dudé e o professor Vicente que são daqui da cidade de Aroeiras que vai se chamar “De repente poesia”, já fazendo alusão ao repente, né? Que a gente constrói um mote, às vezes, o mote é meu, às vezes, do professor Dudé ou do professor Vicente e dentro daquele mote a gente produz três décimas com aquele mesmo mote e já tenho um material bem bom no forninho que daqui a pouco sai esse livro. Tenho produzido!

A docente além de ser uma leitora assídua, produz poemas e publicará alguns com mais dois professores que atuam na educação de Aroeiras. É compreensível que nem todo leitor de poesia é capaz de fazê-la. Na pergunta anterior, ela afirma que não sabe como consegue produzir, o que retoma a ideia da poesia como uma inspiração e isso perpassa o seu discurso durante a entrevista.

*Pesquisadora — A literatura popular é uma literatura que você gosta pessoalmente?*

*ENTREVISTADA— Gosto muito! E eu tenho uma facilidade. Eu percebo que eu tenho facilidade pra produzir o verso metrificado que, geralmente, é uma grande dificuldade, o verso livre é... ele é mais simples. Então, na hora de fazer o verso livre eu, às vezes, eu não gosto, produzo e acho que não está bom e o metrificado muito semelhante...similar ao cordel que a gente vê são versos populares. Eu consigo fazer muito rapidamente, com muita celeridade. Nem sempre, é assim, eu tenho espaço de inspiração, diríamos, passam meses que eu não consigo escrever nada, de repente, eu começo a escrever. Então, dentro de um mês eu produzo muita coisa e depois eu paro. Eu não tenho aquela regularidade na escrita que os poetas têm. O meu é um fluxo como um rio, eu digo que é como um rio, vem uma cheia e eu consigo escrever, escrevo, escrevo, escrevo, e depois aquilo passa e eu não consigo mais. Aí eu me pergunto, o que foi que aconteceu? Meu Deus! E depois volta, sempre foi assim na minha vida.*

A docente ao afirmar que gosta muito da poesia popular, acrescenta que também a escreve com facilidade (como os poetas), contudo, no fim de sua fala não se coloca no grupo dos poetas já que não tem “aquela regularidade na escrita que os poetas têm”. Uma modéstia por parte dela. Já tivemos acesso a seus escritos e pudemos comprovar a riqueza de imagens, figuras de linguagens e temáticas variadas, sobretudo sociais.

*Pesquisadora — Você lembra o nome de alguns poetas ou versos?*

*ENTREVISTADA — Eu lembro do Patativa, Leandro Gomes de Barros, é o da, da viagem a são saruê, José Camilo dos Santos, Manoel Bandeira que amo e viajo por muitos lugares, né? Gosto muito agora de um poeta que é contemporâneo que é o Waldemar Solha. Eu amo o que ele escreve, gosto muito da... o meu primo também escreve a poesia, o Hidelberto, as poesias do Hidelberto que retrata a realidade daqui de Aroeiras “Comarcas das pedras”, “Geometria da paixão”, né? “Dançar com facas” que é o último livro dele. Textos que eu sempre revisito e também tem os poetas, os mais clássicos, Carlos Drummond. Eu leio, gosto muito de ler poesia e lembro. Agora versos para decorar é bem complicado, nem os meus eu consigo decorar (risos) Um dia eu vou chegar nesse nível. Eu escrevo, depois eu olho e digo: Meu Deus! Foi eu mesma que escrevi? Eu não decoro, não decoro, não memorizo. Tenho tudo escrito, digitado e guardado. Sim! E Augusto dos Anjos que eu não posso esquecer... Que me acompanha a vida inteira. São esses...*

Ao citar os nomes dos poetas a professora cita canônicos e populares. Tanto clássicos como Manuel Bandeira, Drummond e Augusto dos anjos quanto populares como Patativa do Assaré, Leandro Gomes de Barros, José Camilo dos Santos, além de contemporâneos como Waldemar Solha, Hildeberto (natural da cidade de Aroeiras e membro da Academia Paraibana De Letras.) Constatamos o domínio de diversos gêneros literários.

*Pesquisadora — Você estudou a poesia de Augusto dos Anjos?*

*ENTREVISTADA — Eu sempre tive um trabalho muito forte no mestrado, a gente tinha companheiros que estudavam a melancolia de Augusto dos Anjos, e, eu sempre estava por ali, apesar da minha dissertação...minha tese ser toda em Jorge Amado, na prosa, no caso, especificamente, mas eu sempre caminhei lado a lado conhecendo ele. Gosto muito de ver o que ele constrói essa poética, a partir do, o que ninguém vê, e isso me encantou bastante.*

A docente revela um dos benefícios que a pós-graduação nos proporciona, o contato mais aprofundado com autores e temáticas escolhidas por nossos colegas de turma. O que nos possibilita ampliar os nossos conhecimentos como leitores e mediadores da leitura em sala de aula. Do que aprendemos na academia devemos

colocar em prática durante a docência e adaptarmos de acordo com a realidade escolar.

*Pesquisadora — Você conhece ou já ouviu falar do poeta Patativa do Assaré?*

*ENTREVISTADA — Sim, e acho de uma singularidade, num é? De uma riqueza muito grande o que esse poeta consegue produzir. Ele aproxima muito. Ele tem uma identidade, o viés político-social do Patativa é fantástico, porque ele nunca vai deixar de ser. Parece que ele escreveu hoje, né? A contemporaneidade dele e você quando traz para a sala de aula os alunos se identificam e pronto. É muito atual, é de uma atualidade de um homem que escreveu e a frente do seu tempo e traz aquilo tudo. Eu acho que é o grande e deve ser, com certeza, o grande idealizador, o grande motivador de Jessier Quirino, do próprio Bráulio Bessa, e tanta gente que vai no esteio de Patativa, a gente vê isso...*

A docente demonstra conhecer a poesia Patativana, destaca o viés político-social, a atualidade nas temáticas, a representação do nordeste que gera a identificação dos alunos. Por fim, a influência de Patativa nos poetas contemporâneos, como Jessier Quirino e Bráulio Bessa que apesar das inúmeras limitações trazem a literatura popular para a TV aberta e as redes sociais. É válido saber que constatamos em uma de nossas turmas do EJA que os alunos ao serem apresentados a livros de autores como Bráulio Bessa demonstram interesse e, inclusive, ficamos surpresos com a atitude de três alunos (um deles que não tem o hábito de ler) ao pedirem emprestado para ler em casa. Devemos enxergar nessa atitude uma abertura para apresentarmos outros textos e, assim, alçarmos voo de leituras através de autores e temáticas variadas.

*Pesquisadora — Você trabalha frequentemente com a poesia em sala de aula?*

*ENTREVISTADA — No 9º ano. Quando a gente chega no 9º ano é que a gente consegue fazer um trabalho mais sistemático. Apesar que no 7º e 6º anos a gente já começa as leituras, né? Mas aí no 9º ano a gente envereda também não só pela leitura, mas a apreciação da estrutura, da forma... é o que eu costumo trabalhar. Sempre coloco no meu planejamento, e no 9º ano, especificamente, eu já digo aos meus alunos que aquilo dali é literatura, é arte literária. E eles já vão tendo conhecimento do universo que eles gostam e tem todo esse valor.*

Há um destaque ao trabalho com a poesia no 9º ano, enfatizou-se a estrutura, a forma. O planejamento dessas aulas é fundamental para os professores, pois através dele podemos estabelecer objetivos e desenvolver meios para atingi-los no decorrer das nossas aulas. Sabendo que, é preciso adaptá-lo de acordo com a necessidade de cada turma.

*Pesquisadora — Geralmente, qual a metodologia que você usa quando vai trabalhar com o poema?*

*ENTREVISTADA — Eu começo com o poema. Levando o poema, começando com a leitura do poema. Às vezes, peço que eles tragam de casa, né? O que eles acham, que parece com aquele tipo de texto que eles gostam. Peço para escreverem, discuto e depois a gente começa a estudar a forma, a estrutura, o conteúdo. Aí depois, a gente vai para a biografia do sujeito, do autor para que eles compreendam de onde vem aquilo, se identifiquem com aquele autor, se aproximem, vejam que a vida deles não era tão diferente, pra ver essa conexão. E quem sabe, depois partimos para a produção que tem sido uma coisa muito difícil, hoje.*

Geralmente, em sua metodologia, a professora inicia com a leitura dos poemas, no entanto, nos dias em que observamos, utilizou-se uma aula expositiva dialogada sobre a teoria, em seguida, a resolução de questões e finalizando com as correções. As metodologias de nossas aulas devem variar de acordo com as necessidades dos alunos, pois é através da prática que conhecemos o melhor caminho, o melhor método a ser seguido para determinada turma.

A biografia do autor é levada em consideração e nos parece que seja um bom recurso já que os alunos não conhecem a maioria dos autores, porém não é relevante aprofundar-se nesse aspecto. Podemos sugerir que os alunos realizem as suas pesquisas. A docente apresenta uma de suas propostas de atividade que é a dos alunos produzirem poemas. Neste momento, inserimos um questionamento que não estava previsto, com o intuito de descobrirmos como se dá essa produção.

*Pesquisadora — A produção seria uma atividade para eles escreverem poemas?*

*ENTREVISTADA — A produção para eles escreverem, tentar fazer as poesias.*

*Pesquisadora- Geralmente dá certo?*

*ENTREVISTADA — Dá! Tem aqueles que acha que é uma besteira que eles estão na fase adolescente que diz que isso não é coisa de... Mas tem! Geralmente, mais as meninas são as que escrevem, que tentam escrever. E, às vezes, têm aquelas que dizem: Eu já escrevo!*

*Pesquisadora — Essa quantidade que já escreve é significativa?*

*ENTREVISTADA — É bem pequena! Tem diminuído... Eu percebo... Com o passar do tempo tem diminuído. No início da minha carreira, eu encontrava mais alunos que escreviam, hoje em dia, a gente percebe que está ficando mais escasso, a produção e a leitura é muito restrita ao universo virtual. A não ser que a gente enverede por essa poesia digital que também já é um caminho. Eu acho que é um desafio para mim também, e já fico pensando em trabalhar com esse tipo de coisa, de estudar isso pra ver como no ambiente virtual. Eles conseguem misturar e aí a gente vai ver todo o hibridismo das linguagens se vamos ter uma nova semiose pra literatura acontecer, eu acho interessante. Infelizmente, a gente não tem esses recursos á disposição de todos, quando a gente coloca, vamos fazer determinado... um microconto, por exemplo, que a gente pega na internet. Vamos acessar. Muita gente não tem o acesso ainda nos interiores e aí, dificulta um pouco.*

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é proposta uma atividade que sugere que os alunos produzam cordéis e a professora põe em prática, no entanto, ela confirma na resposta anterior que "a produção tem sido uma coisa muito difícil" e que "as meninas são as que mais escrevem". Talvez seja influência da poesia estar relacionada ao romance, ao tema amoroso. Ela afirma que apesar de ser uma quantidade pequena, alguns alunos já escrevem. Para eles, a atividade não é tão difícil e "dá certo", como ela confirma.

Confrontando com o que a professora afirmou anteriormente sobre a sua escrita ser comparada a um rio em que "vem uma cheia" e a produção flui e "depois aquilo passa" e ela não consegue mais, percebemos que há uma incoerência ao propor uma atividade que a mesma não consegue produzir sempre, uma vez que, nem todos têm a capacidade de produzir poesia, seja ela, metrificada ou em verso livres. Além disso, se o aluno for como a docente que não escreve continuamente, mas apenas em determinados momentos de "cheia" ele terá muita dificuldade para

concluir essa tarefa. Ela revela que tem diminuído bastante o número de alunos que produzem, mas isso se dá também pelo fato de que a produção não é inata a todos.

Sobre a leitura dos alunos é pontuado que “é muito restrito ao universo virtual” e que o universo virtual já é um caminho. É coerente a postura dessa profissional ao enxergar a abertura dos alunos para se inserir a leitura e também em considerar um desafio pelo fato da escola ainda não disponibilizar recursos que possibilitem o acesso à internet. Esse problema é enfrentado na maioria das escolas públicas do país.

*Pesquisadora — Você considera importante que o professor insira em suas aulas a poesia popular independentemente do livro didático abordá-la?*

*ENTREVISTADA — Totalmente! Totalmente importante! É a identidade do aluno e a capacidade de perceber que pessoas do seu convívio, a sua realidade está ali exposta, artisticamente. Eu acho que é fundamental, dá uma autonomia e embelezamento ao que, muitas vezes, eles entendem como sendo... Às vezes, querem até esconder o jeito de falar que Patativa recupera na linguagem peculiar, eles acham errado, às vezes, dizem: Ô, professora, isso daqui está escrito tudo errado! E a gente pode entrar nessa discussão do certo e errado na linguagem. O que é que funciona, o ambiente, o suporte, tudo isso. Então, é essencial. E mais do que tudo trazer essa identidade forte, né? Do seu ugar, da sua gente, a beleza da sua fauna, da sua flora, a resistência, tudo isso como fator estilístico... E Geralmente, eu não sigo muito o livro didático não, viu?!... É muito metódico, eu acho muito engessado. Eu não sigo muito não! Aproveito o que aí eu posso... às vezes, é o único recurso que eles dispõem. Então, eu aproveito... Aproveito as leituras, e eles ficam muito, assim, agoniados comigo, porque eu não vou na sequência. Às vezes, começo pelo último capítulo. “Ô, professora, a senhora tá ficando doida?” Pego o livro do 6º, eu tô no 9º e vou fazendo essa troca. Porque, às vezes, o conhecimento que tá no 9º ano eles não vão compreender sem compreender o do 6º ano. Voltar ao 6º ano... faz a atividade “A gente já fez essa atividade.”, “Agora, você vai fazer com outros olhos.”. Eles redescobrem na atividade.*

A entrevistada considera a poesia popular importante em sala de aula e destaca aspectos como “convívio”, “realidade”, “arte”, e a linguagem que “às vezes, querem até esconder o jeito de falar que Patativa recupera na linguagem peculiar”. Ela sugere que podemos discutir sobre o certo e o errado (a linguagem culta e não culta). De

acordo com Curran (1978, p.74), "a Literatura do povo tem achado o caminho fora de seu meio, e tem chegado a ser exemplo da verdadeira expressão artística."

Sobre o uso do livro didático a professora revela que não segue todo o seu conteúdo linearmente "às vezes, começo pelo último capítulo". Essa postura é coerente já que o professor deve adaptar o conteúdo do livro didático de acordo com a sua realidade.

*Pesquisadora — Sobre a temática da natureza você considera relevante para ser abordada em sala de aula?*

*ENTREVISTADA — Totalmente relevante! Inclusive desse viés da Ecocrítica na literatura, né? Precisa ser fundamental, precisa ser explanado, precisa ser incentivado para que os professores entendam que ali a arte também pode intervir. Eu acho maravilhoso! E aí, não somente no dia do meio ambiente, mas sempre! Trabalhar isso sempre, essa aproximação. E com aluno da zona rural é mais simples, né? Porque eles vivem isso. O da cidade eles ficam mais... mas o da zona rural, inclusive, eles participam muito mais e explicam coisas... Às vezes, eu faço que não sei como funciona, eles vão explicando.*

A professora costuma ouvir os alunos "Às vezes, eu faço que não sei como funciona, eles vão explicando". Essa postura da docente estimula os alunos a discutirem a temática de acordo com os seus conhecimentos prévios. O trabalho em sala de aula à luz do método recepcional coloca o leitor como o elemento central na sua relação com o texto. A temática da natureza é considerada relevante pela docente, ela cita a Ecocrítica que necessita ser esplanada. A docente sugere a necessidade de uma mudança de postura de seus colegas de profissão diante dessa temática para que ela não seja trabalhada apenas no dia do meio ambiente. Destaca-se a participação dos alunos que residem na zona rural já que a vivência deles permite um contato maior com a natureza, se relacionarmos com os que residem na zona urbana.

*Pesquisadora — Qual a sua opinião sobre a poesia popular ser utilizada como uma ferramenta de mediação do texto poético em sala de aula?*

*ENTREVISTADA — Ela (a poesia popular) é essa ponte, pra mim foi, né? Eu lembro de minha mãe contando histórias que depois eu encontrei, por exemplo, "As mil e uma noites", inclusive, a técnica de minha mãe era a técnica de Sherazade. Ela botava a gente para lavar os pratos e os vizinhos todos iam ouvir. E enquanto, ela lavava os*

*pratos a gente enxugava...e quando chegava no final da história, no clímax, ela dizia amanhã eu termino, se vocês vierem... Então, minha mãe, de alguma forma, teve acesso a essa técnica do melodrama, de contar e deixar o momento mais importante, o suspense para o final ou o desfecho... e foi por ali que eu me encantei pela poesia, de ver a beleza das histórias. Então, eu acho que ela era a mediação, sobretudo, nesses lugares que a gente ocupa nessas escolas da... das periferias, ela vai ser realmente fundamental...é um canal, é um caminho. Não o caminho, mas um dos caminhos, né? O rap, eles estão agora com uma moda, aqui em Aroeiras ainda não chegou, tô rezando que chegue...que é eles fazem umas batalhas de poesia de rap que aproxima muito a questão do verso, da versificação. Eu já vi é...na Malhação, nesses programas que eles assistem e em algumas escolas em João Pessoa. Essas batalhas... Então, daqui a pouco essas batalhas vão acontecer aqui em Aroeiras e aí eles vão se aproximar, vão sentir essa necessidade de conhecer esse universo, conseqüentemente, é o momento do professor ir lá e aproveitar e deixar que eles sigam. E dali, se Deus quiser, vão sair muitos leitores. A gente tem que hoje lidar muito com o universo das séries. Eles assistem muito mais as séries do que, propriamente, a filmes e, às vezes, pela série ele se interessa pelo livro. Esse caminho, essas mediações, hoje, são muito mais amplas. Então, a literatura popular é um dos mediadores, que vai proporcionar esse encontro do... do... aluno com a leitura para que se transforme um leitor. Como foi essa novela agora, não teve essa novela? Quantas pessoas não ligam pra mim e dizem: Patrícia eu queria que você me emprestasse tal livro. Você tem tal livro? Dom Quixote?”, porque se interessaram ouvindo a novela. Então, as mediações vão ser muito mais variadas e a gente tem que aproveitar, como professor de linguagem e literatura a gente tem que aproveitar esse caminho para ir dando repertório a esse povo, eu acho que é por aí.*

A entrevistada reafirma que através da poesia popular que ela se encantou com a literatura. E diz sabiamente que “não é o caminho, mas um dos caminhos” para mediar o texto poético em sala de aula. Alves (2018.p. 62) no livro intitulado *Poesia (cabe) na sala de aula* estabelece uma relação de igualdade entre a poesia popular e a erudita: “O folheto tem uma riqueza estética que em nada se diferencia de obras literárias consideradas de valor estético.”. Dessa forma, a abordagem da poesia popular é relevante nas aulas de leitura.

A docente, ainda, destaca o rap que possui as rimas como a poesia, as séries e novelas que são originais de livros que incentivam a leitura e que são apreciados pelos alunos.

*Pesquisadora — Você considera a literatura popular como sendo de fácil aceitação entre os alunos?*

*ENTREVISTADA — Sobretudo o cordel, sobretudo o cordel... Os repentistas... é... os violeiros eles não gostam...eles atribuem que... como de pessoas mais velhas, eles têm esse preconceito, mas o cordel eles...eles... e o Bráulio Bessa. Olha como o Bráulio Bessa foi... foi sábio, eu diria. Ele conseguiu trazer a literatura popular para o universo digital e fazer com que a coisa acontecesse por ali...Então, eu acho que... que é muito importante e muito interessante a gente trabalhar e ter essa... Essa... Escapar um pouco. Hoje em dia, os livros já trazem, né? Alguns livros trazem, algumas coisas pulverizadas em literatura popular, mas cabe ao professor trazer e mostrar e fazer com que essa aceitação aconteça sem ser um castigo, né? Pra ser uma coisa boa...Pra que eles gostem. Eles vão caminhando...*

Para concluir a entrevista é destacado a boa aceitação do cordel em sala de aula. O cearense Bráulio Bessa é citado novamente e é enfatizado que ele “conseguiu trazer a literatura para o universo digital e fazer com que a coisa acontecesse por ali”. Acrescentaríamos a fala da docente, os diversos repentistas renomados, como Geraldo Amâncio que utilizam os canais virtuais para divulgar a sua poesia, e promover cantorias online, principalmente, com o período da quarentena gerada pelo Covid-19 em que não podemos ter aglomerações. A professora é consciente do desafio que é proporcionar a aceitação da poesia popular sem que se torne um castigo.

Sabemos que cabe ao mediador preencher as lacunas existentes nos livros didáticos e adaptar as sugestões vindas no manual do professor a sua realidade escolar ao trabalhar a leitura de poesia em sala de aula.

Uma possibilidade para se trabalhar em sala de aula com a leitura de poesia popular, seria atender, inicialmente os gostos das temáticas dos alunos e ir aos poucos, mostrando algo novo a eles. Uma das possibilidades que têm contribuído com a poesia em sala de aula é o método recepção, que leva o leitor em consideração, juntamente, com os seus horizontes de expectativa, adquirido com as experiências vivenciadas.

### 3 O VOO DA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ EM SALA DE AULA

Nos dois primeiros capítulos, descrevemos sobre o conceito de natureza que adotamos. Além da literatura popular e seu ensino com base no método recepcional. Discorremos, ainda, sobre a recorrência dessa temática na poesia de Patativa do Assaré e discutimos como essa temática se apresenta nos poemas "Vaca Estrela e boi Fubá" e "O sabiá e o gavião". O terceiro capítulo corresponde à experiência com a poesia patativana, na sala de aula, na qual compartilhamos as leituras com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

#### 3.1 Das raízes aos frutos da Cultura Popular: Aroeiras e sua poesia

*No chão das areias tão quentes do teu cariri. Aroeiras prometes um grande porvir. Esperanças enramas no meu coração. (Dudé das Aroeiras, Hino da cidade, 2003)*

A intervenção foi realizada entre os meses de maio e junho de 2019, nos dias 20, 21 e 23 de maio, (com a observação das aulas) também 27 e 28 de maio e 03 e 04 de junho (com as aulas ministradas). Os alunos que participaram foram de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Aroeiras–PB. O município está localizado no Agreste paraibano, distante cerca de 54km, de Campina Grande, cidade pólo, e de João Pessoa, capital do Estado, aproximadamente, 178 Km. Sua base econômica consiste no comércio de produtos diversos disponíveis nas casas de negócios e na feira livre, realizada aos sábados, na região central.

Aroeiras é uma cidade interiorana com costumes, predominantemente, rurais. Seus principais pontos turísticos naturais proporcionam o contato com a natureza, como o Serrote da Torre, o qual possui uma pedra enorme, utilizada como trilhas. Só para ilustrar, tem o Cruzeiro com uma pequena igreja católica localizados em um dos pontos mais altos da zona urbana, ambos proporcionam uma vista panorâmica.

Destacamos as lajes de seu Zuza Anastácio, que na época das cheias, os banhistas costumam frequentar.

Figura 1– Serrote da Torre, em Aroeiras      Figura 2 – Lajes de seu Zuza Anastácio



**Fonte:** Feriastur.com.br (10/09/2021)

**Fonte:** mapio.net (10/09/2021)

Sobre a sua relação com a literatura, a cidade possui a pequena biblioteca municipal José Rezende de Melo, recentemente reinaugurada às margens do Centro de convivência Milton Mariano de Aguiar. Ela foi equipada com quatro computadores para auxiliar nas pesquisas dos estudantes e visitantes que necessitarem buscar na internet informações sobre os trabalhos e livros publicados com os variados temas. Vale salientar que, na infância, líamos com frequência os livros desse acervo que na época era próximo a escola em que estudamos o Ensino Fundamental I. Recordamos da leitura dos contos dos irmãos Grimm, de diversos gibis e livros direcionados ao público infantil.

Figura 3–Biblioteca Municipal de Aroeiras



**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

Quanto ao acervo, encontramos gêneros variados e uma quantidade significativa, contudo, não há cordéis ou livros que abordem a literatura popular. Localizamos, ainda, a tradicional "Banca de seu Jader" que vende folhetos diversos e com o falecimento do dono, Jader Dias de Araújo, sua filha, a professora Socorro Dias, assumiu o negócio. A docente é uma das colecionadoras de folhetos da cidade e incentiva os seus alunos com a leitura em sala de aula, há cerca de três décadas.

É importante frisarmos que Aroeiras recebeu o nome de uma árvore, sendo berço de alguns críticos e poetas que merecem destaque: um deles, é o membro da Academia Paraibana de Letras e da Academia Paraibana de Filosofia, Hildeberto Barbosa Filho, e também, o professor e poeta, autor do hino municipal, José Severino da Costa Barbosa, mais conhecido pelo pseudônimo de Dudé das Aroeiras.

Na poesia popular, é terra natal de violeiros como Erasmo Ferreira, Antônio Amâncio e do cordelista Felix Monteiro da Silva, autor de cerca de quinze folhetos, que retratam diversos temas relacionados ao cotidiano da cidade, dentre eles, os intitulados "A seca de Aroeiras", "A cachaça e os biriteiros de Aroeiras" e "O choro comercial-Pressão fiscal em Aroeiras".

Anualmente, a prefeitura municipal promove um Festival de Violeiros no mês de junho no qual participam repentistas paraibanos e pernambucanos como Ivanildo Vila Nova, Severino Feitosa, Curió de Bela Rosa e Barra Mansa. Além deles, os emboladores de coco fazem as suas apresentações. Vejamos algumas imagens do Festival de Violeiros do ano de 2019:

Figuras 4 e 5 - Festival de Violeiros do ano de 2019



Fonte:

Blog Casinhas Agreste (10/09/2019)

Haja vista que, o Festival de Violeiros é apreciado pela população em um galpão público, palco também das feiras livres aos sábados. Trata-se de um evento gratuito. Além dos violeiros, (como vemos na imagem 1, da esquerda para a direita, Erasmo Ferreira e Ivanildo Vila Nova), alguns emboladores de coco arrancam risadas dos ouvintes, com seus improvisos irreverentes.

Sobre os eventos direcionados a cultura popular, a secretaria de educação no ano de 2017 fez uma homenagem ao poeta e dramaturgo Ariano Suassuna. Nessa ocasião houve um encontro pedagógico com propostas de leituras incluindo folhetos de diversos autores e temáticas para serem trabalhados na sala de aula. Algumas escolas homenagearam Ariano Suassuna no desfile cívico do ano em questão. A instituição em que realizamos a nossa intervenção trabalhou com a literatura popular, e a maioria dos alunos tiveram contato com essa poesia através do projeto que muitos professores puseram em prática. Isso facilitou a aceitação dos poemas lidos com os discentes durante a intervenção, juntamente com a metodologia baseada na observação das aulas ministradas pela professora titular da turma.

### 3.2 Adentrando a escola da intervenção: Sondagens e observação das aulas

A escola em que realizamos nossa intervenção pertence a rede municipal de Ensino e oferece o Fundamental II. Estava localizada no centro da cidade, e tem um público variado, no total de 512 alunos, tanto da zona urbana quanto da rural que se deslocam diariamente em transportes ofertados pela prefeitura, pois na maioria dos sítios circunvizinhos, não possuem as demais etapas da educação básica.

Figuras 6 e 7 –Sacada da escola em que realizamos a intervenção



Fonte: [blog.aroelasdemocratica.blogspot.com](http://blog.aroelasdemocratica.blogspot.com)

Quanto à infraestrutura estava instalada em um prédio alugado composto por 13 salas de aulas, sendo diretoria, local com cursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, cozinha, biblioteca, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e a secretaria. Atualmente, as obras do novo edifício já foram iniciadas pela prefeitura e em breve haverá a mudança de local.

As aulas acontecem nos turnos matutino e noturno, contemplando pela manhã as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, e no noturno turmas da Educação de jovens e Adultos. A escola dividia o prédio com outra particular que funcionava no turno vespertino. Os colaboradores que participaram da intervenção foram cerca de vinte e oito.

A duração da experiência da sala de aula aconteceu no período de três semanas (sendo três aulas de observação e quatro ministradas), contudo, dialogamos com a equipe da escola em outros momentos. Ao entrarmos em contato com a diretora e adjunta, ambas mostraram interesse pela pesquisa e ofereceram o apoio necessário para o que fosse preciso. Em seguida, fomos conduzidos à coordenação pedagógica e a professora de Língua Portuguesa e Literatura das turmas do 9º ano.

No período de observação das aulas, aproveitamos para refletir sobre o espaço da biblioteca. Neste momento, não precisamos nos deter ao reconhecimento do ambiente escolar, haja vista que, fomos estudante do Ensino Fundamental II e, anos mais tarde, lecionamos no período de um ano e meio na mesma instituição. A biblioteca é usada, geralmente, pelos professores nos intervalos. Em conversas informais com os atuais alunos, muitos confessaram que não se sentiam bem naquele ambiente para pesquisar os livros que haviam disponíveis, porque os professores sempre estavam lá.

Recentemente, antes de começarmos a experiência com a turma, os livros da biblioteca foram organizados de acordo com os gêneros a que pertenciam. As estantes foram divididas nas seções: romance, teatro, poesia, conto, além, dos dicionários e livros didáticos. É conveniente ressaltarmos que alguns gibis e livros de literatura infantil estavam em caixas lacradas e guardadas na secretaria da escola, onde apenas os professores podiam ter acesso. Durante nossa atuação (antes da intervenção) trabalhamos com esses livros e gibis e percebemos o interesse dos

alunos, e emprestamos muitos àqueles que nos procuravam. Vejamos a imagem da biblioteca da escola:

Figura 8- Biblioteca da escola



Fonte: dados da pesquisa (2019)

Após conhecermos o acervo da biblioteca constatamos que a quantidade de livros é pequena se considerada ao número de alunos que ela engloba, verificamos que, apesar da variedade de autores e temas a mesma dispõe de pouquíssimas opções de coleções completas. Sobre os folhetos, não encontramos nenhum deles na escola. Ressaltamos que, a maioria dos livros são didáticos e utilizados em anos anteriores, tendo em vista que os novos foram distribuídos para os alunos no início do ano.

Destaque-se que esse ambiente não é utilizado para leituras coletivas por nenhum dos professores devido ser pouco arejado e não ter assentos suficiente que possibilitem acomodar uma turma completa. Nos dias de reuniões e planejamentos é ocupado pela equipe escolar.

De modo geral, a estrutura física da escola é relativamente boa, e oferta bastante vagas no Ensino Fundamental II em todo o município. A equipe de professores é composta, na maioria, com veteranos efetivos que trabalham sempre em conjunto, como pudemos constatar, neste ano e meio em que fizemos parte do corpo docente.

Depois de conhecermos o ambiente em que os colaboradores da pesquisa estão inseridos, partimos para a observação das aulas. Antes de iniciarmos o trabalho com os poemas em sala de aula, realizamos diálogos formais e informais com os alunos colaboradores, assim como registros, utilizando fotos, gravação em áudio. Com a coordenação pedagógica e a diretora, dialogamos sobre o funcionamento da

instituição e acerca os dias das aulas de Língua Portuguesa, que aconteceram nas segundas, terças e quintas-feiras, com duas aulas consecutivas.

Além da observação, devidamente registradas em diários de pesquisa, fizemos uma entrevista (que foi gravada) com a professora titular da turma com o intuito de descobrirmos se/como acontecem as atividades referentes ao trabalho com a poesia popular em sala de aula. Para sondarmos a ideia destes sobre a natureza e o contato com a poesia popular e, sobretudo, o acesso ao poeta Patativa do Assaré, entregamos aos alunos um questionário que nos auxiliou na coleta dos dados.

Fomos bem recepcionados pela comunidade escolar. Encontramos uma turma muito educada, os alunos muito atenciosos, pois demonstravam interesse ao que a professora dizia. A docente estava trabalhando desde a aula anterior um conteúdo denominado "Introdução à literatura: texto literário e texto não literário". (Anexo A)

No primeiro dia, observamos duas aulas consecutivas. Na primeira aula, a professora explicou aos alunos que eles iriam continuar estudando o conteúdo da aula anterior. Em seguida, copiou no quadro branco um assunto que apresentava algumas características presentes nos textos literários que o diferenciavam de um texto não literário. Foi dado um tempo para que os alunos pudessem copiar em seus cadernos.

A metodologia de copiar é uma das mais tradicionais no ensino. Essa é um dos únicos recursos dos quais a professora dispõe, tendo em vista que a escola não possui aparelhos de projeção. A eficácia desse método é muito questionada por vários críticos e tem pontos positivos e negativos. Neste caso, a professora utilizou com a função de registrar resumidamente a atividade estudada e facilitar a sua revisão.

Durante o tempo em que eles copiavam, a professora falou que o objetivo dessas aulas seria introduzir a literatura para que os alunos entendessem a diferença entre textos literários e não literários. Ela admitiu que, muitas vezes, os discentes ingressam no Ensino Médio sem ter nenhuma visão sobre a literatura e que, inclusive, aquele conteúdo estava sendo abordado em outro ano em que lecionava, porque sentiu essa lacuna na formação deles.

Na segunda aula, a docente explicou aos alunos o assunto e citou vários exemplos de livros literários como o intitulado *O veneno digital*, de Walcyr Carrasco.

Nesta aula, dois alunos comentaram entre si (e ouvimos por estarmos próximo deles) sobre suas notas em uma atividade de interpretação desse texto. Um disse que havia lido na íntegra e o outro apenas a metade. O primeiro tirou nota inferior ao

segundo, apesar de ter lido a obra completa. Dessa forma, notamos que as nossas avaliações são incapazes de captar o empenho dos alunos ao ler, pois avaliar um item de leitura através da escrita deixa muitas lacunas.

Enquanto professores, ao avaliarmos nossos alunos precisamos realizar uma autoavaliação de nossa atuação docente. Podemos refletir sobre a eficácia da metodologia adotada, até então. Já que ela pode variar de uma turma para outra. Em nossas experiências em sala de aula, verificamos que, a mesma metodologia pode não funcionar em turmas do mesmo ano e da mesma escola. Sendo assim, com os resultados dessa autoavaliação devemos decidir se continuamos com a mesma didática ou a modificamos para atingirmos nossos objetivos estabelecidos desde o planejamento das aulas.

As discussões sobre as nossas avaliações e as mediações nas aulas de leitura são inúmeras. E as de produção escrita também são diversas. Para citar uma delas referente ao cordel podemos situar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental ao retratar as habilidades desenvolvidas pelos educandos atribuí-lhes a capacidade de:

Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, **cordel**), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. (BNCC, p.103) (Grifo nosso)

Ao comandar uma atividade como essa, em que se pressupõe que o aluno é capaz de "planejar e produzir" dentre outros gêneros, um cordel, mesmo com o auxílio do professor, é uma imposição que não deveria ser exigida, já que, o domínio das técnicas estruturais utilizadas no ato de criação dos cordéis, não necessariamente, fornece as habilidades suficientes para se produzir um deles.

Como exemplo disso, temos inúmeros críticos literários que conhecem profundamente os diversos gêneros pelos quais são capazes de esboçar críticas relevantes, todavia, não o produzem, e quando o fazem admitem que não sabem fazer bem. Além disso, o próprio professor, muitas vezes, apesar de propor uma atividade dessa natureza, não é capaz de cumpri-la. Sabemos que nas turmas podem existir alunos que são capazes de produzir diferentes gêneros literários, e isso deve ser

incentivado pelos professores, contudo, os demais alunos não podem ser avaliados baseando-se nos mesmos critérios.

Das características do texto literário apresentadas pela professora, destacamos a verossimilhança e mais uma vez, ela se respalda em obras que os alunos reconhecem, como por exemplo "Chapeuzinho vermelho" e "Harry Potter" e citou algumas situações fantásticas, ficcionais e verossímeis em ambas as histórias.

Ressaltamos que, a docente comentou sobre a subjetividade que ocorre quando alguém escreve com um propósito e a outra lê também com a sua subjetividade. Sobre a linguagem criativa a professora deu o exemplo de uma pintura na parede da sala de aula. Ela citou o porteiro da escola que também é um pintor profissional e levantou a hipótese dele pintar uma parede e ela a outra. A dele sairia uma arte e ela ficaria apenas "tateando".

Após explicar e exemplificar algumas características dos textos literários a professora entregou aos alunos uma atividade que os continham e os não literários. Ela leu os dois primeiros textos e pediu para que os alunos começassem a responder e adiantou que eles iriam terminar em casa a atividade e trariam as questões de 1 a 11 respondidas.

Sequencialmente, na terceira aula houve a correção da atividade proposta na aula anterior. Percebemos que os alunos são participativos e demonstraram interesse ao lerem os textos literários.

Nas aulas em que observamos, foi nítido o domínio da professora sobre diversos textos literários e o esforço para levar o conteúdo além do que o livro didático oferece. Essa atitude do educador deve ser mantida em nossas aulas, principalmente, nas de leitura literária.

No que se refere à metodologia adotada nas aulas observadas, acreditamos que a mesma atingiu seus objetivos ao ministrar um conteúdo introdutório que permitiu que os alunos refletissem sobre os textos literários e não literários. Essa atitude da docente facilitou nossa abordagem com os poemas, tendo em vista que a mesma, já havia explanado o conteúdo.

### 3.4 O pouso da poesia de Patativa do Assaré na sala de aula

*Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Paulo Freire, 1996)*

Ao longo da intervenção, tivemos um número de 8 aulas, pois a professora da turma nos disponibilizou o tempo que fosse necessário para concretizar o nosso trabalho de intervenção, ela sempre tem duas aulas seguidas com a turma ao longo da semana. Por isso, nossas aulas se deram em 4 dias, 4 encontros, e em cada um com 45 minutos. Inicialmente, pedimos aos alunos para que assinassem os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e assentimento livre e esclarecido (TALE) (Apêndice B) e levassem para que os pais ou responsáveis assinassem.

Figura 9- Leitura dos termos de consentimento e assentimento



**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

Em outro momento, pedimos para que os alunos respondessem um questionário com o intuito de descobrirmos o contato deles com a leitura, principalmente a literatura popular.

### 3. 4.1 “Ouvie a professora recita poemas”: Questionário I de sondagem

O Questionário I foi dividido em categorias, são elas: I Identificação, II leitura literária, III Sobre poesia. No que se refere as fases do método recepcional esse questionário, aliado a entrevista da professora titular, consiste na determinação do horizonte de expectativas dos alunos.

Figura 10 e 11 - Alunos colaboradores da pesquisa

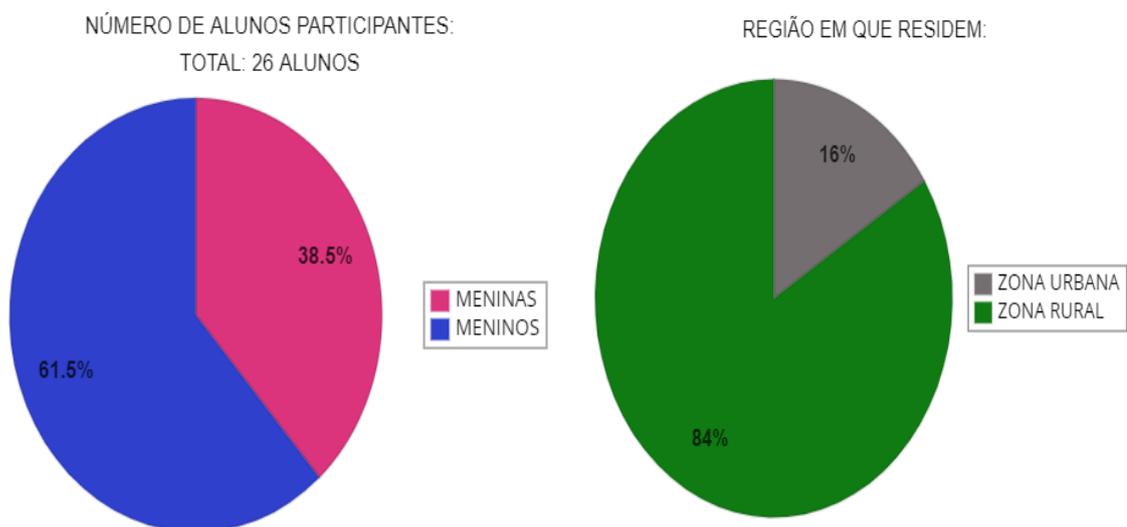


Fonte: dados da pesquisa (2019)

No que tange a Identificação, os dados obtidos foram:

Gráfico 1 – Número de alunos participantes

Gráfico 2 –Região em que residem



Fonte: dados da pesquisa (2019)

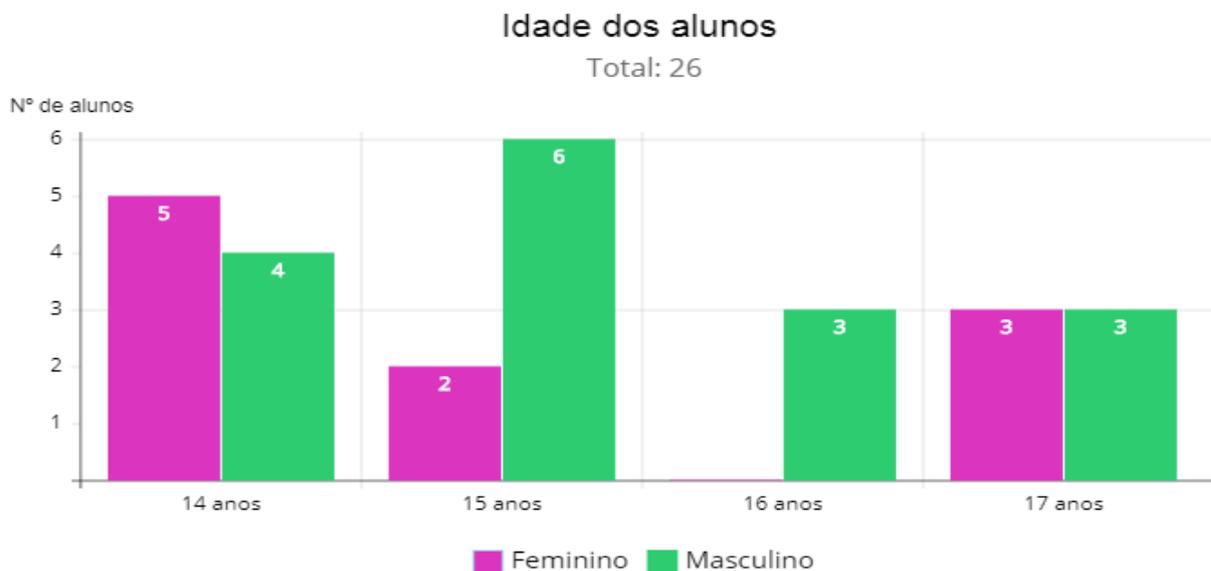
O total de alunos que responderam o Questionário I foram 26. Dentre eles, 10 do sexo feminino e 16 do masculino. Ao serem perguntados onde residiam 4 alunos responderam que moravam na zona urbana, enquanto que 21 alunos assinalaram que residiam na zona rural, um dos alunos não respondeu essa questão.

O fato da maioria dos alunos serem do sexo masculino, influencia em nossos dados obtidos já que, geralmente, há atividades mais desenvolvidas pelos meninos e outras mais próximas das meninas, sobretudo, na lida do campo.

Uma vez que, a maioria dos alunos que participaram da intervenção vivem na zona rural inferimos que há uma interferência significativamente na recepção dos poemas paratípicos que tematizam a natureza, identificamos a influência da vivência com os elementos naturais, ou seja, a proximidade do homem com a natureza.

Sobre a faixa etária dos alunos temos dados que revelam uma variedade nas idades tanto dos alunos do sexo feminino quanto masculino;

Gráfico 3 – Idade dos alunos



**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

Constatamos que as idades variam entre 14 e 17 anos. Dos alunos com 14 anos, 4 são do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Já dos com 15 anos, 6 são do sexo masculino e dois do sexo feminino. Dos alunos com 16 anos temos apenas 3 do sexo masculino. Enquanto que, os alunos com 17 anos de idade são três de ambos os sexos. A partir desses dados, percebemos que a turma possui uma variação com

relação as idades. Isso interfere na interpretação dos poemas através da maturidade que, geralmente, os alunos mais velhos têm.

Na sessão direcionada a leitura literária lançamos a seguinte pergunta: você costuma ler por vontade própria sem que o professor(a) exija? Quais os textos que você costuma ler?

Obtivemos os seguintes dados que revelam o distanciamento dos alunos com a leitura feita por prazer, ou seja, uma leitura que não é imposta pelos professores:

Gráfico 4 –Leitura por vontade própria



**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

É válido ressaltarmos que apenas 10 dos alunos afirmaram que leem por vontade própria, enquanto que 16 alunos confessaram que não tem o hábito de ler sozinhos. Sabemos que esta é a realidade da maioria dos alunos das nossas escolas, no entanto, o professor deve buscar meios para que o aluno tenha interesse próprio para realizarem leituras dos mais variados gêneros. O fato da professora titular incentivar diariamente a leitura, sobretudo, a literária nessa turma contribuiu, significativamente, com a boa recepção dos poemas apresentados durante a intervenção.

Sobre essa leitura, Rezende (2013, p. 108), estabelece uma relação de identificação do leitor com texto/poema lido:

A verdade é que a leitura literária “não obrigatória”, que fazemos por vontade própria, promove antes de tudo uma identificação e é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores.

O professor deve atentar-se as escolhas dos alunos para estimular a leitura em sala de aula e ir, simultaneamente, apresentando leituras que ampliem os seus conhecimentos. Ao serem perguntados sobre os textos escolhidos temos:

Gráfico 5– Textos escolhidos



**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

As animes e séries legendadas, texto do Facebook, e texto bíblico foram citadas por um aluno cada uma delas, enquanto que, os romances, as histórias em quadrinhos, livros de história e historinhas foram citadas por dois alunos cada uma delas. Um dos alunos deixou essa questão em branco.

As animes e séries legendadas que são citadas, caso sejam valorizadas pelos professores, podem auxiliar na inserção da leitura nas aulas e também fora delas, no cotidiano dos alunos. O hábito de ler faz com que desenvolvamos a nossa capacidade de escrita. As séries e filmes propiciam além da leitura na língua portuguesa, o contato com uma língua estrangeira.

O fato de um dos alunos lembrar os textos que ele lê em uma rede social (Facebook) é interessante na medida em que, mais adiante, é citado um dos autores que utilizam o canal de televisão aberto e as redes sociais para divulgar a poesia popular que é o Bráulio Bessa. Através das redes sociais esse aluno pode entrar em

contato com a cultura popular e com os repentistas consagrados que utilizam esse meio para divulgar os seus versos, como por exemplo, Ivanildo Vilanova, Zé Viola, entre outros. Além do contato com novos talentos que vão surgindo, como a poetisa Fabiane Ribeiro.

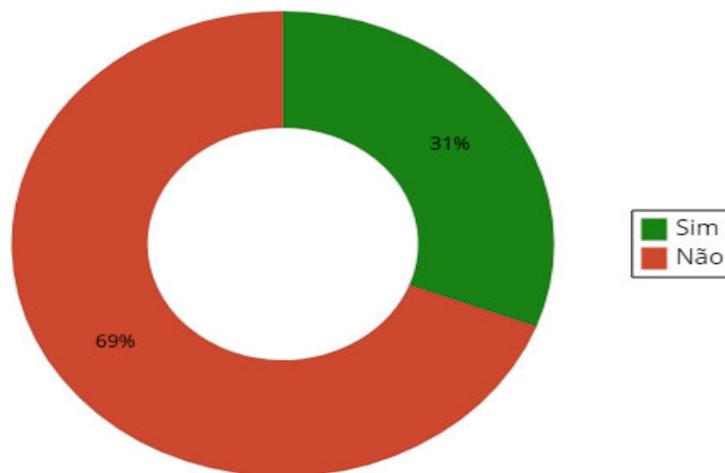
As histórias em quadrinhos são lembradas e também são um instrumento eficaz na mediação da leitura em sala de aula. Enquanto atuávamos em séries do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental trabalhamos com os quadrinhos e comprovamos que eles são de boa aceitação entre os alunos.

Já os textos bíblicos são lembrados e possuem várias narrativas que prendem o leitor, além de ter um caráter religioso. A aluna que relembra esse tipo de texto cita mais adiante um dos trechos bíblicos que está lendo e percebemos que a religiosidade perpassa as suas respostas.

Quando questionados sobre os livros que possuem em casa sem ser os didáticos, nos deparamos com o seguinte:

Gráfico 6– Livros sem ser os didáticos em casa

### Livros sem ser os didáticos em casa

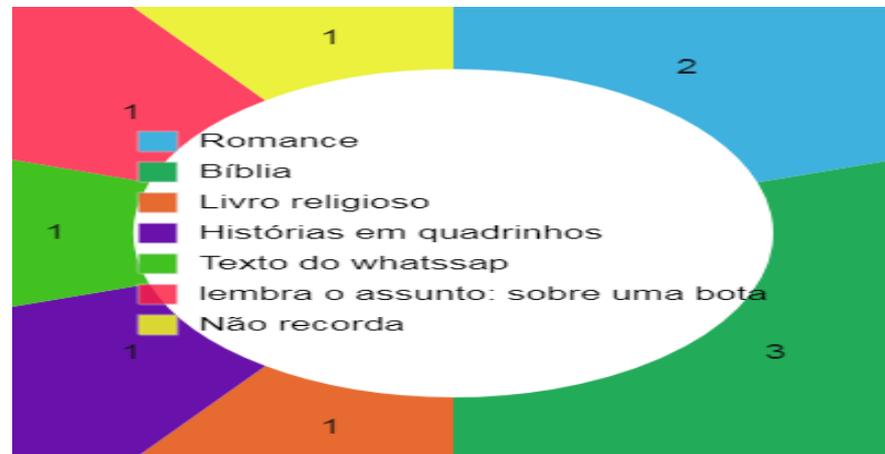


**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

Apenas oito alunos afirmaram que possuíam livros em casa sem ser os didáticos, enquanto que, 18 alunos disseram que não possuíam. Vale ressaltar, que dos alunos que negaram a existência de livros sem ser os didáticos em casa, certamente esqueceram a Bíblia Sagrada, já que a maioria das casas possui pelo menos um de seus exemplares.

Ao serem perguntados se recordam o nome de alguns desses livros ou os seus autores, os alunos assinalam:

Gráfico 7– Nomes dos livros que possuem em casa



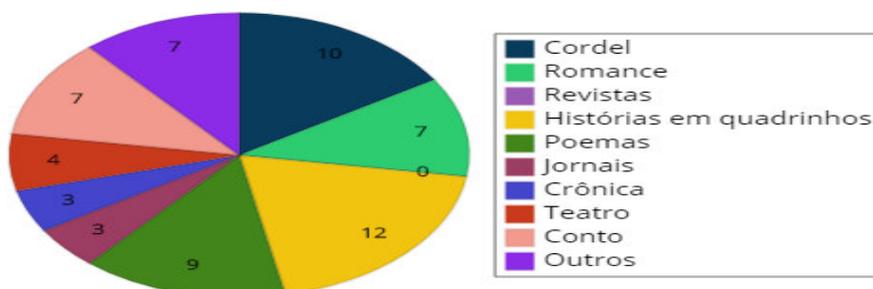
Fonte: dados da pesquisa (2019)

Dentre os destaques temos dois alunos que citaram romances, são eles: “Os miseráveis” e o “Assassino cruel”. A Bíblia é citada por três alunos além de um “livro religioso” mencionado uma vez. Alguns alunos só lembram o assunto “uma bota”. Outros lembram o gênero, histórias em quadrinhos: Turma da Mônica. Os gibis são um recurso que podem instigar os jovens leitores.

Quando perguntados sobre os tipos de leitura que mais agrada, temos:

Gráfico 8 – Tipos de leitura que mais lhe agrada

### Tipos de leitura que mais agrada



Fonte: dados da pesquisa (2019)

Importante lembrarmos que foram selecionados mais de uma alternativa nessa questão, por isso o número das marcações ultrapassa o dos alunos participantes. O Cordel foi marcado por 10 alunos, os poemas por 9, o romance, as revistas, e as histórias em quadrinhos por 7, o teatro por 4, o conto por 3, e alternativa "outros" também por 3. Três alunos marcaram a alternativa "outros".

O cordel e os poemas são os mais lembrados. Isso mostra que a poesia está circulando nas escolas e mesmo que de uma maneira tímida nossos alunos a apreciam.

Dentre os alunos que marcaram que não leem por vontade própria foram marcados como leituras que os agrada as seguintes:

Gráfico 9 – Não gostam de ler, mas gostam de outros gêneros

Não leem por vontade própria, mas se agradam:



Fonte: dados da pesquisa (2019)

O teatro é marcado por um aluno, já o romance, a crônica e a alternativa "outros" por dois alunos cada. O conto e os jornais são marcados por três alunos, o cordel por quatro, e os poemas por cinco alunos. Um dado interessante a se pensar seria sobre um aluno que se agrada do romance, um gênero extenso, não possuir o hábito de ler por vontade própria. O cordel ao ser citado colabora com a afirmação da professora durante a entrevista de que os alunos apreciam a literatura popular.

Dos textos que você leu ao longo da vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.

Quadro 1 – Texto que o marcou

Romance : “Veneno Digital”	1- Porque conta uma história emocionante. 2- Falava sobre uma menina que sonhava em ser atriz e seus pais não queriam aceitar. 3- <i>Por que</i> fala que ela queria se autora de teatro.
Cordel	1- Que falava do nordeste.
Papel de pai	1- Um homem é pai muito novo daí ele tem que ter muitas <i>responsabilidade</i> . 2- Falava sobre dois <i>adolescentes</i> que tiveram um filho. 3- Falava sobre dois adolescentes que tiveram um filho. 4- (Apenas colocou o nome do texto, mas não comentou)
Os miseráveis	1- Conta a história de um homem que tinha sido preso, e chegava em uma cidade, <i>mais ninguém</i> lhe abrigava, ele vivia se escondendo.
Bíblia	1- O livro de João que está na bíblia, ele edifica muito e é marcante.
Não citaram título ou autor dos textos	1- 1- O texto que a menina era prostituta. 2- O texto, que uma menina era prostituta. 3- A <i>historia</i> de Camila uma jovem perdeu a sua condição social e ficou mais pobre teve que se mudar e ir para outra escola mas não fez muita amizade e tinham muitas pessoas que não <i>gostava</i> dela e <i>publicarão</i> uma foto da menina nua na internet. 4- Um livro que falava sobre pegadinhas e <i>crônicas</i> .
Nenhum texto o marcou	8 alunos
Resposta em branco	4 alunos

Fonte: dados de pesquisa (2019)

A aluna que cita a bíblia é bastante religiosa, mais adiante, ela revela que está lendo o livro de Atos dos Apóstolos. Apesar de mais dois alunos mencionarem que

possuem a bíblia em casa, apenas essa aluna a cita em suas leituras. É provável que a maioria dos alunos tenham as escrituras sagradas em suas residências, mesmo não recordando como um livro.

Na atualidade você está lendo alguma coisa?

Gráfico 10 – Lendo atualmente



**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

Sobre se estão lendo atualmente 20 alunos confessam que não, e 5 que sim, e 1 deixou a resposta em branco. Apesar dos esforços da professora titular em apresentar uma variedade de textos literários os alunos possuem pouco hábito de ler, isso é reflexo da cultura brasileira que não incentiva a leitura. Em nossas escolas, os docentes que atuam em outras disciplinas, deixam esse desafio a cargo exclusivo do professor de língua portuguesa e não percebem que formar leitores é o dever de todos os professores. Devemos manter a postura da professora em nossa aulas, mostrando aos alunos a riqueza que há na literatura, sobretudo, a brasileira, a popular.

Aqueles que marcaram que estão fazendo alguma leitura, responderam:  
 “Qual o texto que você está lendo?”

Quadro 2 – Texto que está lendo

Cita o título	1- Ansiedade o mal do <i>seculo</i> . 2- Atos da <i>bíblia</i> sagrada.
Cita o assunto, a temática	1- Esqueci o nome, <i>mais e</i> sobre <i>lampião</i> . 2-Black clover, One Punchman, dororo, etc. 3-Estou lendo textos informativos, explicativos, declarativos, etc.

Fonte: dados da pesquisa (2019)

Ao analisarmos os dados percebemos que um dos alunos cita os nomes de séries que são legendadas e lidas por ele. Em nossas experiências em sala de aula percebemos através das falas dos alunos que os filmes e séries são assistidos com frequência por eles. Ainda nessa questão, outro aluno está lendo sobre Lampião, provavelmente, a literatura regionalista o agradaria, como os Romances da década de 30, por exemplo. Por último, temos o aluno que trouxe os tipos textuais e não os títulos ou assuntos. Conhecer o gosto dos alunos auxilia o professor na escolha das temáticas para cativar esses jovens leitores.

Quanto ao hábito de frequentar a biblioteca temos os seguintes dados:

Gráfico 11 – Costuma ir à biblioteca

Costuma ir à biblioteca

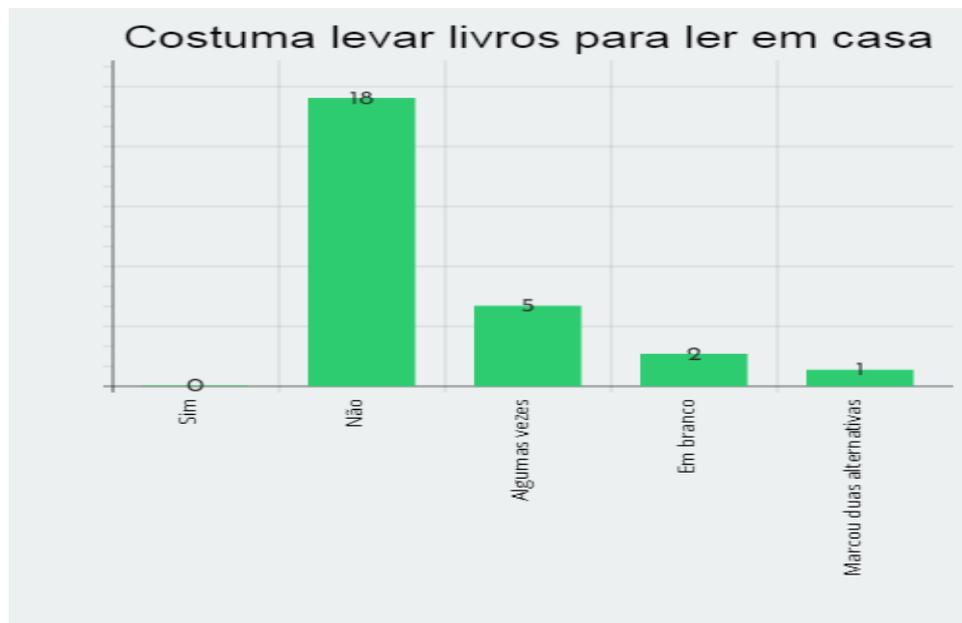


Fonte: dados da pesquisa (2019)

Sobre essa questão, 15 alunos marcaram que vão à biblioteca apenas quando o professor solicita, 11 alunos não costumam ir à biblioteca, e nenhum deles vai a biblioteca por indicação de um amigo. Assim como o hábito de ler o ato de frequentar bibliotecas é precário entre eles. O fato da biblioteca dividir espaço com a sala dos professores nos intervalos das aulas acaba intimidando os educandos a frequentarem esse ambiente, onde o saber está guardado.

Do costume de levar livros para casa, eles respondem:

Gráfico 12 – Costuma levar livros para casa



Fonte: dados da pesquisa (2019)

O total de 18 alunos foram firmes na resposta "não", 5 responderam que "Algumas vezes", dois alunos deixaram em branco e um deles marcou duas alternativas sendo uma "Algumas vezes" e a outra "Não".

Com os dados que obtemos com a sondagem feita, tanto na entrevista com a professora titular quanto nesse primeiro questionário, percebemos que a maioria dos alunos não têm o hábito de ler, apesar dos esforços da professora titular. Entretanto, é válido frisarmos que, eles admitem se agradar de alguns gêneros literários. Com esses dados partimos para a leitura dos poemas em sala de aula.

### 3.4.2 Tangendo a “*Vaca Estrela e boi Fubá*” na sala de aula

Nossa primeira aula ministrada com a turma realizou-se no dia 27 de maio de 2019. Iniciamos nossas aulas com uma conversa inicial com a turma, nos respaldamos em Cosson (2006) para selecionarmos algumas perguntas que constituem o momento de motivação. Já para o método recepcional essa fase trata-se da sondagem do horizonte de expectativa dos alunos.

Os primeiros questionamentos foram: Conhecem poesia? Lembram de alguma poesia lida por vocês ou pela professora? Já viram alguém declamando algum poema? Quais? Lembram de alguma poesia que retratava a natureza? Como era representada a natureza? Quais elementos da natureza você recorda e quais mais lhe chamaram a atenção? Por quê?

As respostas que obtivemos foram de que os alunos já haviam tido contato com a poesia em sala de aula através da professora titular da turma. Sobre os elementos da natureza eles lembraram apenas da fábula intitulada “A tartaruga e a lebre”. Recordaram do filme *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna. Citaram a esperteza do personagem João Grilo, lembraram cenas em que o humor está presente, como o enterro da cachorra feita pelo padre. Percebemos nessa conversa que os poemas com humor seriam bem aceitos pela turma. Essa é uma abertura para um mediador conquistar leitores de literatura.

Após, solicitarmos uma leitura individual do poema *Tecendo as manhãs*, de João Paraibano. Notamos que algumas alunas começaram a cantar o poema seguinte que estava na mesma lauda logo abaixo, trata-se do poema ‘Vaca Estrela e boi Fubá’. Na aula, quando percebemos o que as alunas fizeram ficamos incomodados, pois havíamos planejado ler o poema de João Paraibano primeiro. Isso demonstra que apesar de planejarmos nossas aulas, a recepção foge do nosso controle, pois havíamos planejado um poema depois o outro. Mais tarde, ao refletirmos sobre a atitude das meninas ao adiantarem a leitura do poema seguinte, constatamos que essa atitude revela a boa aceitação da poesia patativana por parte dos alunos. Mais tarde, com os dados do Questionário II, comprovamos que o poema cantado foi o que mais chamou a atenção dos alunos. Por ser musicalizado há uma simpatia pela melodia e o desejo de cantá-lo.

As aulas ao se depararem com um poema musicalizado que elas já conheciam, talvez tenham tido a mesma empolgação que nós, ao descobrirmos na metade da graduação que poderíamos estudar a literatura popular na academia.

Apesar do desejo das meninas em antecipar a leitura, continuamos com nossa sequência didática. Iniciamos uma leitura em voz alta e discutimos estrofe por estrofe.

Sobre o título do poema os alunos lembram que a arte de tecer é lenta, assim como o amanhecer. Foram questionados sobre quem estaria tecendo as manhãs, alguns responderam brevemente que seria Deus.

Nas duas primeiras estrofes do poema, a imagem do sol nascendo rendeu comentários dos alunos acerca desse fenômeno da natureza. Os que residem na zona rural, que é a maioria da turma, confessaram que veem todos os dias essa imagem:

A noite parindo o dia  
 Não tem parto mais bonito  
 Parece que a mão de Deus  
 Sem provocar dor nem grito  
 Arranca o sol todo dia  
 Do ventre do infinito

A noite negra recua  
 Sabendo que o dia veio  
 O pagão chora no berço  
 A mãe coloca no seio  
 Jesus pinta o céu de azul  
 Pra o sol passar pelo meio.

(RAFAEL, PASSOS, SANTANNA, 2016, p.45)

Os alunos lembraram tanto do sol nascer quanto ao seu se pôr. Destacaram a cor negra que o dia vai transformando em azul. Já a imagem da criança pagã que chora no berço lembrou uma das alunas que o seu irmão acorda todos os dias muito cedo chorando.

Na terceira estrofe, os animais começam a surgir:

Colibri voa de ré  
 Logo ao romper da aurora  
 Se senta num galho fino  
 Por ser maneiro não tora  
 Dá uma injeção na rosa  
 Rouba o néctar e vai embora  
 (RAFAEL, PASSOS, SANTANNA, 2016, p.45)

Nesta estrofe, percebemos que o termo "colibri" não era do conhecimento dos alunos, o que gerou uma discussão acerca do que seria, um deles afirmou ser um beija-flor e outros, ao relerem, concordaram.

Em seguida, para iniciarmos o momento da introdução, a partir da sequência cossoniana, apresentamos a literatura popular amplamente. Após, solicitamos a leitura individual do poema "Vaca Estrela e Boi Fubá", de Patativa do Assaré. Percebemos que as alunas timidamente o cantavam, uma delas me pediu para que elas cantassem para a turma. E no momento em que elas iniciaram, a maioria da turma acompanhou.

É válido frisarmos que uma dessas alunas que estavam cantando o poema confessou que não sabia que ele é de autoria do Patativa do Assaré e outros alunos afirmaram o mesmo. Nos baseando no método recepcional de Bordini e Aguiar, verificamos que houve uma ampliação do Horizonte de expectativas da aluna e demais colegas, o que a levou a desejar buscar mais conhecimentos sobre essa poesia. Ao responder o Questionário II a aluna afirmou que irá continuar lendo a poesia popular.

Em seguida, partimos para o terceiro momento cossoniano, trata-se da leitura. Ouvimos o poema na voz de Raimundo Fagner, através de um rádio. Eles imediatamente perceberam que o ritmo que eles entoaram era mais rápido que o do interpretado por Fagner.

Após a leitura, iniciamos uma discussão acerca do título do poema. Estamos no último momento, a interpretação, segundo Cosson (2006).

Um dos alunos constatou que o nome da vaca seria Estrela pelo fato dela ter um sinal na testa, que lembra o desenho de uma estrela. Outros alunos concordaram e alguns acrescentaram ainda, o fato de terem junto da criação de gado de sua família uma vaca que tinha essa característica e, portanto, chamavam-na de Estrela, como a vaca descrita no poema lido.

Sobre o nome do boi Fubá, um dos alunos disse que seria por causa da cor do boi, amarelada, lembrando a cor do fubá. Já outro aluno, acrescentou que poderia ser devido o boi ser "muito bom", como o fubá.

Nos respaldando no método recepcional, notamos que, ocorre atendimento do horizonte de expectativas por parte dos alunos, tendo em vista que, nas duas falas é possível perceber a influência do contexto em que eles vivem na sua interpretação do

poema. Já que eles trazem as suas vivências com o boi que lembra a cor do fubá e o outro, com a própria lida do homem do campo com um boi "bom", que seria um animal manso que está pronto para o cultivo no campo, entre outros. Ao comparar o boi tão bom tanto quanto o fubá. O aluno revela o seu gosto por uma das comidas mais típicas do nordeste, o cuscuz de milho.

O fato da maioria dos alunos residirem na zona rural influencia o contato com a natureza, e dessa forma, proporcionou uma interpretação do poema que vai de encontro com o seu meio em que vivem.

### 3.4.3 Do encontrar um ninho ao reencontro com as tradições rurais

O segundo dia de aula ocorreu em 28 de maio de 2019. Iniciamos com a leitura de três estrofes do poema intitulado "Nas cores do tempo", de João Paraibano que descrevem a natureza no período de seca. Tivemos o intuito de motivar os alunos na leitura do poema seguinte. Esse momento constitui a motivação, segundo Cosson (2006).

Iniciamos com uma leitura em voz alta em que alguns alunos leram as estrofes e fomos questionando o que cada uma delas apresentava. Na primeira estrofe, um dos alunos associou o cabrito que aparece tentando mamar a um que ele tivera e fora enjeitado pela mãe. Outros alunos também demonstraram que já tiveram um filhote em sua casa que precisavam alimentá-lo. A imagem do massapê que está rachado foi destacada por um dos alunos que relatou que sempre vai buscar água para o consumo em barreiro que ao secar no verão fica com o barro rachado. O aluno se identificou com as imagens descritas no poema, já que fazia parte do seu cotidiano.

Para a introdução (o segundo momento de leitura cossoniano) apresentamos o poema "O sabiá e o gavião", de Patativa do Assaré. Questionamos sobre o título, sobre o que eles achavam, o que recordavam e se eles já haviam encontrado um ninho. Todos os alunos responderam que já haviam encontrado ninhos e começaram a citar várias espécies de passarinhos com riqueza de detalhes, dentre eles: o azulão, a rolinha, o rouxinol, a sabiá e o lambu.

Posteriormente, para continuarmos o momento da leitura cossoniana lemos o poema e caminhamos para o momento da interpretação.

No decorrer da discussão, ocorreu algumas falas interessantes por parte dos alunos. Para mantermos a identidade preservada de cada um deles, passamos a chamá-los de Aluno A, Aluno B e Aluno C. Vejamos:

Aluno A: Professora, a senhora sabe que quando a gente encontra um ninho tem que cuspir nos ovos para a cobra não "comer"?

Aluno B: Não comer ou eles não se "mudar".

Aluno C: Isso é mentira! Eu já fiz e eles sumiram.

O aluno A ao comentar sobre o fato de que se deve cuspir no ninho para que a cobra não coma os seus ovos, revela uma crença que ele aprendeu no contexto que em vive. Ao ser perguntado com quem ele aprendeu isso. Ele respondeu que foi com o seu avô. Enquanto que, outro aluno falou que foi o seu pai que o contou.

O aluno B acrescenta a informação de que os passarinhos podem também trocar os ovos de um lugar para outro ao sentirem-se ameaçados com o cheiro impregnado por um humano.

Percebemos que essa atitude de cuspir no ninho é passada de geração em geração. (Um dos alunos confessou que fora o avô que tinha lhe dito isso e o outro aluno que teria sido o seu pai.) Tornando-se uma crença para muitos inquestionável e, para outros, algo que deve ser repensado quanto a sua veracidade. O aluno C, questiona justamente essa veracidade. Já que afirma que já cuspiu e mesmo assim os ovos sumiram.

Após, esse questionamento do aluno C, a turma dividiu-se: uns defendiam que realmente funcionava e outros que não funcionava e que os ovos sumiam. Uns diziam que a cobra havia comido, e portanto, o ato de cuspir, não surtia nenhum efeito. Outros afirmavam que o casal de sabiá havia trocado o ninho, e outros alunos diziam que os filhotes haviam nascido e voado.

Os alunos ao refletirem sobre os poemas trouxeram alguns conhecimentos que não estavam escritos explicitamente, mas que faziam parte de sua experiência de vida, na maioria das vezes, do campo. Tendo em vista que, a maioria da turma reside na zona rural.

O primeiro conhecimento destacado é a variedade de espécies de pássaros que eles citam com riqueza de detalhes, como o tamanho, a cor da penugem e a descrição dos cantos. O segundo, seria a experiência de se encontrar um ninho de

passarinho e até mesmo, outras aves, como o pato, o guiné, a galinha, que são animais domésticos que, muitas vezes põem se seus ovos no mato. O terceiro seria o ato de se cuspir no ninho como uma tentativa de evitar que os predadores, como a cobra e o tejú encontrassem os ovos. O quarto seria a experiência de ter encontrado e ninho e os ovos terem sumido, assim como acontece no poema. O quinto, refere-se ao fato de se questionar a veracidade do ato de se cuspir e se o resultado seria realmente eficaz, impedindo que os predadores sintam o cheiro dos ovos, impregnado através do contato com o humano. Temos o questionamento do horizonte de expectativas, de acordo com o método recepcional.

Através das falas dos alunos os conhecimentos que fazem parte do meio em que eles vivem vão surgindo. Percebemos que as suas experiências são trazidas para o poema. Na medida em que se compara o que eles vivem com o que está no poema. Há uma relação de apropriação do texto. Talvez um aluno que não fosse da região nordeste não tivesse esta mesma interpretação, já que ela está impregnada das influências do contexto em que esses alunos vivem.

Percebemos que conforme o método recepcional temos o atendimento do horizonte de expectativas dos alunos que ao lerem o poema fizeram uma relação com a sua vivência particular. Trouxeram para o texto lido, uma informação que eles adquiriram em sua vivência no campo, já que a maioria da turma reside na zona rural de Aroeiras.

Isso revela o que a Estética da Recepção leva em consideração o leitor e o contexto em que ele está inserido. Durante toda a intervenção, à luz do método recepcional, levamos em consideração as interpretações dos alunos e seus horizontes de expectativas.

Como professores temos a necessidade de sermos mediadores entre o texto e o aluno. Pimenta (1999), estabelece uma relação de dependência entre a teoria e a prática. Devemos levar em consideração ambos os processos de ensino. Na teoria, o professor busca meios e planeja as suas ações. Enquanto que na prática o docente aplica o que havia planejado à luz das teorias. Portanto, ambas são de fundamental importância no ensino.

Cabe, ao professor planejar (teoria) e executar (prática) à luz de teorias que são mais eficazes ao seu contexto de ensino. Devemos mesclar as teorias afim de aperfeiçoarmos a nossa docência.

Com base na análise dos dados coletados percebemos que é designado ao mediador a função de proporcionar leituras que direcionem os alunos a perceberem que estão inseridos em uma comunidade e que possuem a sua cultura, seus costumes rurais, como acontece em Aroeiras, uma cidade interiorana. Tal mediação, não deve limitar-se aos momentos descritos pelo método recepional, nem apenas por Cosson (motivação, introdução, leitura e interpretação). Podemos utilizar como ferramentas para nos auxiliarmos na mediação dos poemas, os livros que trazem dados bibliográficos e a obra de poetas.

#### 3.4.4 Passarinho e menino na sala de aula

Agora, passarinho e menino  
São uma coisa só. Os dois  
vivem por aí, assim, cantando o  
Sertão - esse livro musical que  
Não tem começo, nem meio,  
Nem fim. (Piuba, 2010)

No terceiro dia em que realizamos a nossa intervenção, em 3 de junho de 2019, iniciamos a aula com a leitura de três estrofes do poema “Nas cores do tempo”, de João Paraibano que descrevem a natureza no período de inverno. Após, questionamos sobre como a natureza estava sendo representada. De acordo com Cosson (2006) este momento constitui a motivação.

Começamos com uma leitura em voz alta das três estrofes. Seguida por uma segunda leitura com pausas para as discussões.

Nas cores do tempo

Quando chove no sertão  
O sol deita e a água rola  
O sapo vomita espuma  
Onde o boi pisa, se atola  
E a fartura esconde o saco  
Que a seca pedia esmola

O rio aumenta as enchentes  
Formiga sai da panela  
Se avista a borboleta

Beijando a flor amarela  
 Pedindo licença à pétala  
 Para se deitar dentro dela

É lindo a fogo-pagou  
 E abelha na primavera  
 Uma goteira na lata  
 Na bica de uma tapera  
 E a voz de Deus nos dizendo  
 A fome daqui já era  
 (RAFAEL, PASSOS, SANTANNA, 2016)

Ao finalizarmos a leitura das estrofes, um dos alunos ressaltou o verso em que o sapo vomita espuma, imediatamente, outros alunos tanto do sexo feminino quanto do masculino se manifestaram afirmando que na época do inverno viam, a espuma do sapo nos barreiros e açudes próximos de suas residências. A lida com os animais domésticos exige a busca de água nesses reservatórios citados pelos alunos, por isso, a maioria se manifestou ao se deparar com uma imagem do seu cotidiano em um poema. Mais adiante, no Questionário II um dos alunos relembra essa mesma imagem do sapo que vomita espuma. No momento seguinte, um dos alunos mencionou o ambiente que está chovendo, sugerindo que seja o sertão.

Aluno D - No sertão demora pra chover. As pessoas passam fome demais lá.

Mediadora - O que a nossa cidade tem de diferente do sertão?

Aluno E - Aqui também demora para chover.

Aluno F- A sorte é que meu pai planta muita palma para os bichos *comer* no verão.

O aluno F lembrou do manejo que o seu pai faz para alimentar os animais no período de escassez. Ele trouxe a sua realidade para o poema.

Uma aluna retomou o verso da fartura que esconde o saco que a seca pedia esmola. Ela diz que é uma linguagem bonita e outros alunos concordam.

Seguimos com a leitura da segunda estrofe, e depois de finalizarmos uma aluna disse que brincava próximo a um pé de “pampola” pegando borboletas pelas asas. A turma começou a contar que também fazia isso.

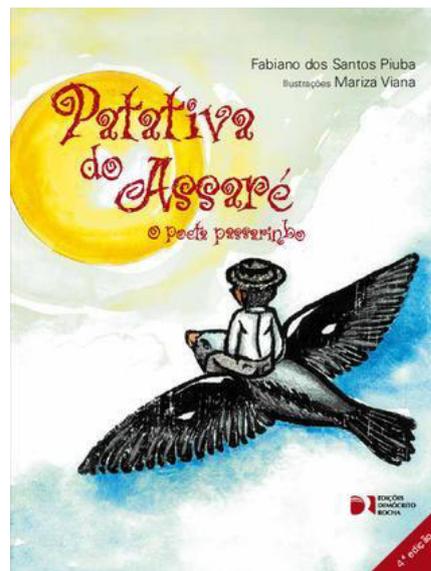
Com o término da terceira estrofe, perguntei aos alunos o que seria a fogo-pago e alguns responderam que era uma espécie de ave que teria a plumagem que lembra a cor do fogo.

Após, brevemente discutirmos sobre a natureza nos versos de João paraibano, partimos para o momento de leitura cossoniano, apresentamos o livro intitulado *Patativa do Assaré: O poeta pássaro*, de Piuba (2010) o digitalizamos em slides e o lemos, integralmente, com os alunos.

O livro aborda, simultaneamente, dados da biografia e trechos das obras de Patativa do Assaré. O autor conta a história da vida do menino Antônio e, simultaneamente, de uma ave (a patativa), até que os dois se unem e saem pelo imenso sertão produzindo versos. Inicia-se com o nascimento do poeta na cidade de Assaré e o seu encantamento pela poesia popular desde menino.

Já no momento de interpretação, conforme Cosson (2006) o primeiro elemento que chamamos atenção foi a capa a seguir:

Figura 12- Capa do livro *Patativa do Assaré: O poeta passarinho*



Fonte- Piuba (2010)

Os comentários sobre a capa foram que seria impossível alguém voar em uma ave. Indagamos quem seria esse menino que aparecia na imagem e eles prontamente afirmaram que seria o Patativa que estava sentado em uma ave chamada patativa e que por isso, o título do livro faz referência a um poeta-passarinho. Esse momento é constituído pela introdução, de acordo com Cosson (2006).

Iniciamos a leitura do livro e nas duas primeiras páginas temos a descrição do nascimento de Patativa, a imagem que aparece é de uma mão com um pincel que vai pintando a natureza de verde. Os alunos recordaram do poema "Tecendo as manhã",

de João Paraibano, quando esse pincel também pinta a paisagem.

Confessamos que essa relação não havíamos feito entre esses dois textos. Os alunos foram além do que teríamos analisado. Sabemos que não podemos nos deter aos aspectos puramente biográficos, no entanto, pelo fato dos alunos não conhecerem o poeta consideramos relevante apresentarmos o cearense para que, dessa maneira, eles pudessem entender a representação da natureza contida em seus versos.

Antônio voltou para o Ceará  
Com nome de passarinho.  
E foi assim que as vidas  
Daquele menino e daquele  
Passarinho se cruzaram pela  
Primeira vez. Agora Antônio  
Era Patativa do Assaré.  
(...)

E a poesia de Patativa crescia  
Como um pé de feijão mágico.  
Uma poesia que cantava as  
Alegrias e as tristezas de seu  
Povo, que cantava a riqueza e  
A pobreza de sua terra. Uma  
Poesia que celebravam o amor, a  
Natureza, a justiça, a igualdade,  
A fraternidade, a liberdade, o  
Sonho, a esperança e a luta por  
Um mundo melhor.

O pinto dentro do ovo  
Aspirando um mundo novo  
Não deixa de beliscar  
Bate o bico tico-tico  
Bate o bico, bate o bico,  
Pra poder se libertar.  
(...)

Agora, passarinho e menino  
São uma coisa só. Os dois  
Vivem por aí, assim, cantando o  
Sertão - esse livro musical que  
Não tem começo, nem meio,  
Nem fim.  
(PIUBA, 2010, p.23-33)

Através da leitura deste livro os alunos tiveram acesso aos dados biográficos do poeta e sua trajetória até se tornar um dos principais representantes da literatura popular nordestina. Além de, conhecerem mais versos de sua autoria. Observamos os aspectos do contexto da produção da poesia patativana e também a origem de homem do campo que cantou os problemas sociais e a natureza, muito além da pequena Assaré e de sua temporalidade, já que seus poemas são com temáticas atuais. Uma aluna no Questionário II, afirmou que gostaria de conhecer o museu que era a casa em que o poeta viveu na Serra de Santana, em Assaré.

Nas quatro estrofes acima do livro de Piuba identificamos esses aspectos citados durante a nossa aula. Na primeira estrofe, é descrita o retorno de Patativa do Assaré à sua cidade natal depois de ter viajado com um primo de sua mãe e que o apresentou a vários poetas já consagrados. Inclusive, ele veio com uma carta endereçada a doutora Henriqueta Galeno, filha do poeta e estudo da cultura popular, Juvenal Galeno. Esta carta continha as recomendações para que Patativa se apresentasse no salão de eventos. E foi dessa maneira, que o poeta ficou cada vez mais conhecido.

A segunda estrofe traz a produção poética de Patativa com temáticas que abrangiam as alegrias e tristezas de seu povo. Essa poesia continua atual apesar dos anos que se passaram desde a sua confecção.

A terceira estrofe, retrata os versos que Patativa fez com uma metáfora em que o pinto é o povo, que necessidade se manifestar em busca de seus direitos para assim conseguir “um mundo novo”. A crítica social perpassa a poesia Patativana.

Quanto à quarta estrofe aborda o fato de que a poesia de Patativa é universal e atemporal, já que o passarinho e o menino se tornaram em um só. Devemos nos atentarmos as atitudes desses adolescentes diante dos textos que os apresentamos para que não nos distanciemos, demasiadamente, desses leitores e isso cause desinteresse pelas aulas de leitura.

### 3.4.5 “Antes eu não lia, mas depois desse estudo, me interessei bastante”: Questionário II

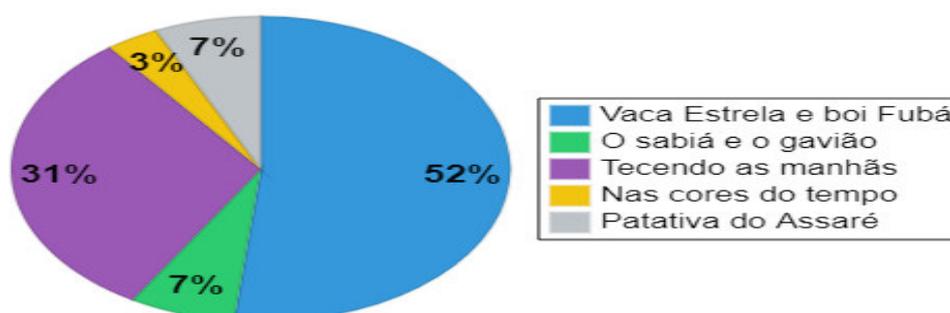
Questionário II (Apêndices D) foi aplicado no dia 4 de junho de 2019 com o intuito de sondarmos a recepção dos alunos no decorrer de nossa intervenção. O número de colaboradores que responderam é de 29 educandos. Esse momento nos auxiliou na sondagem da ocorrência de alguma mudança nas imagens da natureza obtidas antes e depois da intervenção. De acordo com o método recepcional, se houve ampliação no horizonte de expectativas dos alunos.

Esse questionário estava previsto para ser respondido na aula anterior, no entanto, com a leitura integral do livro de Piuba o tempo não foi suficiente para isso. Contamos mais uma vez, com a colaboração generosa da professora titular que nos cedeu mais uma aula. Tal imprevisto, nos faz perceber que a nossa sequência didática é flexível aos ajustes quando colocada em prática.

Dito isso, passamos a analisar os dados. O primeiro questionamento é o seguinte: Durante a experiência em sala de aula, qual poema chamou mais a sua atenção? Por quê? Lembra-se de algum trecho? Cite-o

Gráfico 13 – Poema que mais chamou a atenção

Poema que mais chamou a atenção:



**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

Como resposta, obtivemos que 15 alunos preferem o poema “Vaca Estrela e boi Fubá”, de Patativa do Assaré. Apenas 2 deles citam “O sabiá e o gavião”, de

Patativa do Assaré e 9 mencionam “Tecendo as manhãs”, de João Paraibano, 1 cita as estrofes de “Nas cores do tempo”, de João Paraibano e 2 apresentam apenas o nome do poeta cearense, Patativa do Assaré.

O poema “Vaca Estrela e boi Fubá” foi o que mais chamou a atenção dos alunos, o que influenciou nessa escolha é o fato de que além de fazermos a leitura do poema o apresentamos musicalizado na voz de Raimundo Fagner. Isso tornou a aula mais atraente para os alunos. Além disso, alguns alunos já o conheciam em ritmo de forró. Ficamos satisfeitos com a escolha metodológica de levarmos o poema musicalizado, pois isso contribuiu com a aceitação por parte dos alunos.

Para a nossa surpresa, apenas dois alunos citaram o poema “O sabiá e o gavião”. Esperávamos que os alunos escolhessem esse poema, já que ele é rico em imagens e figuras de linguagens. O poema “Tecendo a manhã”, foi retomado por 9 alunos e as estrofes de “Nas cores do tempo”, por 1. Quanto aos 2 alunos que citam apenas o nome de Patativa, não sabemos quais dos poemas gostaram.

O segundo questionamento foi: Você gostou de ler em voz alta e ouvir os poemas populares ou prefere a leitura silenciosa? Por quê?

Nos dados obtidos, constatamos que 12 alunos preferem a leitura em voz alta, enquanto, 17 preferem a leitura silenciosa.

Quadro 3– Justificativa para gostar de ler em voz alta.

1. Porque eu reflito sobre o texto e dá para compreender.
2. Porque eu acho bom a forma que eles leem.
3. Pois a mais emoção.
4. Porque a pessoa compreende o texto melhor.
5. Por que interage mais as pessoas.
6. Porque eu entendo mais.
7. Porque eu gosto.
8. Eu gosto de ler em voz alta e ouvir poemas populares.
9. Por que a pessoa aprende mais sobre o que a gente tá lendo.
10. Porque a pessoa compreende o texto melhor em voz alta.
11. Por que acontece perguntas e é mais fácil a compreensão do texto.
12. Porque a professora explica e eu entendo melhor.

**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

Das respostas que obtivemos com esta pergunta destaca-se o fato de que os alunos afirmam entender o texto melhor ao ser lido em voz alta. A resposta de número 2 “porque eu acho bom a forma que eles leem”, reforça a ideia de que o modo como

se lê a poesia influencia em sua recepção, portanto, o mediador deve esforçar-se para realizar uma leitura em um tom adequado para poema. Sobre isso, Alves (2013, p. 40) afirma que “A realização oral do poema — Não só da vertente popular — revela facilmente a riqueza e a amplitude da voz. Acredito cada vez mais, que o trabalho com a poesia precisa se empenhar no aproveitamento da voz.”. Já na resposta de número 11 “porque acontece perguntas e é mais fácil a compreensão do texto”. Enfatiza-se as discussões que acontecem no decorrer da leitura do texto literário em sala de aula. Para o método recepcional a interpretação deve acontecer através das discussões coletivas.

Sobre como abordarmos a literatura popular em sala de aula Alves (2018) afirma que por ter um vínculo com a oralidade os folhetos e os poemas populares em geral, precisam ter uma realização oral adequada. A tonalidade com que lemos, a expressão que fazemos podem tanto empolgar os alunos/ouvintes como podem desestimulá-los.

Quadro 4– Justificativas para gostar da leitura silenciosa.

1. Pois eu entendo mais.
2. Porque sim.
3. Porque eu gosto eu fico concentrada.
4. Porque tenho vergonha de ler em voz alta.
5. Porque só a pessoa e o texto e mais ninguém e ninguém não palpita.
6. Por que os meus colegas de classe, canta muito mal, mas se for cantada por professores que sabem cantar eu prefiro ouvir.
7. gosto de ouvir e também lá em silêncio é bom fazer uma leitura silenciosa que a pessoa ensaia o poema antes de ler em voz alta.
8. Por que você entra mais em contato com as histórias.
9. Por que dá menos vergonha de ler.
10. Não gosto de ler em voz alta.

**Fonte:** dados da pesquisa (2019)

As justificativas que os alunos apresentaram para não gostarem de ler em voz alta são similares as dos que preferem ler em voz alta. Com isso, é recorrente a afirmação de que a leitura silenciosa proporciona um melhor entendimento do texto.

Nas respostas de número 4 e 9 os alunos afirmam que têm vergonha de ler em voz alta. É comum encontrarmos essa situação em sala de aula, mas devemos estimular os nossos alunos a lerem também em voz alta, mesmo que a preferência deles seja pela leitura silenciosa. Na resposta de número 5 “porque só a pessoa e o texto e mais ninguém e ninguém não palpita”. O aluno não gosta de compartilhar a

sua interpretação do poema com a turma, em contrapartida, os alunos que apreciam a leitura em voz alta afirmam que gostam de compartilhar as suas impressões sobre o poema e discutir com os outros. Já na resposta 7, o aluno prefere realizar uma leitura inicial em silêncio e depois em voz alta. Essa é uma estratégia que contribui para se encontrar a entonação do poema.

Quando perguntados sobre o interesse em conhecer outros poemas populares, 20 alunos assinalaram ter interesse, enquanto que, 7 confessaram não ter. Dois deles deixaram essa resposta em branco. O número de estudantes que se interessaram pela literatura popular é significativo, portanto, ela foi bem aceita na sala de aula. Embora, não tenhamos agradado a todos os alunos, percebemos que aqueles que não se agradaram responderam em outras questões que apreciam a temática regionalista. Cabe ao mediador enxergar essas aberturas que a literatura oferece, para levar textos, inicialmente, que contemplem os gostos e aos poucos apresentar temáticas diversas em suas aulas.

Quadro 5– Temas escolhidos

1. A casa do Patativa do Assaré.
2. O tema da esperança, porque a esperança é muito bom.
3. Por que gostei de conhecer os poemas e é bastante interessante de ler.
4. Porque gostei de ler os poemas apresentados, seca escolhia seca, por que é o clima da nossa região.
5. Porque conheci outros poemas a mais. Poesia, emoção e tristeza.
6. O poema do romance, porque gosta de temas românticos.
7. Porque tem bons poemas, histórias legais e alguns temas de música de cordel.
8. Com vários temas da natureza, de animais, etc.
9. por que os poemas populares é um tipo de poemas diferente, feito pelo povo. O tema que eu gosto é lenda de folclore, ele traz muito mitos.
10. Antes eu não lia, mas depois desse estudo, me interessei bastante, gosto com tema de romance e fatos que ocorrem no dia a dia, ação e etc.
11. Eu achei interessante como foi relatado. Do amor. Pois o amor é uma coisa linda de se ver.
12. Porque os poemas são muito interessantes, romances, aventura, porque nos traz várias emoções.
13. Por que é interessante a beleza da natureza por que seria uma boa inspiração para poemas.
14. Os cordéis.
15. Porque é divertido ler em sala de aula. Qualquer um.
16. Porquê aprende outras coisas novas sobre os animais.
17. São muito interessante romance e aventuras.
18. Quero conhecer mais poemas com os temas de amor.
19. Tipo poema de comédia... pois seria legal um poema de comédia.

Fonte: dados da pesquisa (2019)

Na resposta 1 o aluno demonstra interesse em conhecer a casa de Patativa do Assaré, isso se deu pelo fato de termos apresentado em nossas aulas o contexto em que o poeta viveu, e comentamos que sua residência, atualmente, é um museu. Percebemos o interesse do aluno pelos dados biográficos de Patativa que apresentamos quando realizamos a leitura do o livro de Piúba.

Em algumas respostas os alunos descrevem particularidades dos nordestinos como a temática da seca, o clima da nossa região, a natureza, os animais. Isso se dá pela influência da identificação no texto. Os temas regionalistas estão presentes.

Na resposta 5, o aluno destaca que “conheceu outros poemas a mais. Poesia, emoção e tristeza.”, o contato com os poemas foi inédito, assim como a maioria dos alunos (exceto o poema Vaca Estrela e boi Fubá que alguns conheciam musicalizado, mas não sabiam que era de autoria de Patativa do Assaré). Esse fato contribui com a ampliação do horizonte de expectativas dos alunos. Esse aluno destaca os sentimentos que a leitura da poesia popular o proporcionou “emoção e tristeza”. A poesia e sua capacidade de proporcionar experiências individuais.

Na resposta 7, o aluno justifica que irá continuar lendo poemas populares “Porque tem bons poemas, histórias legais e alguns temas de música de cordel.”. Nesta fala percebemos que houve uma ruptura no horizonte de expectativas do aluno, de acordo com o método recepcional. Antes da intervenção ele não tinha conhecimento que os poemas poderiam ser musicalizados, como acontece com o poema “Vaca Estrela e boi Fubá”.

Posteriormente, na resposta 9, o aluno descreve os poemas populares como “tipo de poemas diferentes, feito pelo povo.” Não sabemos o que o aluno quis dizer com o termo “diferente”, no entanto, no término da intervenção, ele percebe que a poesia popular tem suas particularidades. Na resposta de número 10, o aluno afirma que não lia a poesia popular, mas que depois da nossa intervenção passará a lê-la “Antes eu não lia, mas depois desse estudo, me interessei bastante.”

Trazendo para o âmbito do método recepcional, podemos afirmar que a intervenção contribuiu com a ampliação no horizonte de expectativa do aluno. Já relacionando com Cosson (2006) este momento é o da interpretação em que o aluno é capaz de produzir e assimilar uma definição, mesmo que limitada da literatura popular.

A resposta 14 destaca os cordéis. Já a 15 e a 19 enfatizam o humor presente nos poemas que possuem a função de entreter, assim como acontece desde os tempos remotos.

O caráter bem humorado percorre quase toda a literatura popular. Os desafios dos cantadores e as disputas dos emboladores são formas em que o humor é mais trabalhado. Uma boa peleja costuma ter momentos fortes de humor, sobretudo quando os dois artistas passam a se “agredir”. As malandragens de João Grilo, Cancão de fogo e Pedro Malasartes também estão carregadas de episódios engraçados ou seja, o humor permeia qualquer tipo de narrativa, mas há momentos em que serve de recurso para chamar a atenção dos leitores/ ouvintes para determinados problemas.

Quanto as justificativas dos alunos que afirmam não gostar da poesia popular configuram-se ao fato deles não gostarem do ato de ler. Um dos alunos afirma que esse tipo de poesia não lhe agrada, contudo, em outra questão afirma que gosta de temas regionalistas (seca, o nordeste). Como já foi dito, esse pode ser o início da introdução da leitura literária.

Um dos alunos afirma que não gosta de ler, já que prefere desenhar e assistir. O mediador pode levar em consideração o fato do aluno gostar de desenhar e propor uma atividade em que ele desenhe uma imagem do poema, ou ainda, propor uma tarefa com um filme e um livro.

Continuamos com os seguintes questionamentos: Alguns elementos da natureza foram descritos de acordo como você os conhecia? Qual (is)? Alguns foram descritos como você não conhecia? Qual(is)?”

As respostas foram:

“A noite parindo o dia, porque eu já vi o dia amanhecendo”.

“As plantas no tempo seco, “

“O boi o chão sem ter capim.”

“A terra rachada com a seca e o calor no sertão, o que fala da seca dos bois magros. ”

“A seca no nordeste, os animais secos com fome e as plantas sem as folhas.

Os alunos responderam de acordo com a sua vivência no campo (o nascer da Aurora, as plantações secas no tempo de estiagem, o boi que procura o alimento sem sucesso.)

Notamos que, os elementos da natureza citados pelos alunos compõem a natureza hostil que é alvo de repúdio e encantamento do homem. As imagens descritas são recorrentes para os discentes que residem na zona rural da cidade de Aroeiras. Para os alunos da zona rural as cenas em que a seca prevalece são recorrentes em sua memória com mais notoriedade do que as imagens da época do inverno.

Sobre os conhecimentos novos que os alunos adquiriram, citam alguns termos que consideram como novos o nome colibri para designar o beija-flor e a coã mais conhecida por eles, como cauã. Mais uma vez, temos uma ruptura e ampliação no horizonte de expectativas dos alunos de acordo com o método recepcional.

Para finalizar perguntamos: Da sua vinda de casa à escola você encontra alguns elementos da natureza que estão presentes nos períodos chuvosos e de estiagens? Quais? Correlacione-os com os citados nos poemas lidos.

As respostas que recebemos foram:

- “Tem lama, árvores etc. Não lembro muita coisa.”
- “Árvores verdes.”
- “Passarinhos nas plantas, o boi gordo, etc.”
- “Vejo o rio.”
- “Eu moro em sítio e quando vamos para casa sempre olhamos a natureza, quando chove é verde e quando não chove fica cinza e os espinhos aparece.”

Com base nesses dados constatamos que os alunos citam com propriedade os animais e plantas que compõem a natureza em duas estações: o inverno e o verão. A fartura e a escassez.

As colocações dos alunos foram bastante proveitosas. Foi possível ver que a leitura dos poemas havia deixado algo neles, que a poesia popular os havia levado a refletir sobre os elementos da natureza que os rodeiam, assim como, as relações pessoais (os conflitos do homem ao ser tangido pela seca medonha, no poema Vaca Estrela e boi Fubá e o seu desejo de retornar a sua terra natal) e ainda, sobre o próprio texto literário (No Questionário II a aluna revela que antes não lia poemas, mas que irá ler, depois da nossa intervenção).

Em suas falas os alunos expuseram sentimentos e opiniões em relação ao homem do sertão e a natureza. Discutiram suas peculiaridades e a natureza com sua face bonita (que atrai o homem) e com a sua feiura (que repele o homem). Segundo Alves (2013, p.38) as vivências com a literatura popular alcançam significados diferentes para leitores variados:

Se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas ao grupo a que esteja ligado em seu nascedouro, certamente ela poderá ter um significado para outros leitores, uma vez que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidos de vivências interiores, de percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza.

Os leitores da poesia popular, em geral, podem ter experiências não apenas através da aproximação com o seu contexto, mas com a diversidade cultural que pode divergir da sua.

Com base nos dados coletados e na intervenção em sala de aula, verificamos que a literatura popular deve ser levada em consideração no planejamento de nossas aulas, já que possui uma variedade de temáticas e autores que representam a cultura do povo nordestino e, principalmente, dos nossos alunos que presenciam em seu cotidiano os fatos contados nos poemas.

Sobre a prática docente, Alves (2016, p. 74) compreende que:

O professor, na qualidade de mediador do conhecimento, deve propiciar uma prática significativa de leitura que permita ao educando tornar-se um sujeito livre, responsável e crítico. Ele deve conscientizar-se de que, “o leitor, no contexto escolar, é o aluno que precisa ser conhecido e valorizado em suas vivências de mundo e no modo como projeta estas vivências nas leituras que realiza”.

O mediador é desafiado a proporcionar uma leitura que leve os alunos a serem sujeitos livres, responsáveis e críticos (com suas ideias, posicionamentos, responsabilidades e criticidade). Nessa pesquisa, buscamos desenvolver essas habilidades em nossos alunos e ficamos esperançosos com o fato de que uma quantidade significativa de alunos revelou interesse em continuar lendo a poesia popular, e desvendar o mundo do ilustre poeta passarinho, Patativa do Assaré.

Ainda podemos espalhar a leve e bruta poesia patativana em nossas aulas, por que não diríamos, a riquíssima e encantadora literatura popular? Para isso, devemos

repensar a nossa prática docente, nossas metodologias adotadas, rever as que são mais adequadas em cada turma, as temáticas diversificadas, as avaliações dos alunos, além da nossa autoavaliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da literatura popular vem se destacando cada vez mais nas escolas. É o que verificamos com a nossa pesquisa através dos dados obtidos nas observações das aulas, na entrevista com a professora titular da turma em que realizamos a nossa intervenção e com a apresentação nos livros didáticos que pesquisamos.

No primeiro capítulo, ao tratarmos a temática da natureza na literatura popular, sobretudo a patativana, entendemos que há nessa poesia uma relação de cumplicidade entre homem e natureza, seja através da descrição de ambientes, da exposição do estado de espírito dos personagens e, até mesmo como representação de um vínculo entre a religiosidade e a natureza que tem como base a perfeita convivência entre o homem do sertão e o contexto que o cerca, permitindo-lhe, até mesmo, transformar um juazeiro em igreja e dois filhotes de sabiá em dois Santo Antônio Pequeninos. Na poesia de Patativa do Assaré a natureza não é apenas uma moldura, mas interfere diretamente na vida do homem simples do nordeste. Há uma interação e complementação entre uma e outra.

No segundo capítulo, ao verificarmos a literatura popular e o ensino, constatamos que as temáticas são variadas e podem ser apreciadas por um público diversificado em idade, contexto socioeconômico, entre outros. Verificamos que, apesar de fragmentada, há uma preocupação de trazer nos livros didáticos os poemas populares. Discutimos o método recepcional, de Bordini e Aguiar e a metodologia proposta por Cosson 2006, ambas utilizadas nas práticas de leitura em sala de aula que realizamos nessa pesquisa.

No terceiro capítulo aborda o contexto da intervenção em sala de aula, constatamos que a literatura popular é bem recepcionada pelos alunos quando eles se apropriam do texto e conseguem introduzir conhecimentos que fazem parte da sua cultura. Como ocorreu com o aluno A, ao mencionar o ato de cuspir no ninho para os predadores não comerem os ovos.

Ressaltamos ainda, a musicalidade que influenciou para que 15 alunos destacassem no Questionário II o poema “Vaca Estrela e boi Fubá” entre os demais lidos durante a intervenção. Apenas 2 deles citam “O sabiá e o gavião”, de Patativa do Assaré e 9 mencionam “Tecendo as manhãs”, de João Paraibano, 1 cita as estrofes

de “Nas cores do tempo”, de João Paraibano e 2 apresentaram apenas o nome do poeta cearense, Patativa do Assaré.

O que influenciou nessa escolha é o fato de que além de fazermos a leitura do poema o apresentamos musicalizado na voz de Raimundo Fagner. Isso tornou a aula mais atraente para os alunos. Além disso, alguns alunos já o conheciam em ritmo de forró. Ficamos satisfeitos com a escolha metodológica de levarmos o poema musicalizado, pois isso contribuiu com a aceitação por parte dos alunos.

Para a nossa surpresa, apenas dois alunos citaram o poema “O sabiá e o gavião”. Esperávamos que eles escolhessem esse poema, já que ele é rico em imagens e figuras de linguagens. O poema “Tecendo a manhã”, foi retomado por 9 alunos e as estrofes de “Nas cores do tempo”, por 1. Quanto aos 2 alunos que citam apenas o nome de Patativa, não sabemos quais dos poemas gostaram mais.

É válido destacarmos ainda que dos alunos que afirmaram não apreciar a poesia popular em suas leituras, os mesmos apresentaram interesse em temáticas regionalistas. Tendo ciência dessa informação, os mediadores das aulas de leituras devemos levar em consideração essa proximidade dos alunos com o poema através da sonoridade e afinidade das temáticas e dessa maneira, elaborar o planejamento lançando mão desse instrumento de mediação do texto poético.

Com os dados obtidos no Questionário II, comprovamos que a partir da nossa intervenção é possível incentivarmos os alunos a lerem a poesia popular, como comprovamos através da afirmação de um deles “Antes eu não lia, mas depois desse estudo, me interessei bastante”. Nas respostas dos questionários e nas falas dos a verificamos que houve um encantamento, um devaneio por parte de alguns estudantes pela literatura popular, seja através da temática da natureza, da linguagem, da musicalidade, ou do próprio poeta estudado.

Por fim, enquanto pesquisadores, acreditamos que conseguimos desenvolver o objetivo de nossa pesquisa ao levarmos aos alunos a temática da natureza nos baseando no método recepcional e proporcionando uma leitura dinâmica que passeia do texto aos conhecimentos trazidos pelos leitores. Fica o desafio dos mediadores da poesia popular em sala de aula adaptarem as sugestões adquiridas nas teorias lidas e nos livros didáticos de suas turmas a realidade que envolve os seus alunos.

Podemos proporcionar o voo da poesia popular na sala de aula e mediar o seu pouso para que, cada vez mais, leitores conheçam e possam alçar voos sozinhos, não apenas na poesia patativa, mas na riquíssima e encantadora literatura popular.

O desafio está lançado...Vamos seguindo...

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas–SP: Mercado de Letras, Associação da leitura do Brasil, 1999.

ALVES, J. H. P. **Poesia na sala de aula**. 1. ed.–São Paulo: Parábola, 2018.

\_\_\_\_\_.(Org.). 2.ed. **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2011.

\_\_\_\_\_. (org.). **Pássaros e bichos na voz de poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2004.

\_\_\_\_\_.cordel para crianças: aspectos temáticos e metodológicos ou um sabiá na sala de aula.in: DEBUS, Eliane. Bazzo, Jilvania Lima dos Santos, BOTOLLOTO, Nelita. (Orgs.) **Poesia (cabe) na sala de aula**. 1. Ed.- Campina Grande- PB: EDUFCG, 2018.

\_\_\_\_\_. SOARES, Marcelo. (orgs). **Outros pássaros e bichos na voz de poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2011.

ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Patativa do Assaré: as razões da emoção** (capítulos de uma poética sertaneja). Fortaleza: editora UFC–São Paulo: Nankin editorial, 2003.

ÂNGELO, Assis. **O poeta do povo: vida e obra de Patativa do Assaré**. São Paulo: CPC–UMES,1999.

ARRUDA, Senador Inácio (Org.). **Patativa do Assaré: Poeta universal**. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009.

ASSARÉ, Patativa. **O sabiá e o gavião**. In: ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino.16. ed.–Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Vaca Estrela e boi Fubá**. In: ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino.16. ed.–Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Inspiração nordestina: cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003.

AYALA, Maria Ignez Novais. Aprendendo a aprender a cultura popular. In: PINHEIRO, Helder. (Org.) Pesquisa em literatura. Campina Grande: Bagagem, 2003.

AYALA, Maria Ignez Novaes. **Riqueza de pobre. Literatura e sociedade**. Revista de teoria literária e literatura comparada. USP. São Paulo; n.2,1997. p.160-169.

\_\_\_\_\_. AYALA, Marcos. **Metodologia para a pesquisa das culturas populares: uma experiência vivenciada**. –Crato: Edson Soares Martins. Ed. 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BASTOS, Maria Clotilde Pires; FERREIRA, Daniela Brito. **Metodologia Científica**. Londrina. Editora e distribuidora Educacional. S.A., 2016.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura e Formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, Billy. Patativa do Assaré. **Recanto das letras**, 26 de jun. De 2014. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/4859814> >. Acesso em: 16 de dez. de 2018.

BRITO, Antônio Iranildo Alves de. **Patativa do Assaré**: Porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo. Paullus, 2010.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**. 3 ed.–Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2001.

\_\_\_\_\_. **Patativa Poeta Pássaro do Assaré**. Fortaleza: Editora Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto do ceará, 2002.

\_\_\_\_\_. **Patativa do Assaré: Natureza e cultura**. Revista do Gelne, Fortaleza, ano 1, n. 2, p. 129-132, 1999. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/31435/1/1999\\_art\\_gcarvalho.pdf](http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/31435/1/1999_art_gcarvalho.pdf). Acesso em: 24 abr. 2019.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**, 9ºano.- 9. ed.reform.- São Paulo: Saraiva, 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTINHO, Afrânio.(org.). **A literatura no Brasil–Era Romântica**. 4. ed. rev. e atual.- São Paulo: Global, 1997.

DEBS, Sylvie. **Patativa do Assaré**: uma voz do nordeste. São Paulo. Hedra, 2000.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

FEITOSA, Luís Tadeu. **Patativa do Assaré**: Digo e não peço segredo. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.

GOIÁS, Antônio. Alunos da rede municipal. **Aroeiras democrática**. Aroeiras,

9 de out. De 2012. Disponível em: < <http://aroeirasdemocratica.blogspot.com/2012/10/alunos-da-ce-central-de-ensino.html> >. Acesso em: 23 de dez. de 2019.

GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. **Filosofia da natureza**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.,2006.

**HINO OFICIAL DA CIDADE DE AROEIRAS**. Compositor e interprete: José Severino da Costa Barbosa (Dudé das Aroeiras). Arranjos: Major José Aves, músico da banda da Polícia Militar da Paraíba. Gravadora de Sandro Rogério. Paraíba. Oficializado em 28/11/2003.

JAUSS, Hans Robert. **A Estética da Recepção**: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. A literatura e o leitor: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MARCHETTI, Greta. **Para viver juntos: português, 9º ano**: anos finais: ensino fundamental. 4.ed.- São Paulo: Edições SM, 2015.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder (orgs). **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

MARINHO, Ana Cristina & PINHEIRO, Hélder (orgs). **Cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MEDINA, Maria de Fátima R. **Aboio**: Poesia e canto no compasso do gado. *Miscelânea*, v.21, p. 51–72, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, Carlos. **Natureza e ambiente na literatura de cordel brasileira**. *Revista Studies*. In: Latin American Popular Cultura, Vol. 34, 2016.

OLIVEIRA, Tânia Amaral de. [et al]. **Língua portuguesa: 9ºano**. 4.ed.- São Paulo: IBEP,2015.

PORTELLA, Cláudio. **Melhores poemas**: Patativa do Assaré. São Paulo: Global, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática e formação de professores**: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 4ª ed. São Paulo.

PIÚBA, Fabiano dos Santos. **Patativa do Assaré**: o poeta passarinho. Ilustração, Mariza Viana. - 4. ed.- Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

RAFAEL, Edmilson. Aroeiras realiza o tradicional festival de repentistas nos festejos juninos. **Casinhas agreste**, Aroeiras, 28 de jun. de 2019. Disponível em: <

<http://www.casinhasagreste.com.br/2019/06/arozeiras-realiza-o-tradicional-festival.html> >. Acesso em: 23 de dez. 2019.

RAFAEL, Ésio; PASSOS, Marcos; SANTANNA. (Orgs.) **João Paraibano: o herdeiro dos astros**. Ilustrações de Cavani Rosas. Teresina: Gráfica e editora Halley, 2016.

RAMOS, Rogério de Araújo. **Universos: língua portuguesa, 9º ano.1.ed.**-São Paulo: Edições SM, 2012.

RIBON, Michel. **A arte e a natureza**. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1991.

RODRIGUES, L. de O. **A voz em canto: de Militana a Maria José, uma história de vida**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SANTOS, José João dos (Mestre Azulão). **O que é literatura de cordel?** Capa: Erivaldo e Klevisson Viana- 1.ed. Fortaleza: Tupinanquim, 2012. [Folheto de cordel].

SANTOS, Maria Ferreira dos. **Aspectos sociológicos na poesia de Patativa do Assaré e o drama da triste partida**, 2012.

SILVA. Félix Monteiro. **A seca de Aroeiras**. 2ª ed. Aroeiras, 2015. [Folheto de cordel].

\_\_\_\_\_. **A caça e os biriteiros de Aroeiras**. 1ª ed. Aroeiras, 2015. [Folheto de cordel].

\_\_\_\_\_. **O choro comercial: Pressão fiscal em Aroeiras**. 2ª ed. Aroeiras, 2015. [Folheto de cordel].

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores repentistas e poetas populares**. Campina Grande. Bagagem, 2003.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (organizadoras). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2011.

VIEIRA, Antônio Pe. In: **Espinho e Fulô**. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desportos. Imprensa Oficial, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

**APÊNDICES**

## Apêndice A- Sequência didática

### 1ª SEQUÊNCIA BÁSICA DE LEITURA (COSSON, 2006)

---

“Tecendo as manhãs”, de João Paraibano

“Vaca Estrela e boi Fubá”, de Patativa do Assaré: apresentação

---

#### 1º Encontro (Duas aulas de 45 minutos cada)

##### (I) Motivação

Conversa inicial com a turma: Conhecem poesia? Lembram de alguma poesia lida por vocês ou pela professora? Já viram alguém declamando algum poema? Quais? Lembram de alguma poesia que retratava a natureza? Como era representada a natureza? Quais elementos da natureza você recorda e quais mais lhe chamaram a atenção? Por quê?

Leitura do poema intitulado “Tecendo as manhãs”, de João Paraibano(1).

Realizar um momento de conversa sobre a Literatura Popular para verificar os seus horizontes de expectativas.

##### (II) Introdução

Apresentar a literatura Popular amplamente.

Pedir para que os alunos façam uma leitura individual e silenciosa do poema “Vaca Estrela e boi Fubá”, de Patativa do Assaré2.

---

##### (III) Leitura

Ouvir o poema “Vaca Estrela e boi Fubá” na voz de Luíz Gonzaga e Raimundo Fagner e enfatizar o ritmo e a musicalidade. Estabelecer um contato mais afetivo com um texto que bebe da fonte dos repentes de violas e estimular a sensibilidade dos alunos para a experiência literária.

##### (IV) Interpretação

Iniciar a discussão sobre o que os alunos acham dos dois poemas lidos. Se gostaram. Discutir como a natureza é representada. Quais os elementos da natureza que mais gostaram. O(s) motivo(s) de terem gostado ou não. Estabelecer uma relação entre o poema e as três estrofes lidas.

## 2ª SEQUÊNCIA BÁSICA DE LEITURA (COSSON, 2006 )

---

**“Nas cores do tempo”, de João Paraibano**

**“O sabiá e o gavião”, de Patativa do Assaré**

---

### 2º Encontro (Duas aulas de 45 minutos cada)

#### **(I) Motivação**

Leitura de três estrofes do poema “Nas cores do tempo”, de João Paraibano que descrevem a natureza no período da seca.

Questionar sobre como a natureza é representada nas estrofes lidas.

#### **(II) Introdução**

Apresentar o poema “O sabiá e o gavião”, de Patativa do Assaré.

Questionar sobre o título do poema. O que eles acham? O que recordam?

Perguntar se eles já viram presencialmente um sabiá e/ou um gavião.

---

#### **(III) Leitura**

Realizar uma leitura oral do poema “O sabiá e o gavião”. Solicitar a participação dos alunos na leitura.

#### **(IV) Interpretação**

Fazer uma relação entre os poemas “O sabiá e o gavião” e as estrofes do poema Nas cores do tempo, lidas anteriormente.

Conversar sobre as divergências e as semelhanças na representação da natureza existente no poema “O sabiá e o gavião” e nos outros poemas lidos nas outras aulas.

### 3ª SEQUÊNCIA BÁSICA DE LEITURA (COSSON, 2006)

---

**“Nas cores do tempo”, de João Paraibano**  
***Patativa do Assaré: O poeta passarinho*, de Fabiano Piúba**

---

#### 3º Encontro (Duas aulas de 45 minutos cada)

##### **(I) Motivação**

Leitura de três estrofes do poema “Nas cores do tempo”, de João Paraibano que descrevem a natureza no período do inverno.

Questionar sobre como a natureza é representada nas estrofes lidas.

##### **(II) Introdução**

Apresentar a capa do livro *Patativa do Assaré: O poeta passarinho*, de Fabiano Piúba para os alunos comentarem sobre as suas primeiras impressões.

---

##### **(III) Leitura**

Realizar a leitura do livro na íntegra com a participação dos alunos com o auxílio de um projetor.

##### **(IV) Interpretação**

Fazer uma relação da leitura do livro *Patativa do Assaré: O poeta passarinho*, de Fabiano Piúba e os outros poemas lidos nas aulas anteriores.

Solicitar que os alunos relacionem as suas vivências com os elementos que compõem a natureza e que estão presentes nos poemas lidos. O que é semelhante e o que é diferente?

Saber qual dos poemas eles mais gostaram. E por qual(is) motivos gostaram mais.

Entregar o questionário II para ser respondido e devolvido para utilizarmos como dados da pesquisa.

**Apêndice B- Termos**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO  
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA E ENSINO  
ALUNA: LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA  
ORIENTADORA: NAELZA DE ARAÚJO WANDERLEY

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“A natureza em poemas de Patativa do Assaré e sua recepção em sala de aula”**, desenvolvida por Luciclaúdia Alves da Silva, aluna do Mestrado em Linguagem e Ensino, na linha de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), sob orientação da Professora Dra. Naelza de Araújo Wanderley.

O objetivo central do estudo é observar a recepção de poemas de Patativa do Assaré que tematizam a natureza.

Sua participação se deve à necessidade de coleta de dados com relação ao objetivo citado. Sua colaboração é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir dela. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.

Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A coleta das informações será efetivada por meio de registro das atividades, como aplicação de questionários, anotações, câmera fotográfica e gravação eletrônica em áudio e vídeo, tendo-se em vista a necessidade de facilitar a coleta de informações pertinentes ao propósito da pesquisa. Não haverá nenhum custo a você relacionado aos procedimentos previstos no estudo.

A sua participação é voluntária, portanto, não será remunerada neste estudo. Em todos os registros um código substituirá o seu nome. Todos os dados coletados serão mantidos de forma confidencial e serão usados somente para os fins deste estudo e/ou artigos posteriores. O espaço utilizado será a sala de aula e o tempo de duração do experimento é de 06 aulas.

Os registros dos diários de leitura serão transcritos e armazenados, em arquivos digitais, bem como fotografias e vídeos, mas somente terão acesso a esses registros o pesquisador e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/ENSP.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de colaborar na produção de conhecimentos comprometidos para uma prática

educacional crítica e transformadora para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O risco ou desconforto para você participar desta pesquisa será mínimo, visto que as experiências de leitura literária que pretendemos realizar não serão obrigatórias, nesse caso, haverá a liberdade de ser ouvinte/expectador, assim como a participação nos debates. Somente o registro nos diários de leitura é que exigiremos que imprima dados positivos e negativos e outras considerações acerca de cada evento ocorrido durante o experimento.

Informamos que cada participante receberá uma via desse TCLE e o endereço do CEP onde foi apreciada a pesquisa. A saber: **HUAC- Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos. Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande PB. CEP: 58109970. Telefone: (83) 2101-555.**

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, em artigos científicos e na dissertação.

Li e discuti com a pesquisadora do presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que sou livre para aceitar ou recusar a minha participação e que posso interrompê-la a qualquer momento sem dar uma razão. Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Fone: (083) 21011225

E-Mail: secretaria\_ppgle@ufcg.edu.br

Endereço: Rua Aprígio Veloso, 882 – Bodocongó

Campina Grande – PB - CEP: 58109970

Aroeiras, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ .

---

(Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa)

---

Nome completo do aluno(a)/participante da pesquisa

---

Luciclaúdia Alves da Silva  
**(pesquisadora)**

## TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TALE

Você, menor está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **A NATUREZA EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ E SUA RECEPÇÃO EM SALA DE AULA**, coordenado pela professora LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA e vinculado ao Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino, na linha de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), sob orientação da Professora Dra. Naelza de Araújo Wanderley.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo observar a recepção de poemas de Patativa do Assaré que tematizam a natureza. Se faz necessário pela continuidade dos estudos sobre a Literatura Popular, através da observação de sua apresentação em livros didáticos do 9º ano e, em sala de aula, sua mediação pelo professor e a sua recepção pelos alunos. Caso decida aceitar o convite, você será submetido à assistir seis aulas com a abordagem da Literatura Popular. Os riscos envolvidos com sua participação serão mínimos, visto que as experiências de leitura literária que pretendemos realizar não serão obrigatórias, nesse caso, haverá a liberdade de ser ouvinte/expectador, assim como a participação nos debates. Somente o registro nos diários de leitura é que exigiremos que imprima dados positivos e negativos e outras considerações acerca de cada evento ocorrido durante o experimento. O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de colaborar na produção de conhecimentos comprometidos para uma prática educacional crítica e transformadora para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

### Dados para contato com o responsável pela pesquisa

**Nome: Luciclaúdia Alves da Silva**

**Instituição: Universidade Federal de Campina Grande**

**Endereço: R. Aprígio Veloso, 882 - Universitário, Campina Grande - PB, 58429-900**

**Telefone: (83) 98151-0592**

**Email: luciclaudia.inacio@hotmail.com**

### Dados do CEP

**Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos.**  
**Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande PB.**  
**CEP: 58109970.**  
**Telefone: (83) 2101-555.**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Aroeiras, \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável  
pelo estudo

## Apêndice C- Questionário I

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Caro(a) aluno(a),

Solicitamos sua colaboração para a realização desta pesquisa intitulada "A natureza em poemas de Patativa do Assaré e sua recepção em sala de aula" a ser desenvolvida pela aluna mestranda Luciclaúdia Alves da Silva, sob a orientação da professora Dra. Naelza de Araújo Wanderley. Para tanto, pedimos que respondam a esse questionário. Agradecemos antecipadamente pela colaboração.

#### I. Identificação:

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Você mora na zona rural ou urbana da cidade de Aroeiras?

\_\_\_\_\_

#### II. LEITURA LITERÁRIA

1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor(a) exija? Quais os textos que você costuma ler?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos?

( ) Sim ( ) Não

Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3 Qual o tipo de leitura que mais lhe agrada?

( ) Revisias. ( ) Cordel.

( ) Romance. ( ) História em quadrinhos.

Poema.  Jornais.

Crônica.  Teatro.

Conto.  Outros.

4 Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.

---



---



---



---

5 Na atualidade você está lendo alguma coisa?

Sim.  Não.

Se sim, qual texto você está lendo?

---



---



---

6 Você costuma ir à biblioteca da sua escola, sala de leitura ou biblioteca pública?

a) Quando o professor (a) solicita.

b) Indicado por um amigo que está lendo um livro.

c) Não costumo ir à biblioteca.

7 Você costuma levar livros para ler em casa?

Sim.  Não.  Algumas vezes.

## II SOBRE POESIA

8 Já ouviu alguém recitar um poema? Essa leitura lhe chamou atenção? Comente.

---



---



---

---

9 Se pudesse escolher um poema para ler, que assunto você escolheria? Por quê?

---

---

---

---

10 Você já ouviu falar ou conhece a poesia de Patativa do Assaré ou até mesmo alguns de seus versos?

( ) Sim.      ( ) Não.

Se sua resposta foi afirmativa para os versos, quais deles você conhecia?

---

---

11 Você já ouviu falar em folheto de cordel? E nas cantorias de violas? Lembra-se do autor/ repentista, de algum verso? Comente sobre essa experiência.

---

---

---

12 Você já leu algum texto que abordava o tema da natureza?

( ) Sim.      ( ) Não.

Se sua resposta foi afirmativa para essa leitura, qual(is) textos você leu? Como a natureza foi apresentada?

---

---

---

---

Obrigada pela colaboração!

## Apêndice D- Questionário II

Nome:

---



### Questionário II

1 Durante a experiência em sala de aula, qual poema chamou mais a sua atenção? Por quê? Lembre-se de algum trecho? Cite-o.

---

---

---

---

2 Você gostou de ler em voz alta e ouvir os poemas populares ou prefere a leitura silenciosa? Por quê?

---

---

---

---

3 Você gostou da temática da natureza? Justifique. Dos elementos da natureza que fazem parte do cenário da seca e da chuva quais chamaram a sua atenção? Por que você fez esta escolha?

---

---

---

---

4 Você tem interesse em conhecer outros poemas populares? Por quê? Com quais temas? Justifique.

---

---

---

---

5 Alguns elementos da natureza foram descritos de acordo como você os conhecia? Qual (is)? Alguns foram descritos como você não conhecia? Qual(is)?

---

---

---

---

6 Da sua vinda de casa à escola você encontra alguns elementos da natureza que estão presentes nos períodos chuvosos e de estiagens? Quais? Correlacione-os com os citados nos poemas lidos.

---

---

---

---

Obrigada pela colaboração!

## **Anexos**

## Anexo A - Atividade da professora titular



EMEF JARDIRENE OLIVEIRA DE SOUZA – AROEIRAS/PB  
 COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA  
 PROFESSORA: PATRÍCIA GERMANO TURMA: \_\_\_\_\_  
 ALUNO(A): \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_



### INTRODUÇÃO À LITERATURA: TEXTO LITERÁRIO E TEXTO NÃO-LITERÁRIO

#### Texto I:

#### Planeta terra ou Planeta água?

Se pudéssemos olhar a Terra de cima, veríamos uma grande esfera azul: é porque o mar toma conta de quase todo o planeta.

Os oceanos compõem cerca de 70% da superfície da Terra, e os continentes ocupam o restante. Ou seja: quase 2/3 do planeta são cobertos de água.

Mas a maior parte desse montão de água é imprópria para o consumo. Do total, 97% é água do mar, muito salgada para beber e para ser usada em processos industriais; 1,75% está congelada na Antártica, na região do pólo Norte e em outras geleiras; 1,243% fica escondida no interior da Terra. Sobram apenas 0,07% de água boa para ser usada.

#### PARA COMEÇO DE CONVERSA:

- 1) Qual a função desse texto?  
Informar ou expressar as emoções de quem o escreveu? Justifique:
- 2) Na sua opinião, as pessoas desperdiçam água? O que fazer para que isso não ocorra?
- 3) Que atitudes devem ser tomadas para evitar que as pessoas poluam as águas?
- 4) A água não serve apenas para beber ou para preparar os alimentos. Ela também pode ser usada industrialmente. Você conhece algum exemplo de uso industrial da água. Fale sobre ele:
- 5) Podemos afirmar que esse texto é literário? Justifique-se

#### TEXTO II

#### Planeta Água

Água que nasce da fonte serena do mundo  
 E que abre o profundo grotão  
 Água que faz inocente riacho e deságua  
 Na corrente do ribeirão  
 Águas escuras dos rios  
 Que levam a fertilidade ao sertão  
 Águas que banham aldeias  
 E matam a sede da população  
 Águas que caem das pedras  
 No véu das cascatas ronco de trovão  
 E depois dormem tranqüillas  
 No leito dos lagos, (bis)  
 Água dos Igarapés onde lara mãe-d'água  
 É misteriosa canção

Água que o sol evapora  
 Pro céu vai embora  
 Virar nuvens de algodão  
 Gotas de água da chuva  
 Alegre arco-íris sobre a plantação  
 Gotas de água da chuva  
 Tão tristes são lágrimas na inundação  
 Águas que movem moinhos  
 São as mesmas águas  
 Que encharcam o chão  
 E sempre voltam humildes  
 Pro fundo da terra, (bis)  
 Terra, planeta água...

- 1) O texto Planeta Água trata do mesmo assunto que o texto I, entretanto eles são diferentes no modo como foram produzidos. Explique:
- 2) As águas do rio representam a vida para muitas pessoas. Com base no texto, justifique essa afirmação:
- 3) Em algumas passagens do texto, o autor atribui a seres não-humanos características próprias dos humanos. Esse recurso chama-se PERSONIFICAÇÃO OU PROSOPOPÉIA.  
Ex.: O vento varria a noite

Procure e liste as personificações que ocorrem no texto:

- 4) O autor chama o nosso planeta – a Terra – de Planeta água. Com que intenção ele faz isso?
- 5) Para expressar a sua mensagem, Guilherme Arantes, usa vários recursos comuns na linguagem literária, um deles é a rima (semelhança entre palavras diferentes). Faça uma lista das palavras que rimam entre si.
- 6) Na letra dessa música, podemos observar que a água percorre um ciclo, isto é, um movimento periódico que se completa com regularidade. Escreva que movimento completo é percorrido pela água:
- 7) Existe uma passagem no texto na qual está expresso o quanto a água pode ter aspectos positivos e negativos. Rescreva essa passagem explicando-a:
- 8) Na sua opinião qual dos dois textos consegue passar com maior clareza o problema da escassez de água em nosso planeta? Por quê?
- 9) Planeta Água é escrito em parágrafos ou em versos? A propósito, o que é um verso? Quantos versos essa composição possui?

10) Qual dos dois textos consegue transmitir mais emoção em relação ao problema da água? Por quê?

11) Qual dos dois textos é literário?

Atividade extra:

Texto 1:

Pequena crônica policial

Mário Quintana

Jazia no chão, sem vida,  
E estava toda pintada!  
Nem a morte lhe emprestara  
A sua grave beleza...  
Com fria curiosidade, *Distanciamento das pessoas*  
Vinha gente espiar-lhe a cara,  
As fundas marcas da idade,  
Das canseiras, da bebida...  
Triste da mulher perdida  
Que um marinheiro esfaqueara!  
Vieram uns homens de branco,  
Foi levada ao necrotério;  
E quando abriam, na mesa,  
O seu corpo sem mistério,  
Que linda e alegre menina  
Entrou correndo no Céu!  
Lá continuou como era  
Antes que o mundo lhe desse  
A sua maldita sina:  
Sem nada saber da vida;  
De vícios ou de perigos,  
Sem nada saber de nada...  
Com a sua trança comprida,  
Os seus sonhos de menina,

Texto 2:

No hospital da cidade de Marabá, em plena Amazônia, uma menina da qual se conhece apenas o primeiro nome: Rosália, deu entrada na emergência. Ela está em coma, tem as vestes rasgadas, o rosto dilacerado [...]. Rosália tem apenas 11 anos. Ela foi aliciada por dois homens a entrar clandestinamente no garimpo de Serra Pelada. Em troca de algum dinheiro, iria manter relações sexuais com dois garimpeiros. Isso fora o combinado.

Mas os fatos se sucederam de forma diferente. Ao entrar no garimpo - onde até então não era permitido oficialmente a entrada de mulheres -, Rosália foi forçada a manter relações sexuais com mais de 30 homens, num só dia. Completamente desfigurada, em coma e com violenta hemorragia interna, a menina foi levada às pressas para o Hospital de Marabá. Não houve jeito. Quatro horas depois, a pequena adolescente morria, deixando atrás de si mais de que a história de uma criança prostituída e sexualmente violentada na Amazônia brasileira.

A história de Rosália, uma menina das ruas de Marabá, registrada pelo posto policial da cidade, no fundo é idêntica à de dezenas de milhares de outras meninas e meninos do Brasil entregues à prostituição. Com maior ou menos grau de violência, suas histórias constituem um dos aspectos mais cruéis e dolorosos da geração de rua do

país, uma das mais comuns brutalidades a que está exposta essa infância marginalizada.

REPORTAGEM Especial, revista Afinal, São Paulo: 13.10.1987

Responda:

- 1) Todo emissor de uma mensagem tem um objetivo principal. Identifique o texto em que o objetivo predominante tenha sido informar o leitor. Justifique:
- 2) Textos informativos devem empregar uma linguagem precisa, exata, definida. Identifique no texto 1 expressões que não se enquadram nesse tipo de linguagem:
- 3) No texto 1, a "mulher perdida" transforma-se em "linda e alegre menina", depois de morta. Explique:
- 4) Copie do texto 1 uma expressão que revele a subjetividade do poeta ao tratar do destino da personagem morta.
- 5) Que elemento comum existe na maneira como morreram as personagens de ambos os textos?
- 6) Releia o texto 1. Esse texto poderia ser publicado em um jornal como se fosse uma notícia? Justifique-se.

**Anexo B - Primeiro livro didático analisado**

Neste tópico, analisa-se o papel de determinada categoria gramatical na organização e na construção dos sentidos de um texto. Assim, o objetivo das atividades não é simplesmente o de constatar o emprego da categoria estudada, mas observar sua *função semântica e estilística*.

Partindo do princípio de que as escolhas linguísticas do texto não são feitas ao acaso, mas orientadas pelo *sentido* pretendido pelo autor, esse trabalho visa demonstrar que essas escolhas (o suporte gramatical) são em grande parte responsáveis pela construção de sentidos. Veja, na página 272 deste Manual, um exemplo de como os artigos cumprem um papel decisivo na construção dos sentidos do poema “Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade.

Com atividades regulares desse tipo, espera-se desenvolver no aluno a capacidade de *ver/ler* o texto pela perspectiva da língua.

O título deste tópico varia de acordo com o conteúdo gramatical de cada capítulo. Por isso, ora se chama **As variedades linguísticas na construção do texto**, **O substantivo na construção do texto**, **O sujeito e o predicado na construção do texto**, e assim por diante.

**Semântica e discurso**

**SEMÂNTICA E DISCURSO**

1. O texto a seguir é um trecho do folheto de cidade de João Grilo, de João Ferreira de Lima. Note, João Grilo responde à primeira de várias perguntas que lhe são feitas pelo leitor. Leia-o.

João Grilo disse: antes mesmo de sair a primeira, se acabei eu sair: me foram verbas a segunda e a terceira verbas a quarta e a quinta talvez o Grilo não me diga até a derradeira.

Pergrinho, qual o animal que me deu mais trabalho: que andei de quatro por de manhã, por sua vez ao meio dia com dois passando depois, a tardinha andei com três?

O Grilo disse: é o homem que se arranja pedindo no tempo que rogatado, depois torna procação andei me por: fôrno, fogão, mas quando fôrno mandei far três pelo com o dantei.



191

2. Leia o anúncio.



**Qual artigo de marmelada foram empregados no texto?** *De qual artigo?*

b) O que os marmeladas da primeira estrofe indicam? *Qual o significado das palavras marmelada?*

c) Na segunda estrofe, o que os marmeladas indicam? *Qual o significado das palavras marmelada?*

d) A que faces da vida humana se referem, respectivamente, a manhã, o meio dia e a tardinha?

**Um artigo de marmelada?**

Quando um artigo podemos colocar na frase a palavra, **qualquer** após o substantivo que se acresce para ser masculino.

Refere-se um artigo de marmelada qualquer: para o feminino — **qualquer**.

Quando **qual** é o feminino, podemos colocar na frase antes dele, o substantivo **qualquer**, se o substantivo é masculino.

Comprei **um** livro de gramática — **acostumei** com livro de gramática.

Podemos também substituir **um** por **isto**, para ter o substantivo que expressa o objeto de que se trata.

Comprei **isto** **isto** **isto** livro de gramática.

O objetivo deste tópico é ampliar ainda mais a abordagem do conteúdo gramatical do capítulo, explorando-o pela perspectiva da *semântica* ou da *análise* do

*discurso*. É o momento em que, partindo de situações concretas de comunicação, a atenção do curso se volta para certas questões semânticas ou enunciativas, como, por exemplo, os diferentes sentidos atribuídos pelos diminutivos, a variação de sentido do adjetivo de acordo com sua posição, o emprego intencional de uma variedade linguística diferente da norma-padrão, a relação entre linguagem verbal e linguagem não verbal num anúncio publicitário, a importância da situação de produção na construção do sentido de um enunciado, a ambiguidade ou a intencionalidade linguística num anúncio publicitário, as formas de tratamento adotadas pelos interlocutores em vista dos papéis sociais que desempenham ou do grau de formalidade na situação, etc.

No estudo dos verbos, por exemplo, a gramática normativa contenta-se em descrever os tempos e modos verbais e explicitar as normas de quando se deve empregar este ou aquele tempo e modo. Em **Semântica e discurso**, entretanto, o estudo dos verbos volta-se para o exame dos *aspectos verbais*. Por exemplo, ressalta-se o papel do futuro do pretérito como modalizador, isto é, como forma educada de pedir algo a alguém (Você *poderia* me emprestar...); o uso do pretérito imperfeito nas narrativas em geral e o emprego especial de *era* em “Era uma vez...” nos contos maravilhosos; as alterações semânticas decorrentes de mudança do tempo verbal, como em “Quando ela se sentava à mesa, eu me levantava” e “Quando ela se sentou à mesa, eu me levantei”; a intencionalidade imperativa num enunciado como “A luz está acesa”, quando a mãe tem a intenção de pedir ao filho próximo do interruptor que a apague (o que equivale a dizer “Apague a luz”).

Enfim, trata-se de um tópico que objetiva — por meio de atividades que propiciam a observação de fatos linguísticos numa situação concreta de interação verbal, a interpretação de textos, a reflexão sobre os recursos semântico-expressivos da língua — promover estudos capazes de, por um lado, desenvolver a competência linguística do aluno e, por outro, explicitar os mecanismos de funcionamento da língua, a fim de que ele se sirva deles com maior consciência e domínio.

Ao mesmo tempo, este tópico constitui uma resposta aos anseios de professores, escolas, vestibulares e propostas curriculares de vários Estados que, diante de constatação da insuficiência do antigo modelo descritivo-classificador, já vêm adotando essa nova abordagem da gramática.

## Anexo C- Segundo livro didático analisado

### LÍNGUA VIVA

Responda sempre no caderno.

## Concordância nominal e expressividade

1. Leia o trecho do poema.

### Ispinho e fulô

É nascê, vivê e morrê  
Nossa herança naturá  
Todos têm que obedecê  
Sem tê a quem se quexá,  
[...]

Até a propa criança  
Tão nova e tão atraente  
Conduzindo a mesma herança  
Sai do seu berço inocente,  
[...]

Fora da infância querida  
No seu uso de razão  
Vê muntas fulô caída  
Machucada pelo chão,  
Pois vê neste mundo ingrato  
Injustiça, assassinato  
E uns aos outros perseguindo  
E assim nós vamo penando  
Vendo os ispinho omentando  
E as fulô diminuindo.  
[...]



Marcelo Guimarães/IDR

Patativa do Assaré. *Ispinho e fulô*. São Paulo: Hedra, 2005. p. 25-26.

1c. A concordância nominal não é a prescrita: nem todos os nomes concordam com o substantivo ao qual se referem. O mesmo acontece em "Vê muntas fulô caída / Machucada pelo chão".

- a) Que ideia a respeito da vida está presente na primeira estrofe do poema?  
A primeira estrofe apresenta o ciclo da vida como fato que deve ser aceito.
- b) A escrita do poema é marcada por traços da linguagem oral. Observe como são grafadas as palavras do título. Agora, verifique como esses substantivos estão registrados no dicionário. Os substantivos *ispinho* e *fulô* correspondem, no dicionário, a *espinho* e *flor*.
- c) Além das peculiaridades ortográficas, qual aspecto sintático se pode observar nos dois últimos versos? Copie outros dois versos nos quais se observa essa mesma ocorrência.
- d) De acordo com a norma-padrão, a concordância nominal se dá em gênero e em número. Nos exemplos analisados, qual desses tipos de concordância recebe tratamento diferente da norma?  
A concordância em número.
2. O trecho a seguir foi extraído de uma notícia sobre uma Copa do Mundo informal, em São Paulo, que reuniu 16 "seleções" formadas por 200 refugiados de Angola, Síria, Paquistão, Iraque, Mali, entre outros.

"Eu e você, vamos viver em paz / briga e guerra, vamos deixar para trás / refugiados, nós somos capaz / discriminação, não pode mais", diz um trecho da música [...].

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/isp/cotidiano/179039-selecoes-de-16-paises-disputam-em-sao-paulo-a-copa-dos-refugiados.shtml>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

Na letra da música, ocorre um desvio de concordância nominal. Mencione-o e indique a forma adequada. Do ponto de vista expressivo, o que justifica essa ocorrência? "Nós somos capaz", em lugar de *capazes*. O que justifica isso é a rima de *capaz* com *paz*, *trás* e *até* com *mais*.

3. O texto abaixo foi retirado de uma faixa exibida por jogadores de futebol.

SOMOS PRETO, SOMOS BRANCO. SOMOS UM SÓ.

Do ponto de vista expressivo, o singular nos adjetivos contribui para sugerir uma ideia importante veiculada na faixa. Que ideia é essa?

O singular em *preto* e *branco* sugere a unidade, assim fica reforçada a ideia de todos ali serem um só (um só ser: o humano).

O desvio da norma-padrão no que diz respeito à **concordância nominal** pode ser um **recurso expressivo** para caracterizar o grupo social ao qual pertence o eu lírico, o narrador ou uma personagem e pode também criar efeitos poéticos.

## Anexo D - Terceiro livro didático analisado

### UNIDADE 2 – Capítulo 1

#### Indivisíveis

O meu primeiro amor sentávamos numa pedra  
Que havia num terreno baldio entre as nossas casas.  
Falávamos de coisas bobas,  
Isto é, que a gente grande achava bobas  
Como qualquer troca de confidências entre crianças de cinco anos.

Crianças...

Parecia que entre um e outro nem havia ainda separação de sexos  
A não ser o azul imenso dos olhos dela,  
Olhos que eu não encontrava em ninguém mais,  
Nem no cachorro e no gato da casa,  
Que tinham apenas a mesma fidelidade sem compromisso.  
E a mesma animal – ou celestial – inocência,  
Porque o azul dos olhos dela tornava mais azul o céu:  
Não, não importava as coisas bobas que disséssemos.  
Éramos um desejo de estar perto, tão perto  
Que não havia ali apenas duas encantadas criaturas  
Mas um único amor sentado sobre uma tosca pedra,  
Enquanto a gente grande passava, caçoava, ria-se, não sabia  
Que eles levariam procurando uma coisa assim por toda a sua vida.

QUINTANA, Mário. *Nova antologia poética*. 5. ed. São Paulo: Globo, 1995.

#### Cordel adolescente, ó xente!

Sou mocinha nordestina,  
meu nome é Doralice,  
tenho treze anos de idade,  
conto e reconto o que disse,  
pois me chamo Doralice,  
sou quem vende meu cordel  
nas feiras lindas do longe  
onde a poesia se esconde  
nas sombras do meu chapéu!  
Contei de uma garota  
que amava um cangaceiro,  
era um tal cabra da peste,  
um valentão do Nordeste  
que montava a ventania,  
trazia susto e coragem  
por cada canto que ia!

Virge Maria!  
[...]  
Nos cascos do seu cavalo  
tinha trovão e fásca,  
tinha fogo, tinha brasa,  
fósforo que queima e risca  
o escuro e ilumina a paixão em Bertulina!  
O moço chegou chegado,  
sorriu sua beleza,  
saltou fora do cavalo  
(vontade ninguém segura),  
roubou o beijo da boca  
de Bertulina, a donzela.  
Depois de assaltar o beijo,  
perguntou o nome dela.  
– Eu me chamo Bertulina,